



Maria Beatriz Barroca

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Um Serviço Educativo em Construção

Relatório de Estágio do Mestrado em Política Cultural Autárquica, orientado pelo Doutor João Maria André e apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: Um Serviço Educativo em construção

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	MOSTEIRO DE SANTA CLARA-A-VELHA – UM SERVIÇO EDUCATIVO EM CONSTRUÇÃO
Autora	Maria Beatriz Barroca
Orientador	João Maria André
Júri	Presidente: Doutora Maria Margarida Sobral da Silva Neto
	Vogais:
	1. Doutor João Maria Bernardo Ascenso André
	2. Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em Política Cultural Autárquica
Área científica	História
Data da defesa	06/07/2016
Classificação	17

Agradecimentos

Agradeço ao Doutor João Maria André por toda a disponibilidade dispensada, bem como à Doutora Catarina Cunha Leal, e equipa do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pelo acolhimento nesta instituição.

Agradeço, ainda, à minha família e ao Eduardo Pereira por todo o apoio e ajuda nesta etapa da minha vida e do meu percurso académico.

Resumo

O presente relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Política Cultural Autárquica refere-se ao período de estágio curricular entre Outubro de 2015 e Março de 2016, efectuado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, tutelado pela Direcção Regional de Cultura do Centro.

Este estágio curricular foi realizado na instituição acima mencionada em virtude de a estagiária ter manifestado interesse em o fazer no sector da Programação Cultural, mais propriamente no Serviço Educativo.

Este relatório começa por fazer um enquadramento e uma reflexão teóricos acerca do conceito de museu e da sua evolução, faz uma abordagem da relação escola-museu, da educação, da educação artística e da educação pela arte e do Serviço Educativo.

Posteriormente faz-se uma análise da entidade de acolhimento, do seu modo de funcionamento, das suas valências, das suas lacunas, e da situação em que o Serviço Educativo se encontrava aquando do início do referido estágio.

No culminar desta exposição, relatam-se as actividades levadas a cabo ao longo dos seis meses de estágio, nomeadamente a actividade programada pelas estagiárias Beatriz Barroca e Marta Lourenço, *Mosteirando por um Dia*.

Abstract

This report, made during the Master's Degree in Municipal Culture Policy in Faculdade de Letras of the University of Coimbra, states to the period of a curricular internship occurred between October 2015 and Mars 2016 in Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, supervised by the Regional Direction of Coimbra's Culture.

This curricular internship was taken in this institution because the trainee showed interest in making it according to her knowledge of Cultural Programming, specifically in Educational Service.

This report starts by exploring the theoretical context and reflection about the concept of museum and its evolution, while making an approach about the relationship between school and museum, education, artistic education and education through art and Educational Service.

Afterwards it makes an analysis of the host, its performance, its facets, its gaps and the situation where the Educational Service was in the beginning of the referred internship.

The highlights of this performance could be seen during the activities carried out along these six months of internship, namely the activity programmed by the interns Beatriz Barroca and Marta Lourenço, *Mosteirando por um Dia*.

Índice

Índice	5
Introdução	6
Capítulo I Património cultural, museus e serviços educativos	7
O Museu	10
A Educação e a sua relação com os museus	13
Educação Artística e Serviços Educativos	18
O Serviço Educativo	21
Capítulo II Caracterização da entidade de acolhimento e do espaço do estágio	30
Direcção Regional de Cultura do Centro	30
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: introdução histórica	32
O Centro Interpretativo	36
A estrutura e o funcionamento do Centro Interpretativo e do Serviço Educativo ..	40
Actividades entre 2009 e 2015	43
Capítulo III Relatório de Estágio	55
Enquadramento	55
Actividades desenvolvidas e sua produção	58
Capítulo IV Conclusão	72
Bibliografia	77
Anexos	82

Introdução

O presente relatório reflecte cerca de 6 meses¹ de estágio curricular, compreendido entre Outubro e Março de 2016, e realizado no âmbito do Mestrado em Política Cultural Autárquica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O estágio foi realizado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, entidade tutelada pela Direcção Regional de Cultura do Centro.

Este relatório visa fazer uma reflexão sobre o Serviço Educativo a um nível teórico, numa primeira parte, através de um estudo de algumas obras de referência sobre o tema, e a um nível prático, numa segunda e terceira partes, respeitante ao estágio decorrido no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Optei por fazer este estágio na Direcção Regional de Cultura do Centro com o objectivo de pôr em prática as competências adquiridas ao longo do primeiro ano curricular do Mestrado em Política Cultural Autárquica, e de obter experiência profissional no âmbito da programação cultural, área que tem orientado o meu percurso académico.

Este segundo ano levou-me ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e levou-me, também, a uma área que até aqui ainda não tinha tido oportunidade de contactar: a do Serviço Educativo.

¹ Mais concretamente, 528h de estágio.

Capítulo I

Património cultural, museus e serviços educativos

Para compreender o serviço educativo, é necessário compreender, numa primeira instância, a importância da cultura². A cultura é um sector que facilmente sofre a influência de outros factores da vida social e humana (económicos, educativos, humanísticos). A cultura é uma forma de expressão, pelo seu carácter criativo na medida em que, como diz, Iñaki Lopez de Aguilera “entendemos por cultura um conjunto de actividades e produtos de carácter simbólicos; realizados nos âmbitos intelectual, artístico, social e recreativo, concebidos com um carácter criativo” (Aguilera, 2000 p. 21). A cultura é, também, património, na medida em que a cultura funciona como o registo em que as populações tomam consciência do mundo e se apropriam da sua identidade. Deve ver-se de um ponto de vista em que há um potencial crítico e emancipador, mas, também, um potencial manipulador e totalizador³.

Citando Edward B. Tylor, “É cultura ou civilização o todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”. (Tylor, 1878) É formação de carácter e de identidade. A cultura também é uma forma de estar social, e implica dois momentos: a criação (artístico-cultural) e o consumo. Dois momentos: a partida e a chegada, porque quando alguém cria, pretende que esse produto chegue a um público⁴.

A actividade cultural está envolta em várias tensões: o tempo (passado e actualidade), em constante mudança; identidade e novidade; unidade e multiculturalidade; estabilidade e efemeridade.

Ao nível de um enquadramento político geral, a cultura e as indústrias culturais representam cerca de 2,6% do Produto Interno Bruto. Além disso, a cultura deve ser encarada como factor de integração e de desenvolvimento social, criando laços de identidade nacional. Em 2014 “Os museus

² Não pretendo, com esta introdução, fazer uma abordagem completa do que é a cultura, mas sim, fazer uma abordagem contextualizada no âmbito do estágio e relatório no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

³ Basta recordarmo-nos do papel massificador da cultura nos regimes fascistas, e do seu papel essencial para o triunfo de tais formas políticas. A nível museológico, por exemplo, era através dos museus que os Estados manifestavam o seu poder.

⁴ Ainda assim, é de salientar que a complexidade da actividade cultural não começa no patamar da criação, nem termina no patamar do consumo. Entre o patamar da criação e o patamar do consumo, existe o patamar da produção e o patamar da distribuição. A cultura termina na conservação, nomeadamente, com os espaços de conservação do património artístico (bibliotecas, videotecas, museus, etc.)

registaram mais 700 mil visitantes”⁵ (...) “Em 2014, as despesas das Câmaras Municipais em atividades culturais e criativas ascenderam a 353,4 milhões de euros, significando uma diminuição de 25 milhões de euros face ao ano anterior”⁶. (Tratando-se de um relatório de estágio curricular no âmbito do Mestrado em Política Cultural Autárquica, seria descabido não referir o papel das autarquias na cultura).

E o que é um museu? Segundo o ICOM (International Council of Museums), “o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”⁷. No caso da Museums Association de Inglaterra, a definição é esta: “Os museus permitem que as pessoas explorem as colecções para encontrarem inspiração, aprenderem e se divertirem. São instituições que preservam, salvaguardam e tornam acessíveis artefactos e espécies, que mantêm em segurança para a sociedade”⁸. E o que é o património? Segundo a DGPC (Direcção Geral do Património Cultural), é um “universo amplo e complexo, permanentemente presente no nosso quotidiano, o Património Cultural é indissociável da realidade socioeconómica, requerendo conhecimento, protecção e valorização; (...)”⁹. O património deve ser cuidado e preservado, para nosso benefício e o das gerações vindouras, pois o património faz parte da nossa identidade e da herança dos nossos antepassados.

Até ao final do século XVIII o património estava inserido numa esfera privada, um pouco como os museus. A partir da Revolução Francesa, o património começa a ganhar uma dimensão aproximada à dos dias de hoje, e contrária à anterior, a dimensão colectiva (“testemunho da história da nação” (Audrerie, 1997, p. 15 apud Mendes, 2009, p. 188) e também em 1790, em França, nasce pela primeira vez a expressão “monumento histórico”. A partir da II Guerra Mundial

⁵ A título de curiosidade, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha registou 61 326 visitantes em 2015, o maior número de visitas de sempre.

⁶ Instituto Nacional de Estatística. Disponível em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=224737758&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt

⁷ ICOM Portugal. Disponível em http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx.

⁸ Museums Association. Code of Ethics for Museums. Disponível em: <http://www.museumsassociation.org/ethics/code-of-ethics>

⁹ DGPC | Direcção Geral do Património. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/>

fala-se cada vez mais em “património cultural”¹⁰, que a Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro, conhecida por Lei de Bases do Património Cultural visa: “artigo 1º: 1 — A presente lei estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura. 2 — A política do património cultural integra as acções promovidas pelo Estado, pelas Regiões Autónomas, pelas autarquias locais e pela restante Administração Pública, visando assegurar, no território português, a efectivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e das tarefas e vinculações impostas, neste domínio, pela Constituição e pelo direito internacional. Artigo 2º: 1 — Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.”¹¹

No meu ponto de vista, esta será a citação que melhor ilustra a importância formativa e social do património: “Através do património material entramos num contacto directo com as pessoas de todas as épocas e culturas, experimentamos a extraordinária diversidade do mundo natural e expandimos a nossa percepção do que significa a existência humana. Por outro lado, a descoberta do nosso património estimula a nossa consciência crítica no que respeita à nossa identidade, assim como o respeito pelos outros ao constatarmos a existência de valores humanos que são partilhados e que unem as pessoas de diferentes culturas. Em suma, o património cultural, ao mesmo tempo que nos permite compreender melhor o papel da humanidade no mundo, através do tempo, permite--nos apreciar mais intensamente a dimensão ética e moral da vida humana.” (Homs, 2002).

¹⁰ Apesar de, na maioria das vezes nos referirmos ao “cultural” quando falamos de “património”, há outros tipos de património, como é o caso do património industrial, património arquitectónico, património literário, património linguístico, património material, património imaterial, património científico, património gastronómico, etc.

Note-se, ainda, que foi em 1946, que foi criado o ICOM, demonstrando-se, também que este foi o símbolo de uma mudança de postura face à arte e à cultura.

¹¹ Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

O Museu

Ao longo dos anos, o museu sofreu algumas alterações ao nível dos seus objectivos: inicialmente, o museu “servia” para coleccionar objectos e contribuir para a sua preservação, que Luis Alonso Fernández justifica: “A história e a evolução do museu estão intimamente ligadas à própria história humana. Especialmente a necessidade que o homem de todos os tempos, culturas e lugares tem sentido de coleccionar os mais diversos objectos e de os preservar para o futuro. Esta constante produziu, após mil anos de gestação, o nascimento do museu, que explica sectores importantes dessa evolução humana em múltiplas facetas do seu desenvolvimento cultural, técnico e científico. Uma instituição que completa o processo histórico da humanidade, fornecendo-lhe elementos diferentes dos expressos pela história escrita.” (Fernández, 1993 apud Mendes, 2009, p. 31).

Ao contrário do que se poderá pensar, nem sempre existiram tantos museus como os que existem neste momento. O modo como os museus são vistos também mudou. Foi a partir dos anos 60 que se deu uma “(...)’explosão museológica’ — consubstanciada na criação de um elevado número de novos museus, muitos deles com características verdadeiramente inovadoras (...). Sem se descurem os objectivos tradicionais — de reunir/coleccionar, estudar, preservar, e divulgar o respectivo património —, outras finalidades têm vindo a ser reforçadas, nomeadamente as de dinamização cultural, comunicação e educação.” (Mendes, 2009). Além do crescimento exponencial dos museus nos anos 60, cada vez mais lhes é dada uma maior importância, bem como ao seu serviço educativo, até pelo facto de a não-existência desse serviço, numa instituição museológica, ser uma enorme lacuna. Por estas razões, essas entidades vêem-se na contingência de repensar a sua missão.

Actualmente, um museu já não é um edifício intocável. Já não é uma entidade estática, parada no tempo, que espera que as pessoas venham ao seu encontro. É o local por excelência para ir ao encontro das pessoas, que deve beber delas, para depois dar de beber a outras, pois é de sublinhar o papel social dos museus. O museu já não vive só do seu espólio e do que tem para mostrar, também é seu dever focar-se nos seus visitantes e no seu público. É necessário captar

novos públicos, e fidelizar os existentes. Apesar de aqueles que já visitam o museu serem uma peça fundamental, também é necessário ter atenção (e talvez uma atenção redobrada) aos que ainda não o fazem, quanto mais não seja para recordar a quem gere uma instituição museológica que a presença de visitantes constitui um recurso para o local, ou a falta dele, se não os houver. É necessário existir o “museu para as pessoas. Do museu que abre as portas, que procura comunicar, inspirar, maravilhar, mas também envolver as pessoas, ser relevante para elas, ser um espaço de encontro e também de confronto de ideias, de partilha e de convívio. (...) Museus sem pessoas não são museus. São instituições distantes, frias, incompreensíveis e, conseqüentemente, irrelevantes” (Vlachou, Faria, & Teixeira, 2013). Um museu deve, assim, criar uma identidade, e também ele deve saber gerar um pouco da identidade de quem o visita. Porque aquele que visita um museu nunca deve sair sem levar alguma coisa, mesmo que imaterial, consigo.

Este será o “museu acessível”, como observam Maria Vlachou e Fátima Alves na *Colecção Públicos – Serviços Educativos na Cultura*. “um museu acessível é um museu que se preocupa com o seu actual e, sobretudo, potencial público; procura conhecê-lo melhor, a fim de poder adaptar a oferta às suas necessidades, com o objectivo de o captar e de o fidelizar. Um museu acessível é um museu de portas e mentes abertas. Para isto se tornar realidade devemos considerar os seguintes passos: identificação de públicos-alvo; contacto com os públicos-alvo, directo ou através dos seus líderes e/ou representantes; adaptação da nossa oferta às necessidades do público-alvo; divulgação da oferta.” (Vlachou & Alves, 2007)

Há que perceber que, neste momento, há uma realidade a assolar os museus (não só os museus, também a cultura em geral), uma realidade que reflecte um desinteresse por parte das pessoas em consumir cultura. Ou melhor, o que se verifica neste momento, com as televisões, e, sobretudo, a emergência cada vez mais globalizante da internet, é que a cultura é consumida, em 90% dos casos, em casa. Não há uma necessidade de sair de casa para se ser consumidor de arte ou de cultura. Daí, também, o desinteresse generalizado. Mas a cultura continua a estar no mercado, compra-se, vende-se, consome-se. Esta é uma tendência natural dos nossos dias, mas os museus e as instituições culturais em geral terão de criar estratégias para combater esse acontecimento, ou, pelo menos, não serem ultrapassados, e compreender que estão perante um público exigente: “Trata-se de

uma sociedade baseada na ciência (alguns dirão dominada pela tecnologia) com indústrias de comunicação e de divulgação eficazes, comunicações electrónicas instantâneas, e uma cultura pluralista na qual as fronteiras entre cultura de elite e cultura de massas se esbateram” (Miles & Zavala, 1994 apud Faria, 2004, p. 7). Uma solução possível será a do museu digital ou museu online, onde o visitante, depois da ida ao museu poderá enriquecer-se na plataforma digital do mesmo, ou o ainda não-visitante, ao descobrir o espaço online, ficará curioso e quererá conhecer o espaço físico. George MacDonald acredita que "chegámos a um momento em que os museus, com as possibilidades da Internet e de interconexão dos seus bancos de informação terão um futuro mais radioso que nunca, porque as pessoas têm tendência a verificar a veracidade das imagens através da experiência com o objecto real (...) quando trabalhei no Museu da Civilização de Ottawa, tinha consciência que muitos dos visitantes tinham crescido na era da televisão - o final de 40 e início de 50 — e que a televisão influenciaria as suas expectativas em relação ao museu ... Por outro lado, a audiência do novo Melbourne Museum será composta de indivíduos que cresceram com computadores e, mais recentemente, com a Internet. Trazem capacidades de manipulação da informação que são diferentes das formas passivas de obter informação que caracterizaram a geração da televisão. Sabem como navegar através de enormíssimos bancos de dados. E é isso que os museus tiveram sempre como sua especificidade: enormes bancos de dados, enormes reservatórios de informação” (MacDonald, 2000).

A Educação e a sua relação com os museus

Relativamente à educação, esta era tida, inicialmente, como um privilégio única e exclusivamente das elites, mas esse conceito mudou, passando a estar acessível a todos. Na verdade, “(...) a museologia - ao longo de Oitocentos — regista as seguintes tendências: criação de um número razoável de novos museus, inclusive de escala média ou pequena; diversificação do tipo de museu, alguns dos quais passam a contemplar novos géneros de património cultural (relacionado com as actividades económicas e com o desenvolvimento tecnológico); (...)” (Mendes, 2009), e extremamente importante para o objecto deste relatório: “(...) o museu começa a ser visto como um excelente complemento da escola, em especial no que concerne ao ensino técnico--profissional (várias escolas técnicas tinham anexo o respectivo museu); além disso, o museu volta-se progressivamente para a educação do grande público.” (Mendes, 2009). Tanto assim foi que “O potencial educativo era a força motriz que impulsionava a fundação de muitos museus, particularmente na Grã-Bretanha, o *Victoria & Albert Museum*.¹² (...) Nessa altura, os museus, eram sem dúvida instituições para a educação do público.” (Hooper-Greenhill, 1998) E desde os primórdios da humanidade, e refiro-me, neste caso, à Grécia Antiga, que o ser humano se via e era visto como “inacabado”, e num ciclo de aprendizagem interminável. Falando em Grécia Antiga, é inevitável mencionar Platão e Aristóteles, que foram dois mentores no que toca à educação, naquela época.

Ainda assim, apesar de os museus terem tido nas escolas um aliado, o que é certo é que com o apoio dado ao ensino público, em finais do século XIX, o museu ficou um pouco em segundo plano. Alguns tentaram combater esse flagelo, chamando a atenção para as valências do museu, como foi o caso d’*O Archeologo Português*: “É também necessário obrigar as escolas oficiais, de toda a qualidade de ensino, a mandarem os seus alunos aos museus, para aí procurarem o devido ensinamento que, muitas vezes, vale por uma dúzia de prelecções”. (Museu Nacional de Arqueologia, 1897 apud Mendes, 2009, p. 34) Além disso, a revista também alertou para a necessidade da existência de pessoal técnico competente para que o museu pudesse desempenhar esse papel pedagógico, algo que ainda falha em algumas instituições museológicas.

¹² Fundado em 1852.

Verifica-se, então, um retrocesso, quando os museus se vêem ameaçados pelas escolas e o ensino formal, voltando ao ponto em que a sua preocupação se reduzia às colecções e a sua salvaguarda. Exemplo disso é o facto de no século XX o conservador e a actividade de conservação serem as mais relevantes dentro dos museus. O conservador tinha formação para exercer as suas funções, ao contrário do que acontecia com o “educador”, o que além de conferir mais prestígio à pessoa à frente dessa função (de conservador), também afectava o modo como esses departamentos eram vistos, e, conseqüentemente influenciava o papel do museu como instituição. “A óbvia natureza dos museus voltados para a educação foi-se perdendo, à medida que os conservadores lutavam para estabelecer museus como lugares nos quais objectos importantes eram reunidos e conservados. O desenvolvimento das práticas de conservação significou que o trabalho educativo passou para segundo plano. O museu preferiu tomar posição ao lado das universidades, como instituição de pesquisa, mais do que ao lado das escolas, como local de educação.” (Hooper-Greenhill, 1998 apud Mendes, 2009, p. 35).

Em Portugal, os museus aproximaram-se das “campanhas educacionais do século XIX (...). Durante todo o século XIX, e até ao período do Estado Novo, a sua maior ou menor abertura a novos públicos deverá ser entendida no âmbito das discussões sobre o futuro do reino/nação e a sua vocação mais ou menos industrial ou agrícola; reflectindo-se estas sobre que tipo de museus a promover: museus industriais de tipo moderno ou museus tradicionais (museus agrícolas, de arte ou história social ou ainda as três vertentes num só museu como é o caso de muitos dos museus locais) de então.” (Faria, 2004 p. 10) Optava-se por realçar os museus locais com exposições relacionadas com as colónias e a agricultura.

A viragem é dada pelo Museu Nacional de Arte Antiga, que investiu na formação dos seus profissionais, e o papel de João Couto¹³ (1892-1968) sobressaiu pelo facto de, na década de 30, ter contribuído para a criação e desenvolvimento do primeiro “Serviço de Extensão Educativa” (mais tarde continuado por Madalena Cabral [1922-2015], que criou o Serviço de Educação do Museu em 1953). “(...) Todos os serviços de extensão escolar são bastante acarinhados, e por isso têm-se desenvolvido muito (...). Independentemente das escolas, também o público é solicitado pelas

¹³ Primeiramente conservador, e posteriormente director do MNAA.

constantes conferências, visitas explicadas e pelas exposições temporárias que realizam. Neste departamento o Museu de Arte Antiga desenvolveu uma acção movimentada que abriu horizontes e deu lugar a uma profícua laboração” (Couto, 1954 apud Faria, 2004, p. 11). O que é certo é que “tratou-se de uma medida pioneira, em Portugal, que viria a ter repercussões noutros museus do país, promovendo e incentivando a colaboração destes com as escolas” (Costa, 1996 apud Mendes, 2009, p. 35). Foi também João Couto quem se apercebeu de que não era possível concentrar a função de conservador e educador na mesma pessoa. Passou, também, a sobressair como público-alvo dos museus o público escolar ou infanto-juvenil.

A partir dos anos 60/70 começa a observar-se uma certa propensão para a mudança por parte dos museus, ou seja, começam a surgir museus “diferentes”, havendo uma imensa variedade (ecomuseus, museus dinâmicos, centros de ciência, exploratórios, centros de interpretação, museus online, etc.), com valorização das estruturas dos edifícios museológicos, desenvolvimento de metodologias para a conservação, um crescimento do museu como espaço de comunicação e de educação. Verifica-se uma alteração que determina a identidade do museu: este deixa de estar concentrado em si mesmo para se concentrar no público que o rodeia¹⁴, e é daí que nasce o Serviço Educativo. “Foram diversos os motivos que contribuíram para este reabilitar do museu, como *espaço* ou *recurso educativo*, também por vezes designado como ‘meio didáctico’ ou mesmo como ‘educador’. Recordo, ainda que sumariamente, as razões principais: *de ordem científica*. Estas relacionam-se com o progresso de ciências como a psicologia (...), a história (...) e a etnologia (...)”¹⁵. *De ordem pedagógica*. Com a difusão da ideia de educação permanente e para todos e não apenas para um determinado grupo etário, enquanto frequenta a escola. *De ordem didáctica*. Ao reconhecerem-se as vantagens da análise dos objectos e da respectiva tridimensionalidade, no processo de ensino-aprendizagem, bem como da diversificação de métodos, processos e estratégias educativas, consoante as circunstâncias e os indivíduos em presença. *De ordem tecnológica e civilizacional*. Entre muitas outras designações, tem-se apelidado a civilização actual como ‘civilização da imagem’. O extraordinário desenvolvimento das novas tecnologias, nos últimos anos, tem colocado

¹⁴ “Passa-se de uma política museística, centrada no objecto, na sua aquisição e na conservação, para uma política centrada nos sujeitos que dele podem usufruir.” (Gonçalves, 2002 apud Mendes, 2009, p. 155)

¹⁵ A pedagogia e a psicologia passaram a ser consideradas como disciplinas científicas o que influenciou a que os museus passassem a ter uma vertente pedagógica.

à disposição das instituições museológicas poderosos meios de comunicação e, inclusive, de valorização dos respectivos acervos patrimoniais. (...) Tem sido possível transformar muitos museus, de ‘armazéns’ de colecções — num passado ainda não muito longínquo —, em centros que são, simultaneamente, de educação e de lazer, de experimentação e de estudo, de sociabilidade e até de espectáculos.” (Mendes, 2009). As principais medidas para o Serviço Educativo seriam as de tentar chegar ao público em geral, criando as actividades de modo a estarem direccionadas para os visitantes, averiguando quais os seus interesses, e adaptando/criando materiais para as necessidades dos diferentes públicos. O museu tem de estar aberto ao exterior e ao que o rodeia.

Ainda nos anos 60, mais concretamente, em 1966, é organizado pela APOM (Associação Portuguesa de Museologia) o primeiro Seminário que visava a acção educativa nos museus, e em 1967 professores e educadores são chamados para participarem nessa reunião, com a crença de que esse encontro "se poderia revelar de grande utilidade para o estabelecimento de um diálogo entre professores e conservadores de museus, diálogo no qual se debatesse a colaboração do museu com as instituições de ensino" («A escola vai ao museu», 1987 apud, Faria, 2004, p. 12).

É depois da I Guerra Mundial que o papel educativo e social dos museus salta mais à vista. Esta notoriedade deve-se a alguns museus americanos, e também, do Reino Unido, pelo facto de os museus terem sido o veículo de transmissão para a preparação e definição dos cuidados a ter em situação de guerra. Ainda assim, um problema subsistia, e ainda subsiste, o da falta de pessoal com formação. E como todos os departamentos, o departamento da educação nos museus (Serviço Educativo) necessita de recursos humanos, técnicos e financeiros, recursos esses que nem sempre funcionam da melhor forma, especialmente os financeiros.

Nos anos 70, e voltando a mencionar o caso do MNAA, o Serviço Educativo desta instituição "(...) exercia três tipos de actividades: a) formação de monitores; b) colaboração com as escolas; c) colaboração com os professores" («Museus, porquê?», 1972). É assim que nasce o "museu educador", onde também surge o "educador de museu" que deve ter os seguintes requisitos: "(...) Além de dever conhecer a matéria relacionada com as colecções e/ou objectos e a própria instituição museológica na qual exerce funções, deverá igualmente saber comunicar, dominar as técnicas pedagógicas e didácticas, possuir alguns conhecimentos de relações humanas e ainda conhecer os

tipos de público a que tem que dirigir-se e para cuja educação deverá contribuir, com a maior eficiência e qualidade possíveis” (Mendes, 2009).

No caso britânico e americano, é também nos anos 70 que surgem os museus itinerantes (*mobile museums*)¹⁶, cujo principal propósito é o de trabalhar com as escolas e que têm como preocupação “alargar o horizonte das crianças; relacionar o ensino com os indivíduos e com a sua experiência pessoal; compreender a educação como sendo activa e não passiva; ensinar de forma interdisciplinar; e relacionar os museus com as crescentes formas de lazer.” (Hooper-Greenhill, 1998 apud Faria, 2004, p. 5). No caso espanhol, é também em 1970, com a Lei Geral de Educação, que se determina que “As bibliotecas, museus, arquivos e outras instituições científicas e culturais cooperarão para a realização dos objectivos do sistema educativo e permitirão o acesso gratuito aos seus acervos documentais, bibliográficos e culturais¹⁷.”

Na década seguinte, antevêm-se novas perspectivas, pelo que G. Stewart¹⁸ reflecte: fala-se da formação e aperfeiçoamento no que toca aos responsáveis pelos serviços de educação dos museus; a necessidade de colaborar com outras instituições educativas e sociais; a necessidade de colaboração interna no seio da própria instituição; quanto à programação das actividades didácticas, pretende-se dar um serviço o mais personalizado possível, criando programas e adaptando-os às especificidades e expectativas de cada grupo de visitantes, o que exige uma selecção ampla de actividades e temáticas para se poder dar resposta aos públicos.

Em Portugal, em 1982, é aberta a carreira de Monitor de Serviço de Educação de Museus, e com a inauguração do Pavilhão do Conhecimento (a título ilustrativo), em 1999, começa a antever-se o investimento de Portugal n’“a ideia de museus concebidos para serem espaços fundamentalmente educacionais” (Faria, 2004, p. 15), especialmente nos projectos relacionados com a ciência.

¹⁶ Em Portugal, por exemplo, tínhamos as bibliotecas itinerantes da Gulbenkian.

¹⁷ Lei 14/1970, de 4 de Agosto, Geral de Educação e Financiamento da Reforma Educativa, artigo 12º, 3.

¹⁸ (Stewart, 1981)

Educação artística e Serviços Educativos

Neste sentido, parece-me importante mencionar a importância da educação artística na sua vertente de educação para a arte e educação pela arte. O século XX foi uma época que se marcou por alargar a educação a todas vertentes humanas: “À clássica ‘educação da inteligência’ e à inovadora ‘educação da sensibilidade’ é dada relevância, tanto quanto possível equitativa” (Valente, sem data). Não são só as ciências exactas que permitem formar um indivíduo e dar-lhe conhecimento, também a arte pode e deve fazer parte do processo de aprendizagem, e a arte potencia o desenvolvimento do gosto, do sentido crítico, da afectividade, e até da auto-descoberta: “Apesar de muitos de nós reconhecerem a importância do afecto, sabemos pouco como transformá-lo numa didáctica, como trabalhar com ele em cada área especializada. As artes podem permitir emergir em cada um de nós a esfera afectiva e processos de autoconhecimento pouco explorados, e esse é um enorme desafio para o seu papel na formação pessoal e interpessoal, colocando-nos em contacto com o nosso eu total” (Valente, sem data).

A educação artística não tem de ser apenas direccionada para quem pretende seguir essa via a nível profissional, até pelo facto de a arte ser uma enorme e inesgotável fonte de conhecimento. A arte é cultura, e todos somos compostos de cultura e é essencial bebermos dela: “Vendo a arte como promotora da expressão pessoal e como cultura, ela apresenta-se-nos como um importante instrumento para a identificação cultural e desenvolvimento harmonioso das interrelações entre as diversas culturas; uma excelente linguagem e uma gramática imprescindível para a educação integral dos indivíduos” (Pinto, 2005, p. 7).

A arte é um modo de expressão, tanto do pensamento, como das emoções (“A arte é expressão. A função da arte não é transmitir sentimentos do artista, mas estimular modificações a nível dos sentimentos de quem contempla a obra de arte” (Read, 2007, apud Castelão, 2011). Criatividade, imaginação, que se materializam de inúmeras maneiras, e de forma única. A arte é sobretudo uma forma de perceber e apreender o que nos rodeia.

Tendo em conta todas estas valências, parece descabido não existir um cordão umbilical entre “arte” e “educação”, e vemos muitas das vezes as escolas negligenciarem a vertente artística nos

programas escolares, ignorando o seu potencial formador ou agindo com algum preconceito relativamente a ele. No que respeita, mais concretamente, ao museu, penso que a citação de Alberto B. Sousa reflecte o que poderá ser o papel de um museu no que respeita à educação pela arte: “a educação pela arte não é, de modo algum, uma metodologia com a intenção de ensinar à criança conceitos teóricos sobre a arte, história da arte ou sobre a vida e obra de grandes artistas. Também não tem por objectivo, levá-la a aprender a contemplar obras de arte, de lhe ensinar técnicas de produção artística, de a iniciar no contexto da arte dos adultos, ou de procurar a formação precoce de pequenos artistas (...) constitui, assim, um modelo metodológico educacional, não com o propósito de ensinar Arte, mas de a utilizar como meio de promover a Educação” (Sousa, 2003, p. 80).

No caso de Portugal, esta preocupação com a arte inserida na educação verificou-se em 1965, com a fundação da Associação Portuguesa de Educação pela Arte, pelas mãos de João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, João de Freitas Branco, António Pedro, Adriano Gusmão, Cecília Menano, e outros.

Relativamente às escolas, no início do século XXI, verificou-se que algumas delas, mas não todas, iam ao encontro dos museus, apesar de nem todos os museus estarem dotados de um Serviço Educativo, e muitos deles “justificavam” o seu Serviço Educativo com a realização de visitas guiadas. No entanto, com o alargamento da escolaridade obrigatória para 9 anos, verificou-se um maior interesse em entrelaçar escolas e museus.

Nos últimos anos, os museus continuam a lutar contra a falta de recursos, mas também sofreram “sobretudo mudanças importantes em termos dos instrumentos de catalogação e organização da informação sobre as colecções da criação de áreas de lazer, conforto e restauração e na participação de alguns dos seus conservadores em encontros internacionais.” (Faria, 2004, p. 13), e também conseguiram atingir estas metas através da criação de redes e parcerias. As parcerias permitem que os museus se relacionem com o exterior e se enriqueçam uns aos outros. A título ilustrativo, atentemos na RPM (Rede Portuguesa de Museus): “Tem como objetivos: a valorização e a qualificação da realidade museológica nacional, a cooperação institucional e a articulação entre museus, a descentralização de recursos, o planeamento e a racionalização dos investimentos públicos, decorrentes da aplicação de fundos comunitários, em museus, a difusão da informação relativa aos

museus, a promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas, o fomento da articulação entre museus e a valorização formativa dos seus profissionais.”¹⁹

¹⁹ DGPC. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/>

O Serviço Educativo

Embora pareça haver uma preocupação crescente com esta temática, deparei-me com algumas dificuldades para fazer uma análise detalhada do sector do Serviço Educativo, em Portugal.

Na minha opinião, o serviço educativo é a ponte entre a cultura e o indivíduo. Uma forma de transmissão não só de conhecimento, mas também de experiência. Mas essa transmissão de informação deve sempre ser adequada ao(s) seu(s) público(s)-alvo, na medida em que cada um deles tem necessidades específicas e intrínsecas a si mesmo, que devem ser respeitadas e tidas em conta. Não se pode julgar que o público é uma massa uniforme e homogénea. Ele é heterogéneo. Tem as suas particularidades, e o museu tem de estar aberto a essas especificidades, tem de ser um espaço inclusivo. Há um conjunto de indivíduos diferentes que formam o público. Para se criar um serviço educativo e para que ele comporte a essência da entidade que o criou, é preciso pensar-se, primeiro, esse serviço, em função da entidade e do(s) público(s). Porque o que por vezes verificamos em alguns espaços culturais é que aquilo a que chamam “Serviço Educativo”, não o é. “Outros, não tendo propriamente essa preocupação no decorrer do processo de criação museográfica, esta assenta, isso sim, em pressupostos de fidelidade a conteúdos científicos e aos seus pares museólogos e investigadores, assim como a uma concepção mais académica de ciência e arte (no caso dos museus de arte), concebem a ‘educação’ como tendo o seu início no momento em que a exposição é inaugurada e se ‘oferece’ ao público visitante, momento em que estes especialistas (conservadores e técnicos) se retiram para os seus próprios espaços de privacidade, nada mais tendo a ver com a exposição que acabaram de produzir. (...) Se os expositores dos museus permanecerem confusos nos seus objectivos e difíceis de serem trabalhados, não é possível organizar sessões educativas bem programadas.” (Faria, 2004, p. 9)

Sobre o serviço educativo, a DGPC pronuncia-se acerca deste assunto da seguinte forma: “(...) as ações específicas dirigidas aos diversos públicos (escolares e não escolares) procuram incentivar articulações institucionais e alargar a função educativa a todos os sectores de atividade dos museus, palácios e monumentos da DGPC, de forma a desenvolver projetos que estimulem a

criatividade, a literacia e a partilha intergeracional e multicultural dos visitantes às necessidades prementes da sociedade contemporânea.

O objetivo é contribuir para uma maior diversidade das atividades oferecidas, desenvolvendo as competências dos seus técnicos, gerando maior reflexão, troca de experiências, de conhecimentos e avaliação em torno de estratégias pedagógicas que procuram sensibilizar os públicos para questões centrais da sociedade contemporânea, com destaque para o património cultural e para o ambiente.

Estas estratégias são prosseguidas por um vasto leque de atividades culturais, como ateliês e oficinas, sessões de conto, espetáculos de música, teatro ou dança, workshops, seminários, visitas guiadas a coleções ou a sectores específicos do museu ou monumento, e ainda pela produção de edições e instrumentos didáticos, destinados a diversas franjas de público e respondendo de forma qualificada à sua exigência crescente.”²⁰

Considero, também, uma boa definição de Serviço Educativo, a de Clara Frayão Camacho, presente na *Colecção Públicos – Serviços Educativos na Cultura*. “A noção de ‘serviço educativo’, (...) corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, (...) que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos. Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e de investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição.

De acordo com esta noção, não possuem serviço educativo os museus que não tenham adstritos quaisquer recursos específicos para o desenvolvimento de actividades de natureza educativa, embora possam realizar de forma irregular algumas actividades nesta área. A essas situações chamaremos ‘acção educativa pontual’”. (Camacho, 2007).

Se hoje ouvimos com frequência a expressão “serviço educativo”, também são constantes outras, como: “(...) ‘serviço de educação’ e outras, tais como ‘serviço de acção cultural’, ‘serviço de extensão cultural’ e ‘serviço de acção comunitária’. A utilização destas expressões denota uma evolução temporal, as duas primeiras correspondendo a termos utilizados sobretudo nos anos setenta

²⁰ DGPC. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/servicos-educativos/>

e oitenta, enquanto a última corresponde a uma utilização mais recente, inscrita numa perspectiva de actuação do museu no campo social.” (Camacho, 2007, p. 29).

Geralmente, a palavra “educação” (“conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito”, («Educação», 2008) está circunscrita à palavra “escola” (“latim schola, -ae, ócio dedicado ao estudo, ocupação literária, lição, curso, lugar onde se ensina”) («Escola», 2008), mas não tem de ser necessariamente assim. Há outras formas de transmitir conhecimentos e de os adquirir, e os museus são uma delas, uma forma de educação não formal. Qual a diferença entre os tipos de educação? A educação formal é estruturada, ministrada nas escolas, institutos politécnicos e universidades, onde há um programa a seguir, igual para todos os elementos que estão a aprender. A educação não formal é aquela que se dá fora do meio escolar e universitário, e, neste caso, está acessível nos museus e outras instituições que promovam eventos diversos (cursos livres, feiras, conferências, palestras, etc.), o que pressupõe o interesse de quem frequentar esses locais, contribuindo para um ambiente simultaneamente lúdico e pedagógico (com ênfase, sobretudo, no primeiro). Já a educação informal surge na simplicidade do quotidiano, no contacto com outras pessoas e situações. E. Faure fala de “educação permanente”, devendo esta ser “como uma finalidade a que todo o processo educativo deve aspirar; como a concepção do processo educativo enquanto processo global e permanente, a que todos os indivíduos têm direito” (Faure & Outros, 1972). Uma “sociedade educativa” ou “cidade educativa”, como Torsten Husen refere.

Neste sentido, pode e deve haver um encontro entre a escola e os museus, numa parceria em que os museus permitem a consolidação do que é ministrado nas escolas, por exemplo (“O objecto, além de ‘portador de informação’, é também um estímulo a partir do qual se pode adquirir mais conhecimento” (Rivière, 1989 apud Mendes, 2009, p. 25). E não nos podemos esquecer de que “O museu é uma instituição cultural intrinsecamente educativa, o que não significa que tudo o que realiza seja expressamente pedagógico (...) Assim, o museu converte-se num instrumento de aprendizagem, em benefício dos alunos, cujo maior ou menor grau de êxito dependerá fundamentalmente do museu e dos professores” (Sagués, 1999 apud Mendes, 2009, p. 158). Esta união entre escolas e museus deve ser algo em constante adaptação e mudança, pois nem os museus estão “parados no tempo”, nem as escolas têm os seus programas cristalizados.

Actualmente, a forma de educação patrimonial mais comum está presente na realização de visitas de estudo que ajuda, de uma forma mais prática, a compreender a teoria que foi ensinada numa primeira instância. O património pode e deve ser pensado e considerado um recurso. É de salientar, também, que segundo o Instituto Nacional de Estatística, dos 700 mil visitantes verificados em 2014, “13% dos visitantes estavam inseridos em grupos escolares”²¹, o que só prova que as escolas têm interesse em frequentar os museus e a levar os seus alunos a esses espaços culturais / educativos.

Será pertinente, já que falamos em “educação”, citar o autor Kenneth Hudson: “o termo ‘educação’ é ele próprio impreciso: as crianças não adquirem necessariamente uma ‘educação’ na escola, e o mesmo acontece infelizmente a um considerável número de estudantes da universidade. O que é então a ‘educação’ senão um desenvolvimento gradual e afectivo, uma curiosidade de espírito e uma tolerância cada vez maior, um desejo insaciável de enriquecer os seus conhecimentos? Ou o museu é todo inteiro ‘educativo’? Ou não o é... Por consequência, se um museu se descarta da sua missão educativa num ‘serviço educativo’ está a renunciar à sua principal vocação que é a de utilizar as suas colecções e as suas exposições para mudar o comportamento do ser humano, aumentar a sua sensibilidade, afinar a sua visão” (Hudson, 1999). A educação está no desejo, de cada um, de aprender e de se cultivar, uma espécie de “auto-educação”. Esse desejo pode ser satisfeito pelo museu interactivo, pois pode-se falar do museu na sua vertente digital.

É de mencionar que alguns museus em Portugal se aproximam do público infantil, como é o caso do Museu das Crianças (Lisboa) ou o Museu do Brinquedo (Seia e Sintra), mas não são só estes os museus que poderão trabalhar em prol do público mais jovem. Também outras instituições se podem valer das suas valências com esse objectivo. De modo geral, “são sobretudo os museus de ciência (de física e química, e ciências naturais) que maior ênfase põem no sentido educacional das suas propostas expositivas (...)” (Faria, 2004)

Apesar disso, não nos devemos esquecer das restantes faixas etárias, no que toca ao Serviço Educativo de um museu. É certo que, tendencialmente, se pensa num Serviço Educativo mais voltado para as crianças e os jovens, que serão aqueles que mais necessitam de “absorver” informação, mas

²¹ INE, *op. cit.*

na verdade, não há dúvida que todos nós, qualquer que seja a nossa idade, género, etnia, etc. estamos em constante processo de aprendizagem.

Os destinatários de um Serviço Educativo deverão ser, além do público escolar ou infanto-juvenil já enunciado diversas vezes, as famílias, os professores, investigadores, grupos de crianças / jovens de associações de tempos livres, adultos, idosos, portadores de deficiência, doentes crónicos, pessoas que sofram de exclusão social, etc.

Deste modo, há que também visar o público adulto e o público sénior. O público adulto é o que mais frequenta os museus, individualmente ou em família. Ao nível do público da terceira idade, é preciso falar num fenómeno bem português: o do envelhecimento dos países. Portugal é hoje o 7º país mais envelhecido do mundo. “Esta tendência constitui um desafio enorme para os museus. Este é um público que não deve ser ignorado, porque está em crescimento e porque é muito variado nos seus gostos, conhecimentos, capacidades e expectativas.” (Vlachou et al., 2013, p. 7) Este envelhecimento é um facto que se consegue explicar também pela necessidade sentida pelos jovens portugueses de recorrerem à emigração.

A necessidade de aprendermos mais e de nos cultivarmos não deve ser um pensamento exclusivo à camada júnior de uma comunidade, mas sim, de toda a comunidade, e a verdade é que, olhando à nossa volta, cada vez mais nos deparamos com a emergência e a adesão às Universidades Seniores, espalhadas um pouco por todo o país, e que começaram a surgir nos anos 70: “O que se pode admitir desde já é que a escolaridade reforçará determinados consumos culturais e formas de ocupações do tempo, que porventura têm ainda uma expressão embrionária na atual geração de reformados” (Vlachou et al., 2013, p. 11). Relativamente à cultura em geral, e aos museus em particular, é possível concluir que, em grande parte, uma larga fatia do público que acorre aos museus é o público da terceira idade. Tem maior disponibilidade, e depois de uma vida de trabalho em que não houve muito tempo para o lazer, e para outras actividades, chegou o momento de fruir de forma mais plena o mundo e aprender um pouco mais, sobre os outros e sobre si próprios, porque não nos podemos esquecer de que o património é a nossa identidade.

O serviço educativo e os museus têm também o papel social de impedir a tendência que assola as pessoas idosas: o isolamento. Na atenuação deste flagelo social, os museus podem ter um

papel de integração, “convidando” as pessoas a saírem de casa, e atraindo-as ao convívio com outras, além de que passarão, certamente, a ver o museu como um local agradável para passarem algum do seu tempo, num encontro entre passado, presente e futuro. E qual é a perspectiva da terceira idade em relação a isto? Segundo um estudo elaborado pela Fundação Calouste Gulbenkian, “muito sucintamente, no que diz respeito à relação com os museus, os resultados deste estudo apontam para 35% de inquiridos com um interesse geral sobre museus, sendo que 47% procuram ativamente estar a par das novidades que eles têm a propor em termos, concretamente, de atividades. Em termos da motivação para a visita a um museu, a maioria refere-se à procura de novas experiências (77%), divertimento (71%), novas aprendizagens (71%) e à vontade de fazer algo com os netos e a família (70%)” (Vlachou et al., 2013, p. 20). Muitas das vezes, os idosos decidem fazer excursões e visitas aos museus em grupo, o que exige um maior cuidado por parte de quem os recebe. É importante que haja disponibilidade por parte do museu, empatia, cuidado com os seus visitantes e paciência, para que a experiência proporcionada às pessoas seja a melhor possível.

“Se para as crianças a imaginação é importante, para os idosos²² são as recordações: nunca se esqueçam disto” («Museus + Cultura», 2015). Quanto mais vivemos, mais memórias vamos acumulando, mais experiências. Uma ida ao museu será idealmente uma nova experiência e futuramente uma nova memória, por isso, é fundamental que quem dela usufrui retire algo disso, e é sempre uma mais-valia levar consigo uma recordação do museu (da loja, por exemplo).

Independentemente de tudo o resto, a verdade é que o museu deve definir os seus objectivos, a sua missão²³ e o que pretende oferecer em si mesmo, não se podendo esquecer de que é um mediador entre passado, presente e futuro, e quem o visita. A equipa de profissionais que encabeça o museu deve reflectir isoladamente e em conjunto sobre essas questões. Está em causa a identidade da instituição e o que ela vai transmitir às várias gerações que a visitam. É nesta questão que entra, naturalmente, o Serviço Educativo. Citando o artigo *Learning through the Science Museum*, é preciso que os museus e os seus responsáveis sejam capazes de fazer o seguinte raciocínio: “Assumindo que as pessoas aprendem alguma coisa, quando efectuam breves visitas a museus, duas

²² Curiosamente, na citação na língua original (Espanhol), o significado de “idosos” é “personas mayores”.

²³ Segundo S. Davies, missão é: “uma conjugação de palavras que enuncia sumariamente: finalidade, valores, objectivos, estratégias e público-alvo de uma organização, de forma informativa, se possível, inspiradora” (Davies, 1996 apud Coleção Públicos - Serviços Educativos, 2007, p. 50).

questões importantes ocorrem: o que é que elas aprendem? Como é que aprendem?” (...) Em ordem a poder responder-se plenamente a estas questões, todo o museu necessita de tornar clara a sua filosofia e estratégia para a aprendizagem” («Journal for Education in Museums», 1994 apud, Mendes, 2009, p. 162). Dado o potencial educativo dos espaços museológicos, por que razão não fazer do Serviço Educativo uma prioridade? É de salientar, ainda, que a Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto, a Lei Quadro dos Museus Portugueses, define no artigo 42º: “1 — O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais. 2 — O museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos.”²⁴ Há que elaborar, como refere Sara Barriga na *Colecção Públicos — Serviços Educativos na Cultura*, um Plano de Acção Educativa, que consistirá numa ferramenta que tem o propósito de expor a acção e as competências do Serviço Educativo de determinada instituição cultural, em determinado momento. Neste sentido, deve constar desse Plano uma reflexão sobre a entidade, a sua missão, como já foi mencionado anteriormente. E há que saber responder às questões que Sara Barriga expõe como questões-chave: “Porquê este serviço educativo? Que finalidades? Quais os seus princípios orientadores? Que orientações pedagógicas? Qual a sua função? Que orientações programáticas? O que se pretende alcançar? Que metas? Que objectivos? Que estratégias? Para quem? Que públicos? Que tipo de experiências se pretende oferecer? Que relações estabelecer com o exterior?” (Barriga, 2007, p. 50)

Segundo a obra *La Pedagogía Museística* (Homs, 2002), os objectivos do sector educativo de um museu deverão ser de tipo conceptual (aprendizagem de conteúdos, dados cronológicos, biografias, características de estilos ou épocas, etc.), de tipo técnico (técnicas de aprendizagem, elaboração ou utilização de ferramentas, construção de modelos, etc.), e de tipo atitudinal (valores de respeito, compreensão, tolerância, trabalho em equipa, etc.). Estes objectivos devem ter sempre em vista o desenvolvimento cognitivo dos visitantes, além da mera aquisição de conhecimentos de uma forma passiva. A autora continua, sublinhando a importância de aproveitar o carácter interdisciplinar destas entidades; de fazer uma lista das temáticas com base num conjunto de peças,

²⁴ <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/lei-quadro-dos-museus-portugueses/>

para evitar a saturação do visitante; de diversificar os conteúdos, acentuando mais o seu carácter lúdico, ao invés do carácter pedagógico, mas sem esquecer que se podem estabelecer pontes com os programas das escolas, que podem ser completadas nas aulas; da orientação dos conteúdos para os públicos (sincrónica ou horizontal, para analisar aspectos distintos de uma época, de um estilo, de um autor, etc, mais adequada ao público infanto-juvenil; ou diacrónica ou vertical, para comparar um determinado aspecto ao longo do tempo, por exemplo, mais adequada ao público adulto). Por último, será prioritário oferecer actividades do domínio da compreensão, com o propósito de ajudar o visitante a interpretar um objecto e oferecer actividades do foro expressivo, para que o público possa expressar-se livremente sobre algo (através das artes plásticas, teatrais, verbais, escritas, corporais, musicais, etc.).

Falando, então, de actividades, é frequente vermos que a oferta do Serviço Educativo apresenta estratégias diferentes, conforme o público a que se destina. No caso do público infantil, geralmente centra-se em visitas orientadas, oficinas, jogos pedagógicos (que aproveitam sempre as épocas festivas da Páscoa e Natal e outras datas comemorativas), e também são frequentes as maletas pedagógicas. No caso do público adulto, centra-se, de modo geral, em visitas guiadas e temáticas, adequadas aos diferentes segmentos de público que constituem o público adulto. Estas actividades devem envolver a mente (*minds-on*), as mãos (*hands-on*) e a parte emotiva do ser humano (*hearts-on*), como diz Susana Gomes da Silva, na *Colecção Públicos — Serviços Educativos na Cultura*. “Só assim a trilogia da aprendizagem se completa: aprender-fazendo (*hands-on*), fazer-pensando (*minds-on*), pensar-envolvendo-se (*hearts-on*).” (Silva, 2007, p. 63)

Em 1998, no artigo *A Director's view of the future of museum education*, projectava-se um futuro em que se pretendia “aprofundar a relação entre conservadores e educadores de museus; crescente necessidade de se atender à população escolar, mas também a outros públicos; aumento de oportunidades para que os museus se envolvam em programas de reconstituição histórica, também conhecidos como de ‘história ao vivo’; uso crescente das novas tecnologias” (Sarl, 1998 apud Mendes, 2009, p. 164).

A nível de estrutura de um museu é preciso considerar que o Serviço Educativo é também um departamento da instituição, um sector, e nesse sentido, as suas funções serão as seguintes, segundo

o Department of Education and Science: “responsabilidade dos serviços de préstimo de materiais; organização e/ou participação no serviço de conferências; organização de todas as visitas de grupo; contacto com as instituições educativas que visitam o museu; oferta de ajuda individual a estudantes; conselhos para a gestão do museu sobre a natureza e a extensão da informação que é passada ao público; conselhos sobre uma possível ajuda e recursos disponíveis para utilizar no campo da tecnologia educacional.” (Wright, 1973 apud Homs, 2002, p. 15).

O museu é um local que também nos deverá despertar os sentidos. Um local sensorial, mais até, talvez, do que de mera apreensão de conhecimentos. Essa vertente deve ser, então, complementada com as envolvências naturais de uma vida em sociedade.

Será importante, também, enunciar que o património e os museus têm valor, um valor cultural. Na filosofia, aquando aprendemos os valores, compreendemos que estes são critérios que usamos para valorizar ou desvalorizar alguma coisa. Ora, relativamente à cultura, fica a questão: tem valor em si mesma ou são as pessoas que lhe atribuem valor? De qualquer das formas, qualquer que seja a resposta a esta pergunta, vale a pena mencionar que os museus e a cultura são portadores de valores, e, assim, devem ser capazes de os transmitir aos consumidores.

Capítulo II

Caracterização da entidade de acolhimento e do espaço do estágio

Direcção Regional de Cultura do Centro

Nos termos do Decreto Regulamentar n.º 34/2007, de 29 de Março, a Direcção Regional de Cultura do Centro (DRCC) é um serviço da Administração Directa do Estado que integra na sua missão a salvaguarda, valorização e divulgação do património arquitectónico e arqueológico e assegura as condições para a fruição pelo público dos monumentos, conjuntos e sítios que lhes forem afectos, bem como promove formas de colaboração na realização de projectos e acções de sensibilização pública no domínio do património”²⁵.

Anteriormente tinha o nome de Delegação Regional de Cultura do Centro, e em 2006 começou a ser reestruturada juntamente com as Delegações Regionais do Norte, Alentejo e Algarve, pelo decreto de lei n.º 215/2006²⁶, em função das alterações promovidas pelo Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE). A sua missão, segundo o decreto regulamentar n.º 34/2007, é esta: “artigo 2.º, 2 – g) dar apoio técnico, em articulação com o Instituto dos Museus e da Conservação, I.P. (IMC), a museus integrados na Rede Portuguesa de Museus e a outros localizados na área de actuação geográfica da direcção regional; Gerir os museus que lhe forem afectos e assegurar as condições para a sua fruição pelo público, de acordo com as orientações emanadas pelo Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.” e também, “artigo 9.º, 2 – As DRC sucedem nas atribuições relativas à salvaguarda e valorização do património arquitectónico das direcções regionais do Instituto Português do Património Arquitectónico e nas atribuições relativas ao património classificado da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nos respectivos âmbitos territoriais de actuação”.

²⁵ Consultado em *Protocolo de colaboração entre a DRCC e o Agrupamento de Escolas Dr.ª Maria Alice Gouveia*.

²⁶ Artigo 26º, 4 — a) São objecto de reestruturação os seguintes serviços e organismos: a) As Delegações Regionais de Cultura do Norte, do Centro, do Alentejo e do Algarve, que passam a designar-se, respectivamente, Direcções Regionais de Cultura do Norte, do Centro, do Alentejo e do Algarve.

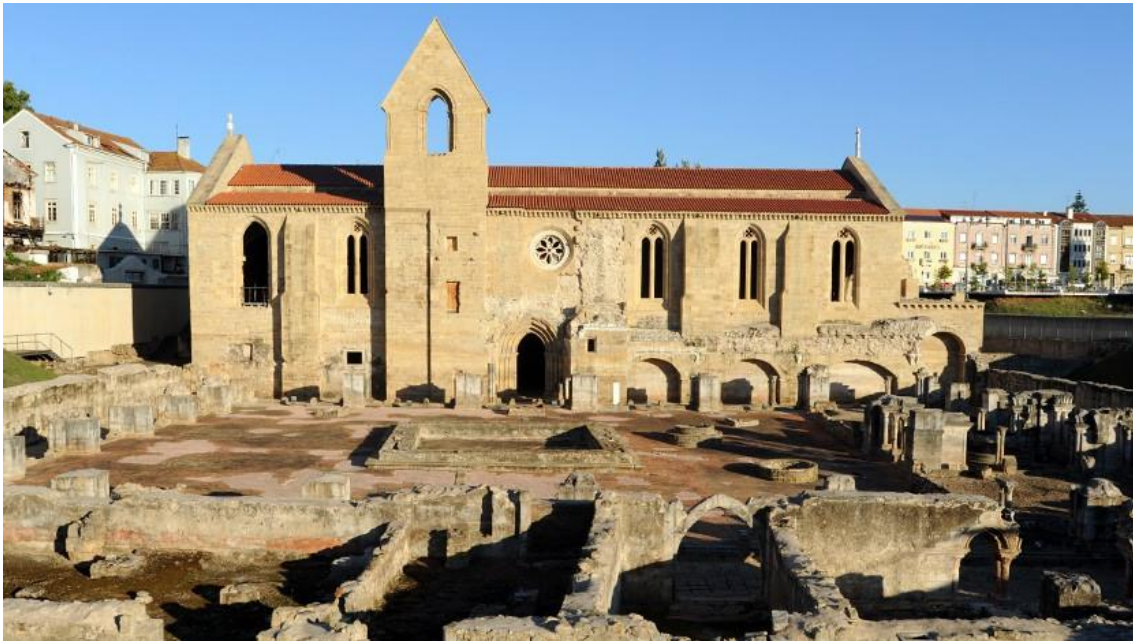
A DRCC tem uma estrutura hierarquizada, com uma unidade orgânica central, algumas divisões internas e serviços dependentes:

- Direção de Serviços dos Bens Culturais

e cinco unidades orgânicas flexíveis:

- Divisão de Gestão Financeira
- Divisão de Recursos Humanos
- Divisão do Património e Salvaguarda
- Serviços Dependentes (Museu da Cerâmica e Museu de José Malhoa — Caldas da Rainha, Museu de Francisco Tavares Proença Júnior — Castelo Branco, Mosteiro de Santa Clara-a-Velha — Coimbra).

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: introdução histórica



Fonte: Página do Centro de Portugal²⁷

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha situa-se do outro lado da Ponte de Santa Clara, em Coimbra, Portugal, na margem esquerda do Rio Mondego. É considerado um dos mais representativos monumentos do gótico nacional.

Foi fundado em 1283 por D. Mór Dias, dedicado a Santa Isabel de Hungria, e posteriormente entregue às freiras clarissas. “A explicação para o que leva os grandes deste mundo a criar mosteiros é considerado o gesto mais eloquente para exprimir o grande fervor religioso da Idade Média. Alcançar a salvação é a ambição legítima e fundamental de qualquer um, porque o medo do Além é então partilhado por todos os fieis. No momento da morte, o medo a que Jacques LeGoff chama “O grande espantinho da Idade Média” torna-se ainda mais pesado” (Macedo, 2006, p. 117).

A verdade é que o Mosteiro de Santa Clara teve um começo algo agitado. D. Mór Dias era uma dama nobre, com uma abundante fortuna. A nobre decidiu afastar-se do que a rodeava, indo viver, em 1250, para um mosteiro, sem, ainda assim, professar, para que não perdesse os seus bens e regalias. Neste sentido, recolheu-se no mosteiro feminino da Ordem de Santa Cruz, em Coimbra.

²⁷ Disponível em: <http://www.visitcentroportugal.com.pt/pt/mosteiro-de-santa-clara-a-velha/>

Cerca de 30 anos mais tarde, mandou construir, junto ao rio Mondego, algumas casas, e em 1283 obteve a autorização de que necessitava para fundar o que agora conhecemos como Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, da ordem de Santa Clara, e onde pretendia alojar-se. Mas os Cónegos Regrantes de Santa Cruz não aceitaram esta “mudança de casa” de forma pacífica, alegando que Mór Dias teria professado, pelo que os seus bens (e ela própria) lhes pertenciam. E esta desavença arrastou-se por vários anos, até já após a morte de D. Mór Dias. Como relata Francisco Pato de Macedo, “A deliberação tomada por D. Mor Dias de abandonar o mosteiro crúzio foi entendida como um acto de rebeldia” (Macedo, 2006, p. 270).

Chega “à cena” a Rainha Santa Isabel, Dona Isabel de Aragão, que retomou o que D. Mór Dias deixara para trás. Planeou a construção, que teve início em 1316, e começou a dedicar-se, de forma cada vez mais regular e mais intensa ao convento, entretanto extinto (devido à oposição dos monges de Santa Cruz à sua existência), e mandou construir novos edifícios em estilo gótico, refundando a casa monástica, de que se destacam o claustro e a igreja, sagrada em 1330. A Rainha Santa Isabel fez ainda do local um espaço para alojamento de pessoas carenciadas, com respectivo cemitério e hospital. A estrutura que podemos observar, visitar e conhecer é o legado deixado e empreendido pela Rainha Santa, que escolheu o Mosteiro para passar os seus últimos anos de vida, além de que o escolheu para deixar os seus restos mortais.

Desde o início, dada a proximidade com o Rio Mondego, o Mosteiro foi palco de inundações, pelo que sofreu diversas adaptações arquitectónicas. Ainda assim, as suas condições de habitabilidade foram-se deteriorando, e D. João IV ordenou a construção de outro edifício, em 1647, o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, para onde as freiras se mudaram, em 1677. A primeira enchente ocorreu em 1331, e chegou a cobrir o túmulo que a Rainha Santa Isabel mandara construir para si.

O anterior edifício ficou conhecido como Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e acabou por sofrer um certo abandono. Em 1853 o Estado vendeu-o ao proprietário da Quinta das Lágrimas e em 1872 realizou-se uma “exploração archeologica”, que resultou num, como o arqueólogo Filipe Simões lhe chamou, “navegar em ruínas”. No séc. XVIII, a Câmara Municipal de Coimbra decretou a sua demolição, para prevenção da saúde pública. No século seguinte, foi adquirido por particulares, que o aproveitaram para habitação, celeiro e curral.

Apenas em 1910 foi classificado como Monumento Nacional e em 1925 foi arrendado pelo Estado. Houve uma tentativa de restauro do Mosteiro, levada a cabo pela Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), passando o Mosteiro a estar aberto ao público, embora ainda com água.

Em 1976, o Mosteiro foi readquirido pelo Estado Português e em 1989 foi lançado o “Concurso de Ideias para a valorização e recuperação da igreja de Santa Clara-a-Velha” pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC), com o objectivo de proporcionar melhores condições de visita. Além disso, seria feito também um acompanhamento arqueológico: “A extracção dos sedimentos acumulados no interior da igreja permitiu obter um conhecimento mais aprofundado da sua arquitectura, avaliar o modo como a foram adaptando às condições desfavoráveis do sítio e recolher um espólio, não só numeroso como muito variado.” (Macedo, sem data) É de salientar, ainda, que desta intervenção resultou a exumação do Claustro. Começava o “momento de viragem” na requalificação do sítio (...)” (Direcção Regional de Cultura do Centro, 2008).

Posteriormente, foi lançado um novo concurso, onde estava prevista a construção de um novo edifício²⁸, “destinado à guarda e à musealização dos acervos encontrados durante a escavação. A concepção do projecto museológico pretende evitar a criação de barreiras de acesso intelectual, cultural ou etário, no sentido de cumprir o objectivo maior de democratizar a cultura.” (Direcção Regional de Cultura do Centro, 2008, p. 80).

O Mosteiro reabriu, então, em 2009, na inauguração de um Centro Interpretativo, projectado pelos arquitectos Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez e Luís Urbano. Este edifício possui as funções museológicas pretendidas, e, ainda, um auditório (que pode ser alugado por entidades externas, e com uma lotação de 56 lugares), salas de exposições (permanente e temporárias), Memorial à Água, loja e cafetaria (com esplanada, explorada pela Quinta das Lágrimas). Na área reservada está também um laboratório dedicado à conservação e restauro, que durante o meu período de estágio apenas foi utilizado uma vez, encontrando-se, na maioria das vezes, sem uso. Para além disso, o visitante pode ainda deslocar-se à horta monástica, junto ao paço da Rainha, que

²⁸ O actual Centro Interpretativo.

proporciona um encontro entre o passado histórico e o futuro da agricultura biológica, e a Casa do Paço, onde se realizam as actividades no âmbito do Serviço Educativo.

“Submerso até há muito pouco tempo, aquilo que resta do complexo de edifícios do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha foi de novo, agora, trazido à luz, afastadas as águas do rio Mondego” (Toipa, 2009). Este é um monumento com um enorme valor patrimonial, arquitectónico e artístico, num cruzamento entre o passado e o futuro. A história do monumento perpassa em diversos registos, entre os quais dois filmes de autor: *De Assis a Coimbra: Vida e Morte de um Mosteiro* desvenda marcos da existência de Santa Clara de Coimbra, desde a fundação até ao seu abandono, e *Memorial à Água: Intervenção Contemporânea* revela o resgate do monumento para a contemporaneidade, numa luta contra a presença das águas e a fragilidade do território²⁹.

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha foi já distinguido com vários prémios dentre eles o de melhor museu português. A sua área de acesso ao público tem 28 mil metros quadrados, abrangendo a ruína e o Centro Interpretativo. Uma visita-guiada completa ao Mosteiro engloba: visualização do documentário *De Assis a Coimbra: Vida e Morte de um Mosteiro*, visita à exposição permanente e à exposição temporária, visita à representação da horta monástica e visita à ruína e igreja.

Neste momento, o Mosteiro e espaços associados estão sob a alçada da Direcção Regional de Cultura do Centro, “nos termos da Portaria nº 829/2009, publicada na 2ª série do Diário da República, nº 163 de 24 de Agosto, sendo gerido pelo Coordenador da Equipa de Projecto do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, por delegação de competências constante do despacho nº 11081/2009 publicado na 2ª série do Diário da República nº 85 de 4 de Maio de 2009”³⁰.

Em 2016, o Mosteiro sofreu duas inundações, uma a 11 de Janeiro, e outra a 13 de Fevereiro, que impediram o normal funcionamento da instituição.

²⁹ Adaptado do desdobrável *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*.

³⁰ Consultado em *Protocolo de colaboração entre a DRCC e o Agrupamento de Escolas Maria Alice Gouveia*.

A 19 de Janeiro, o Mosteiro³¹ foi parcialmente aberto, funcionando apenas, em pleno, o Centro Interpretativo, e estando a passagem barrada à Igreja. No dia 31 de Março, o Mosteiro foi novamente aberto, já com a Igreja pronta a ser visitada.

Ainda hoje, entre muitos outros acontecimentos, a água faz parte da identidade deste Mosteiro, como nota Pato de Macedo: “O mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, enquanto símbolo ou signo de acontecimentos múltiplos, está investido de uma carga simbólica de cariz polissêmico. A sua constituição como “lugar monumental” de memória coletiva forjou-se essencialmente, em torno do culto à sua fundadora e, em larga medida, em redor da luta com as águas do Mondego” (Macedo, 2006, p. 105).

O Centro Interpretativo



Fonte: Página do Guia Técnico, Museus e Monumentos³²

³¹ Morada: Rua das Parreiras, Santa Clara

Contactos: 239801160 (telefone); 239801169 (fax); mosteiro.scvelha@drcc.pt (e-mail).

Funcionamento: De terça-feira a domingo (Inverno: 10h00 – 18h00; Verão: 10h00 – 19h00).

³² Disponível em: <http://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos/ver/Mosteiro-de-Santa-Clara-a-Velha>

O Centro Interpretativo foi a obra que possibilitou o renascer do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha como o conhecemos hoje. Se hoje podemos visitar o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, temos de perceber o que isso significou, na medida em que na altura em que surgiu a hipótese de fazer o Mosteiro “renascer das cinzas”, foi preciso debater uma questão: intervencionar ou não o Mosteiro? “(...) O processo contemporâneo de ressurgimento de Santa Clara-a-Velha (...) incorporou momentos exaltantes de debate, activo e participado. Debate entre o significado cultural da memória e a viabilidade das soluções “técnicas” de contenção das águas; debate entre a vontade de valorização do monumento, expressa pela cidade e pelos seus habitantes, e os alegados constrangimentos financeiros que essa valorização pressupunha; debate, enfim, entre a sedutora hipótese de deixar o edifício votado ao seu encanto decadente, romanticamente emoldurado pelas águas indomáveis do Mondego e a assunção, corajosa e racional, da responsabilidade material que todos temos perante a memória edificada. Valeu a razão, valeu a pena o debate. O projecto de valorização do sítio arqueológico dá corpo a todo este processo, mas vai mais longe, integra em si sinais intensos de límpida continuidade com uma cadeia de intervenções inserida numa escala temporal mais vasta, uma cadeia que começou, afinal de contas, na última década do Século XIII e que está ainda a decorrer” (Moniz & Figueira, 2009). Falando no aspecto da valorização, ocorre-me esta citação de Francisco Pato de Macedo, na sua tese de dissertação que versa o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: “A palavra monumento tem a sua origem latina em ‘moneo’ que significa fazer pensar, trazer à memória, daí que a sua primeira função seja a reflexão, a evocação. Tal obriga a responder à questão básica de saber o que o torna peculiar e de como o seu carácter especial deve ser conservado, visto que, para valorizar um monumento, é prioritário compreender a essência da sua singularidade.” (Macedo, 2006, p. 641).

Depois de tomada uma decisão, ainda foi necessário repensar uma outra, naturalmente: “A igreja, as ruínas do claustro e as restantes áreas conventuais ficariam em ambiente submerso, em ambiente seco, ou seriam reenterradas?” (Direcção Regional de Cultura do Centro, 2008). Percebeu-se que se o objectivo era a valorização, recuperação e estudo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o mais sensato seria resgatar o monumento da água.

E a obra é feita para que as pessoas a experienciem de forma própria, cada uma à sua maneira: “Que podem ou devem dizer os autores de uma obra da sua autoria que está praticamente concluída: usem-na, interpretem-na e critiquem-na. O nosso trabalho terminou, e os argumentos que utilizamos para a defender e realizar já deram, ou não, os seus efeitos.” (Moniz & Figueira, 2009)

É na exposição permanente que se encontra a grande parte do espólio descoberto nas escavações: “Solos, cordões de hábito, alfinetes e botões, rosários, anéis, jarras de altar e campainhas, medalhas, pendentos e missangas, fusos, moedas, candeias e lamparinas, bugias, apitos e vieiras, bispotes, selos de chumbo, ventosas, tesouras e facas, tigelas, contas e brincos, sementes, muitas cerâmicas, faianças e porcelanas longínquas, ossos de animais de boa mesa, fragmentos de cascas de ovo, espinhas de saborosos peixes, ostras e amêijoas, pólen das florestas, dos amieiros e do choupal, arquitecturas, muita terra, muitos restos, muitas histórias...” (Direcção Regional de Cultura do Centro, 2008). Este espólio é composto por diversos objectivos do dia-a-dia das pessoas que aqui habitaram, e estão organizados através das seguintes temáticas: *Fundação, Devoção, Comunidade, Afazeres e Ocupações, Administração, Alimentação, Do Corpo, Da Morte*. É através deles que podemos olhar o passado, e neste aspecto, acho que seria importante para este espaço museológico que a exposição permanente fosse renovada com alguma regularidade, mostrando novos objectos. Ou seja, alternando os mesmos com os que se encontram no acervo, que poderia, igualmente, ser um espaço para o público visitar.

O Centro Interpretativo faz uma ponte com o espaço da igreja e da ruína, local onde as clarissas viviam o seu dia-a-dia, permitindo, assim, dar a conhecer aos visitantes como foi a vida das clarissas, não só através da exposição permanente, e do espólio ali contido acompanhado por painéis com texto, como através dos documentários *De Assis a Coimbra: Vida e Morte de um Mosteiro* (sobre a fundação e a história do Mosteiro) e *Memorial à Água: Intervenção Contemporânea* (sobre o abandono do edifício e posterior recuperação) exibidos no auditório³³ e no Memorial à Água³⁴, respectivamente. Também na entrada do Centro Interpretativo existe um pequeno vídeo de modelação virtual em 3D que permite perceber quais as alterações arquitectónicas e os esforços por parte das

³³ Com a duração de 15 minutos, e exibido às meias-horas, para os visitantes que desejem fazer a visita completa ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

³⁴ Neste momento já não é exibido o documentário no Memorial à Água, por razões que não consegui apurar. No mesmo sentido, o Memorial à Água é utilizado muito raramente.

clarissas para a tentativa de resistir às inundações. Também a loja dispõe de algumas réplicas arqueológicas, além dos produtos de design exclusivo.

É de salientar, também, que esta ponte que se estabelece entre os dois espaços é potenciada pela arquitectura do Centro Interpretativo, que se encontra em frente à Igreja, e a sua fachada é toda envidraçada, permitindo que daí se veja o Mosteiro.

No caso da horta monástica, por exemplo, esta é uma réplica da antiga horta, na medida em que não se encontra no mesmo local da da época³⁵.

³⁵ A da fundação seria na zona da entrada do Centro Interpretativo, no espaço verde.

A estrutura e o funcionamento do Centro Interpretativo e do Serviço Educativo

Toda a área envolvente do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha é extremamente bonita e aprazível, tanto na perspectiva de quem o visita, como na perspectiva de quem lá trabalha. O edifício do Centro Interpretativo é todo envidraçado, deixando ver a igreja, a zona do prado, e o céu azul. A cafetaria tem um espaço privilegiado, e é a escolha de muitas pessoas para tomarem um café depois do almoço, especialmente nos dias de sol.

O espelho de água dá uma ambiência fresca, e recorda sempre a presença das águas em Coimbra, agora num tom mais suave e não agressivo, como terá sido o da época das clarissas.

A nível técnico, apesar das infraestruturas terem todos os requisitos necessários para o seu bom funcionamento, nem sempre encontramos as melhores condições, como irei explicar mais adiante.

A nível infraestrutural, tal como disse, o Mosteiro possui todos os requisitos necessários para um bom funcionamento, além de que o próprio edifício do Centro Interpretativo é por si só, extremamente agradável. Nesse aspecto, chamo a atenção, por exemplo, para o facto de haver um imenso espaço verde que potencia eventos ao ar livre quando as condições climáticas assim o permitem, como foi o caso da Feira do Património 2015.

A nível económico, é de salientar que o Mosteiro passa por algumas dificuldades, como por exemplo: o espaço é muito frio no Inverno, e devido a essas mesmas dificuldades, os aquecimentos não podiam ser ligados, especialmente depois das cheias, dado que não se sabia das condições eléctricas do edifício. Neste aspecto, o que me afectou mais directamente, foi a produção da actividade *Isto São Coisas de Fantoche*³⁶, de que falarei mais adiante. Relativamente a este assunto, não tínhamos possibilidade de adquirir tecidos para os figurinos dos fantoches, nem de arranjar adereços para o fantocheiro. Tivemos de usar pedaços de tecidos já antigos e sem grande qualidade e tirar deles o maior proveito, especialmente porque tínhamos de costurar à mão os figurinos.

A nível de gestão e manutenção, poderia haver um maior cuidado: a relva esteve durante 6 meses sem ser cortada, o que dava uma sensação de desleixo.

³⁶ Teatro de fantoches, com peças escritas por mim e pela outra estagiária, Marta Lourenço, baseadas em algumas lendas de Coimbra.

A nível logístico, e falando mais especificamente, na cafetaria, esta sagra-se como um dos grandes chamarizes do Mosteiro, não só por se situar num local privilegiado, mas também pela qualidade dos produtos servidos e pelo esmero do atendimento.

A nível de departamentos, torna-se difícil apurar quais são os departamentos existentes, e quem os gere, na medida em que a ideia com que fica quem chega do lado de fora, é que não há cargos ou departamentos no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pois parece que todos fazem um pouco de tudo. Ao mesmo tempo, isso dá origem a falhas, devido à desorganização.

Ainda sobre os departamentos, não há um sector de Comunicação e Imagem, por isso a divulgação de algumas actividades falha³⁷.

A nível de recursos humanos, segundo o organograma de 2016 do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha³⁸, o Mosteiro contou com uma equipa de 13 pessoas. Neste aspecto, durante os meus 6 meses de estágio pude reter o seguinte: o design é feito por um elemento que pertence a uma empresa de segurança que actua no Mosteiro, e que é designer, mas não há nem um Departamento de Comunicação e Imagem, nem uma pessoa efectiva para assumir essa função; anteriormente, a suposta responsável pelo Serviço Educativo, entendia que não o era, e, neste momento, as pessoas que são responsáveis pelo Serviço Educativo são as mesmas pessoas que trabalham na Secretaria. Assim, neste momento, ao nível dos gabinetes e da parte administrativa, penso que posso dividir os departamentos desta forma: as duas pessoas responsáveis pela Secretaria tratam também da gestão do Serviço Educativo, a Coordenadora do Mosteiro trabalha com a antiga “responsável” pelo Serviço Educativo na questão dos protocolos a criar e trata também da gestão do Mosteiro, havendo ainda mais uma pessoa cujas funções exactas não consegui apurar. Penso que estará mais ligada à parte do restauro, mas dado que o laboratório não tem sido utilizado, fiquei na incerteza da sua função no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Há ainda três pessoas a trabalhar como auxiliares e um bilheteiro. A meu ver, há poucas pessoas a integrar a equipa do MSCV, ou pelo menos, há uma falta de divisão de tarefas, e talvez advenha daí a falta de organização.

³⁷ Na mesma linha, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha não tem um site, sendo a sua divulgação feita apenas através da página do Facebook. Não são feitos cartazes, nem flyers para divulgação em pontos estratégicos da cidade, sendo os cartazes apenas colocados na entrada do Centro Interpretativo, na página do Facebook e no site da Direcção Regional de Cultura do Centro, que peca por ser pouco intuitivo e com a informação um pouco confusa, e, por vezes, desactualizada e sem funcionar em pleno.

³⁸ O organograma é consultável no anexo I.

Infelizmente, tudo isto acontece num espaço com tantas valências e potencialidades. Um espaço repleto de história, onde qualquer um gostaria de trabalhar e que as pessoas têm prazer em visitar. Um local que foi reabilitado e que “renasceu” com o propósito de se enriquecer e de enriquecer Coimbra: “Este objecto de arquitectura contemporânea [Centro Interpretativo], com todas as valências que detém (sala de exposições permanente³⁹ e temporárias, reserva de materiais, laboratório de conservação e restauro, auditório, biblioteca, gabinetes de investigação, serviço educativo e loja, entre outros) possibilitará uma eficaz gestão do sítio, se, para isso, forem asseguradas as condições que garantam os objectivos para os quais o espaço foi concebido e idealizado. O projecto que lhe está subjacente propõe a continuação do desenvolvimento do trabalho de investigação e a divulgação dos conteúdos junto do público, assim como a utilização deste território patrimonial, com base numa programação estruturada e transversal à Cidade, como palco privilegiado para a realização de eventos culturais.

De facto, há que considerar que o sítio foi ‘construído por pessoas e para pessoas’, de modo a que o conceito de uma intervenção apostada em *Devolver o sítio à Cidade*, na sua verdadeira abrangência, venha a ser automaticamente expresso e cumprido.” (Direcção Regional de Cultura do Centro, 2008) É preciso questionarmo-nos se é isto que está a acontecer com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha ou se é o contrário.

O que é certo é que, na minha opinião, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e/ou a Direcção Regional de Cultura do Centro não se fazem valer, inteiramente, dos seus recursos. Se existem audioguias (algo que não consegui apurar inteiramente), estes não estão colocados na zona da exposição permanente, a título exemplificativo; a sala de exposições temporárias só é utilizada quando há um interesse externo em usar aquela sala para expor alguma obra. Ou seja, não há um trabalho por parte do Mosteiro em dinamizar aquela área e procurar estabelecer um contacto com artistas locais e/ou nacionais; o laboratório está desactivado; o auditório pode ser alugado, mas essa informação é, certamente, desconhecida do público, pois não é publicitada em parte alguma; a biblioteca contém material bibliográfico não só relativo ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, mas

³⁹ Freiras e Donas de Santa Clara, Arqueologia da Clausura.

também a muitas outras temáticas, o que poderia trazer mais gente ao Mosteiro e rentabilizar uma sala que só é usada pontualmente no âmbito de reuniões...

Penso que a equipa do Mosteiro e, sobretudo, a Direcção Regional de Cultura do Centro, dado que é a entidade que o tutela, precisam de se sentar e reflectir sobre a sua missão enquanto entidade museológica, enquanto contributo para a cidade de Coimbra e enquanto contributo para Portugal, e para tentar compreender o que poderá estar errado, e qual será o rumo a tomar. Apenas pretendo fazer com estas observações uma crítica construtiva sobre um espaço que para mim tem imenso valor, não só arqueológico, como histórico, social, cultural. Julgo que o Mosteiro tem todas as potencialidades e valências para se tornar uma instituição ainda maior e melhor, mas é necessário considerar diversos aspectos.

Deveriam ser tomadas medidas relativamente aos recursos humanos, pois “também são as pessoas que fazem o sítio”. Quero com isto dizer que deveriam existir, de facto, sectores, e pessoas responsáveis pelos mesmos, para que houvesse uma maior capacidade de gestão do local, e uma menor desorganização.

Já relativamente às questões financeiras, dado que o auditório é passível de ser alugado, por que não tentar rentabilizá-lo o mais possível, publicitando esse facto?

Apesar disso, entendo que a DRCC e o MSCV se têm esforçado por levar a cabo aquele que é o seu papel de preservar este monumento que faz parte do património da cidade e do país.

Actividades entre 2009 e 2015

Uma das actividades do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha são as visitas guiadas com as seguintes temáticas: *A história de amor de Pedro e Inês, vivida no Paço da Rainha; As histórias da Rainha Santa Isabel, conhecida pela sua bondade e virtude, padroeira da cidade de Coimbra e fundadora do Mosteiro; Freiras e Donas: aspectos da vida quotidiana das Clarissas.* Estas são as temáticas base. Além destas, ainda são temas para as visitas guiadas: A clausura, os enterramentos e

a visão da morte na Idade Média; a Horta Monástica⁴⁰ e as características arquitectónicas do Mosteiro.

Entre 2009 e 2013, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e o Serviço Educativo foram bastante dinâmicos nas suas actividades.

Essencialmente, eram feitas oficinas pedagógicas, com bastante variedade temática, e que tinham sempre muita adesão, sendo, por vezes, feita mais do que uma edição. Estas oficinas tinham como público-alvo alunos da Educação Pré-escolar, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Básico.

Em 2014/2015⁴¹ as actividades foram mais reduzidas, sendo que muitas das oficinas não tiveram inscrições.

Visitas orientadas, visitas temáticas, oficinas pedagógicas e jogos pedagógicos eram actividades permanentes; *Férias no Mosteiro* e datas comemorativas eram actividades temporárias.

2009-2013⁴²:

Decorações com Arte - Oficina pedagógica de Natal 2012 e 2013: nesta oficina foram feitos trabalhos manuais para produção de enfeites de Natal.

O Espantalho na Horta Monástica: esta oficina foi feita na Páscoa, com o objectivo de construir um espantalho para a horta monástica.

O Mosteiro em Movimento — Santa Clara a Dançar (2 dias): nesta oficina exploraram-se as danças tradicionais de Coimbra através das personagens típicas da cidade (parte teórica e parte prática).

Pintura em Cabaças — Oficina Pedagógica: esta oficina foi feita de manhã e de tarde, com pintura em cabaças e construção de casas em papel para pássaros e modelagem de balões.

⁴⁰ Onde se podem observar algumas das plantas medicinais e culinárias cultivadas pelas clarissas, antigamente.

⁴¹ Nesta altura já não eram as mesmas pessoas à frente do Serviço Educativo.

⁴² Só algumas actividades têm a data indicada porque só algumas delas tinham essas informações.

Cores, tintas e pincéis — Oficina de Pintura: nesta oficina foi feita uma visita orientada ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha para a motivação e escolha de um tema para desenho e pintura (história, arquitectura, personagens, etc.). Posteriormente foi feita uma pintura em acrílico sobre tela.

Mimos Doces na Páscoa: nesta oficina, foi feita uma caça aos ovos e pintura dos mesmos. Depois, seguiu-se a construção de uma caixa para os ovos de chocolate que serão confeccionados.

Oficina de Cupcakes: não foi encontrada informação acerca desta oficina, mas pressupõe-se que se tratasse da confecção de cupcakes.

À Noite no Mosteiro: nesta oficina era feita, inicialmente, a montagem do acantonamento, visita à ruína, um peddy paper e um Bilhete de Identidade do Mosteiro. Também havia um momento para leitura de histórias, neste caso, a história de Pedro e Inês.

Por fim, dava-se o momento da ceia, patrocinada pelo restaurante Leitão do Burgo.

Grafitos e Esgrafitos: nesta oficina, a partir dos motivos decorativos da arquitectura dos edifícios históricos, criavam-se frisos decorativos em barro com diferentes composições.

Oficina de Escultura: nesta oficina, criavam-se moldes em barro para execução de uma peça escultórica, que depois era pintada.

O lanche era oferecido pelo restaurante Leitão do Burgo.

Chegou a Primavera!: esta oficina iniciava-se com a observação da Horta Monástica e reconhecimento das suas ervas medicinais. Posteriormente, elaborava-se um herbário (com as características das espécies e o seu uso). Por fim, procedia-se ao cultivo de uma planta.

Oficina Pedagógica de Cerâmica: nesta oficina, era feito um atelier de cerâmica, com o objectivo de elaborar um presépio. Esta oficina era orientada pela monitora Élia Ramalho (artista plástica).

Atelier de Origami — Vem Construir as figuras do Mosteiro: nesta oficina, pretendia-se fazer diferentes modelos de origamis: igreja, freira, gato, carpa, coração (Pedro e Inês), coroa (Rainha).

S. Francisco e o Presépio: nesta oficina, construíram-se as figuras do presépio em origami.

Vamos fazer Iluminuras: esta oficina constituiu-se pela aprendizagem da técnica e acabamento da pintura de iluminuras sob a premissa: “Cria a tua própria iluminura de Natal”. Para introdução da oficina, houve um momento de dramatização em que um “monge copista” apresentou os materiais necessários para a execução da actividade. Foi feito um peddy paper para encontrar os materiais.

Vamos fazer Azulejos? / Quadrinhos de História⁴³: nesta oficina, começou-se por visualizar um Power Point intitulado *Maravilhas Árabes no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha*. De seguida, foi feita uma visita guiada sob a temática “Pelas Arábias no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha”. Na visita guiada pretendia-se a observação e identificação dos azulejos da ruína.

Depois disso, havia pintura de azulejos e terminava-se o dia com o Jogo da Memória.

Artes com História: nesta oficina, inicia-se uma visita pela exposição permanente, falando-se da história do Mosteiro, e por fim escolhe-se um motivo para sua execução prática, recorrendo à utilização de técnicas de desenho, pintura, modelagem, construção, etc.

E se eu fosse Arqueólogo? (8ª edição): esta oficina foi a mais bem-sucedida na programação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, entre 2009 e 2014. A oficina começava com uma visita guiada,

⁴³ Penso que não haveria diferenças significativas entre as oficinas.

sendo que depois se davam algumas noções básicas de arqueologia aos participantes. Prosseguia-se para actividades de conservação e restauro e inventariação dos materiais. De seguida, havia a simulação de uma escavação arqueológica, depois era feita a lavagem das peças e fragmentos e a sua etiquetagem.

Um Dia no Paço da Rainha: nesta oficina criavam-se as personagens do Paço e fazia-se uma árvore genealógica.

Um Dia na Exposição: nesta oficina realizava-se uma visita guiada e depois faziam-se alguns jogos, “os passatempos ao tempo do Mosteiro”. Criou-se, ainda, um jogo de tabuleiro e houve, também, espaço para a pintura de faiança.

As Jóias da Coroa: nesta oficina partia-se da observação dos adornos e adereços das Freiras e Donas de Santa Clara, encontrados nas escavações do Mosteiro. De seguida, utilizando diferentes técnicas e materiais, os participantes criavam as suas próprias jóias.

O Meu Brasão: nesta oficina pretendia-se, primeiramente, que os participantes consolidassem os seus conhecimentos na área histórica. De uma forma lúdica iriam aprender a distinguir os diferentes brasões de armas e o seu significado. Depois, decorariam um brasão.

Nós, Vós, e as Freiras de Santa Clara: esta oficina consistia num ateliê de fantoches, protagonizado por personagens relacionadas com o Mosteiro.

Aniversário no Mosteiro: esta oficina destinava-se a crianças entre os 5 e os 12 anos, que desejassem celebrar o seu aniversário no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Neste sentido, começava-se por uma visita guiada, e depois prosseguia-se para uma actividade lúdico-pedagógica a escolher entre as Oficinas e Jogos Pedagógicos.

Por fim, haveria uma actividade de expressão plástica relacionada com uma figura do Mosteiro à escolha (Freira Hilária, Rainha D. Isabel, D. Inês de Castro, D. Pedro, Arqueólogo Manel, Hortelão Gregório). A decoração e os convites tinham por base a figura escolhida.

Dia da Criança: no Dia da Criança, foi feita uma visita guiada, depois foi jogado o Jogo da Memória, contou-se a história de Santa Clara das Águas, sob a temática “Visitas ao Património – Argila para o imaginário infantil?”

Freiras e Donas de Santa Clara – Arqueologia da Clausura⁴⁴: a oficina começava com um peddy paper, depois era feita uma visita guiada, havia a divisão dos participantes em três equipas e eram entregues folhetos e um envelope que continha cartões com as questões a que tinham de responder no folheto.

À Descoberta do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha?: não foi encontrada informação acerca desta oficina.

Jogos do Convento: estes jogos pedagógicos começavam com uma visita guiada, depois dava-se continuidade ao dia com uma gincana de jogos tradicionais com charadas e adivinhas. Por fim, construía-se um jogo tradicional com materiais reutilizáveis, sob a premissa “Vamos criar...”.

Horta Monástica: esta oficina iniciava-se com uma visita ao Centro Interpretativo e à Horta Monástica, com o objectivo de reconhecer as espécies ali existentes. De seguida, havia uma recriação da horta monástica e apropriação do terreno, plantação de sementes, árvores e ervas aromáticas. Era, também, feita uma manutenção do espaço. Faziam-se, depois, ao longo do dia, algumas actividades: “A minha horta imaginária”, “De pequenino se pega no ancinho”, “Espantalho brincalhão”.

⁴⁴ Título da exposição permanente.

Oficina de Expressão Dramática — 2012: esta oficina surgia com a premissa “Um Dia com a Freira Hilária”, num objectivo de “Passear” pela História com a Freira Hilária.

Também eram feitos jogos de movimento, improvisação e intervenção com o propósito de aprender a dar vida a uma qualquer personagem do passado através de algumas técnicas utilizadas em Teatro.

No fim, o lanche era oferecido pelo restaurante Leitão do Burgo.

Oficinas de Páscoa — 2013 — “Bolhas de Sabão”: esta oficina pretendia ensinar aos participantes quais eram os hábitos de higiene das clarissas, e quais os cuidados a ter com o nosso corpo. Para terminar, era produzido um sabonete e sais de banho, e depois era feito o embrulho do sabonete e a decoração do frasco dos sais de banho.

Papagaios ao Vento — 2013: nesta oficina elucidavam-se os participantes acerca da história dos papagaios de papel, prosseguindo-se para um jogo, “À Descoberta dos Mosteiros”. Para finalizar, construía-se um papagaio.

Oficina Pedagógica — E se eu fosse Antropólogo?: nesta oficina, começava-se por fazer uma visita à exposição permanente, e depois seguia-se para a igreja. De seguida, iniciava-se o visionamento do Power Point: “O que é ser Antropólogo?”, e daí partia-se para a fase em que se davam algumas noções básicas de antropologia aos participantes, fazendo-se algum trabalho de laboratório e actividades lúdico-pedagógicas.

Dia de Santo António — 2010

Vamos Comemorar os Santos Populares — 2013: a oficina começava com uma visita guiada ao Mosteiro e ao Paço da Rainha, com uma contextualização relativamente às clarissas. Apresentava-se, também, a figura de Santo António como franciscano.

De seguida, explicava-se a ligação entre noções do que é uma planta aromática, um manjerico, e a horta monástica. A oficina continua com o transplante de manjericos, elaboração de uma flor de papel e a transcrição de uma quadra alusiva ao Santo.

Oficina Pedagógica — E se eu fosse Arquitecto? esta oficina assemelhava-se às anteriores *E se eu fosse Arqueólogo?* e *E se eu fosse Antropólogo?*, tentando inculcar aos participantes alguma noção de arquitectura, construir com pedras. Ensinava-se a ler a planta da igreja e identificar elementos construtivos.

Por fim, analisava-se o espólio contido na exposição permanente no Centro Interpretativo, mais concretamente, os vestígios de rosáceas e de vitrais.

Fazer do Mosteiro um Palco: esta oficina de teatro estava direccionada para o trabalho do actor na construção da personagem, bem como a construção da narrativa e as estratégias da comunicação e colocação de voz.

Ao nível dos Jogos Pedagógicos, faziam-se os seguintes:

Aventuras no Mosteiro: este jogo propunha que os participantes partissem à descoberta do edifício monástico, em equipa, através da observação dos vários elementos da arquitectura e da história do Mosteiro.

Bilhete de Identidade do Mosteiro: este jogo possibilitava o alargamento dos conhecimentos sobre a história do Mosteiro de uma forma lúdica, integrando a realização de um *peddy paper*, a resolução de um questionário em equipa e a montagem de um puzzle gigante.

Pé ante pé no Convento: neste jogo fazia-se um percurso pela vida quotidiana do Mosteiro no passado, partindo da exploração da exposição permanente através de um jogo pedagógico de identificação de actividades e objectos que faziam parte do dia-a-dia.

Acerca do Mosteiro: neste jogo de tabuleiro em formato gigante, inspirado no conhecido Jogo da Glória, pretendia-se testar e consolidar os conhecimentos após uma visita guiada à exposição permanente e ao mosteiro.

Freiras e Donas de Santa Clara⁴⁵: este jogo pressupõe a realização de um peddy paper em equipas, acompanhado por um questionário sobre a exposição permanente, após a visita guiada.

Durante as interrupções dos períodos lectivos, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha dispunha de diversas oficinas para ocupação dos tempos livres de forma lúdica e pedagógica. Estas actividades estavam orientadas para os inscritos⁴⁶, e podiam ser realizadas nas férias do Natal, férias do Carnaval, férias da Páscoa e férias de Verão.

As datas comemorativas tidas em conta para celebração eram: Dia Mundial do Teatro, Jornadas Europeias do Património, Dia Mundial da Música, Dia das Bruxas, Dia da Cultura, Dia da Criatividade, Semana da Ciência e da Tecnologia, Dia do Palhaço, Dia Comemorativo da Morte de Inês de Castro, Dia Mundial do Doente, Dia Mundial da Poesia, Dia Mundial da Água, Dia Mundial do Teatro, Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, Dia Internacional dos Museus, Dia Mundial da Criança, Dia Mundial do Ambiente, Dia de Santo António, Dia da Cidade, Dia dos Avós, Dia Mundial da Fotografia.

2014/2015:

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha criou um protocolo com o Agrupamento de Escolas Dr.^a Maria Alice Gouveia em 2014, tendo desenvolvido a iniciativa *Aprendendo no Mosteiro* com alunos com Currículo Específico Individual, actividade que consistiu em escrever poemas, ver filmes, fazer trabalhos manuais, etc. O que motiva este encontro entre as duas instituições é o facto de que “A DRCC e o AEMAG estão, neste sentido, interessados numa implementação nas áreas convergentes de procedimentos conducentes à adequada valorização e fruição do património histórico, arquitectónico e

⁴⁵ Este jogo destinava-se, exclusivamente, aos alunos do terceiro ciclo do Ensino Básico.

⁴⁶ Idade e número de participantes. Público-alvo: crianças entre os cinco e os doze anos.

arqueológico, nomeadamente no âmbito do desenvolvimento de actividades pedagógicas e educacionais no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (...)”⁴⁷. Com um grupo fixo, estas crianças compareceram sempre à maioria das sessões, com excepção de uma ou outra “falta”, e o *feedback* foi sempre positivo. Este protocolo manteve-se neste ano lectivo de 2015/2016. Foi-nos sugerido, a mim e à outra estagiária, Marta Lourenço, que acompanhássemos este projecto, com seis alunos, durante o nosso tempo de estágio⁴⁸, e que propuséssemos algumas actividades, bem como ajudássemos a produzir as já aprovadas.

Durante o ano de 2014 a programação passou a ser, única e exclusivamente, no âmbito das comemorações do “Dia Nacional/Internacional de ...”.

Dia 30 de Abril comemora-se o *Dia Internacional do Jazz*, e o Mosteiro criou uma parceria com a Tone Music School. O espectáculo consistiu num combo de jazz, com cinco elementos⁴⁹. Com esta iniciativa, o Mosteiro quis integrar-se neste dia, em que 185 países celebram o *4º Dia Internacional do Jazz*. O Mosteiro justifica-se citando Irina Bukova, chefe da agência da ONU, que disse que “em tempos de mudanças e incertezas, o mundo precisa mais do que nunca do espírito do jazz (...). O objectivo é unir as pessoas, nutrir o diálogo e a liberdade, criar novas pontes de respeito e entendimento para a cooperação e o bem maior, a paz. Por aqui, no MSCV, gostamos dessas palavras. É que Isabel de Aragão, a rainha que refundou este Mosteiro, no século XIV, era amante da paz e inclusivamente houve quem lhe chamasse a medianeira da paz.”

Dia 18 de Maio é o Dia Internacional dos Museus, no qual o MSCV comemorou a Noite dos Museus (*Museus Para Uma Sociedade Sustentável*) com um concerto, uma conferência, e a inauguração de uma exposição com trabalhos realizados em workshops produzidos no Agrupamento de Escolas Eugénio Castro, Escola Básica de Solum Sul, Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) e Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra (APCC), e com a colaboração de alunos e docentes da ARCA.

Fruto de um contacto mais informal, inicialmente, surgiu o Ciclo de Cinema Verdes Anos, em Março, Abril e Maio de 2015, numa parceria entre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o Agrupamento

⁴⁷ Consultado em: *Protocolo de colaboração entre a DRCC e o Agrupamento de Escolas Maria Alice Gouveia*.

⁴⁸ Entre Outubro de 2015 e Março de 2016.

⁴⁹ Rui Alvarez (baixo), Filipe Furtado (guitarra), Bernardo Cabrita (piano), Filipe Menezes (trompete) e Filipe Santos (bateria).

de Escolas de Coimbra Oeste - Escola Secundária de D. Duarte e Fila K Cineclube. “(...) Um dos objectivos deste ciclo de cinema é conquistar os adolescentes jovens para a ideia de que, possivelmente, mais interessante que verem filmes no tablet ou no ecrã do computador sozinhos no quarto, é a experiência do cinema, numa sala escura, num ecrã grande e com gente à volta. E se possível, com uma boa conversa no final.” Esta iniciativa contou com a presença de Tiago Cravidão⁵⁰. Não encontrei documentação relativa à continuação do ciclo em Maio, mas o ciclo foi retomado em Abril de 2016.

A 28 de Maio foi o Dia Internacional do Brincar, e a APCC (Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra), entidade promotora do evento⁵¹, criou diversas parcerias, entre elas, com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. As actividades consistiram em jogos, leituras de histórias, sessões de cinema, peddy papers, actividades desportivas, teatro, artes plásticas, etc. Este ano, o MSCV propôs-se colaborar de novo no evento Coimbra a Brincar, nos dias 27 e 28 de Maio, com as actividades *Mosteirando por um Dia*⁵² e *Isto São Coisas de Fantoques*.

Relativamente a esta retrospectiva das actividades que o Mosteiro desenvolveu ao longo destes anos, só me poderei pronunciar de forma algo superficial, pois nem todas elas continham uma quantidade considerável de informação para que pudessem ser analisadas. Ainda assim, o que é possível depreender é que havia uma imensa variedade temática nas oficinas e actividades, mas essa quantidade não significa, necessariamente, qualidade ou, mais propriamente, não significa que esses jogos e oficinas tenham a sua existência justificada. Digo isto pela questão que se põe: faz sentido um Serviço Educativo programar actividades que nada têm a ver com o local? Não, não faz sentido, porque nesse caso, esse Serviço Educativo não é o Serviço Educativo daquela instituição, mas pode ser de qualquer uma, pois não há uma essência que ligue determinada actividade à instituição em causa. É o caso, por exemplo, da actividade *S. Francisco e o Presépio* e/ou a *Oficina de Cupcakes*. Porquê uma actividade em que se vão fazer as figuras do presépio em origami? E porquê uma Oficina, da qual não obtive qualquer informação, mas que pelo título pressupõe a confecção de cupcakes?

⁵⁰ Realizador do filme *As coisas não são feitas por acaso*, exibido no ciclo.

⁵¹ Em cooperação com o Agrupamento do Jardim de Infância Póvoa de S. Martinho e Instituto Técnico-Artístico e Profissional.

⁵² Actividade programada por mim e pela outra estagiária.

Nem todas as actividades que decorreram neste período encaixam na minha observação anterior. A título exemplificativo, falando na programação entre 2009 e 2014, considero que a oficina *E se eu fosse Arqueólogo?* (que por acaso foi uma das mais bem-sucedidas) é uma oficina que tem fundamento, dado o historial do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Se podemos visitar o Mosteiro como fazemos hoje é porque tivemos a intervenção de diversos profissionais, entre eles, arqueólogos, para trazer à luz do dia o claustro, o espólio e legado que as clarissas deixaram a Coimbra, e a própria recuperação da igreja.

Ainda assim, penso que a situação se agravou ao longo do ano de 2014 e de 2015, pelo facto de só ter conseguido encontrar referência a iniciativas feitas no âmbito de comemorações dos Dias Internacionais/Mundiais, o que empobreceu consideravelmente o Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Outra iniciativa que penso que deveria continuar a ser desenvolvida para dinamização do espaço é, por exemplo, a do Aniversário no Mosteiro. Seria possível reaproveitar o Memorial à Água, que só pontualmente é utilizado, sensibilizar as crianças para o património, e até, apresentar aos encarregados de educação a programação de actividades de que o Mosteiro dispõe.

Antes de chegar ao próximo capítulo⁵³, gostaria de terminar este capítulo com uma reflexão que o abranja por completo. Quando o Mosteiro esteve sob a tutela do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) havia uma maior quantidade de iniciativas no âmbito do Serviço Educativo, assim como um investimento na programação. E também neste sentido, aparentemente, o Mosteiro não sofreria grandes restrições monetárias. Neste momento, a entidade que tutela o Mosteiro é a DRCC, pelo que pode ser apenas temporário, mas aparentemente a mudança de tutela parece ter prejudicado o monumento.

⁵³ Onde irei falar das actividades desenvolvidas ao longo da minha estada no Mosteiro e tentar fazer uma análise destes aspectos, igualmente.

Capítulo III

Relatório de estágio

Enquadramento

Neste capítulo irei relatar o decurso do estágio curricular entre Outubro e Março, no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e as tarefas desenvolvidas no âmbito do Serviço Educativo⁵⁴.

Num primeiro momento, comecei por fazer alguma pesquisa sobre o historial do Serviço Educativo no Mosteiro, e num segundo momento fui encarregue de colaborar em diversas actividades de que falarei mais adiante, com o culminar da programação de uma actividade organizada por mim e pela minha colega estagiária, Marta Lourenço.

No meu período de estágio, assumi tarefas fundamentalmente na área da animação e, em menor escala na área da programação, embora tenha colaborado na programação de algumas actividades, contribuindo com algumas ideias para a realização dessas actividades. De qualquer modo, na maioria delas, fui encarregue de executar as actividades, não tendo estas sempre um cunho pessoal meu.

A única actividade que programei foi *Mosteirando por um Dia*, em conjunto com a minha colega Marta Lourenço, da qual falarei mais adiante. Outra actividade que fui desenvolvendo ao longo do estágio foi a *Aprendendo no Mosteiro*, com seis meninos com CEI⁵⁵ da Escola Dr.^a Maria Alice Gouveia, sob a orientação da Doutora Lígia Saro Negrão.

Apercebi-me, logo no início do estágio, de que não havia, verdadeiramente, um Serviço Educativo no Mosteiro, não só pelo simples facto de que a suposta responsável por esse sector não

⁵⁴ Na minha primeira reunião na Direcção Regional de Cultura do Centro (entidade para a qual me candidatei aquando a fase de candidaturas para a opção de estágio curricular inserida no segundo ano curricular do ciclo de estudos) com a orientadora que me foi atribuída, a Doutora Zulmira Gonçalves, esta pediu-me que elaborasse um plano de estágio, e aquando lhe manifestei o meu interesse em trabalhar na área da programação cultural, a Doutora Zulmira sugeriu-me que criasse um conjunto de iniciativas no âmbito do Serviço Educativo, para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Neste sentido, já em reunião com o orientador do relatório de estágio, o Doutor João Maria André, definimos que o mais adequado seria apurar, primeiramente, se havia, de facto, um Serviço Educativo no Mosteiro, qual o seu conceito, a sua missão, os seus objectivos, a sua estratégia, os seus recursos e o seu público-alvo. Numa segunda instância, poderia propor um novo conceito de Serviço Educativo, definindo os pontos anteriormente descritos, e criando, depois, com base nessa reflexão, um conjunto de actividades para esse Serviço.

⁵⁵ Currículo Específico Individual.

se considerar como tal, mas também pelo facto de não haver um planeamento de actividades para 2015/2016⁵⁶.

A Doutora Lígia Negrão mencionou, ainda, a dificuldade que constituía programar actividades para o Mosteiro, na medida em que muitas delas não eram aprovadas pela Direcção Regional. Neste sentido, esta primeira reunião permitiu-me, também, compreender que não havia um planeamento da programação para o ano de 2015/2016, nem a um nível geral, nem ao nível do Serviço Educativo.

Num dos dossiês de arquivo do Centro Interpretativo, pude encontrar o plano relativo ao Serviço Educativo (2014/2015), que passo a enunciar: “Ao Serviço Educativo compete dar visibilidade ao pensamento que se encerra na arte, descobrindo-o e aprofundando-o em diferentes níveis de conhecimento, contribuindo, deste modo, para o enriquecimento de capacidades cognitivas, transversais a todas as idades, através de actividades que estimulem a curiosidade, o pensamento e a reflexão, inculcando, assim, o sentido crítico. Por outro lado, é no conhecimento do passado, da nossa história, que radica a compreensão daquilo que somos hoje.

A acção deste serviço articula actividades para diferentes tipos de público, destacando-se os projectos com escolas, as visitas guiadas, as oficinas, os aniversários, as exposições temporárias, as datas comemorativas, os múltiplos e diversificados eventos culturais que incluem programas musicais, teatro, dança, exposições, etc. Nas diferentes vertentes, o serviço educativo estabelece pontes com outras instituições e pessoas e está aberto ao desenvolvimento de projectos de trabalho em comum. Por outro lado, o público pode usufruir das habituais visitas ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

O Serviço Educativo dispõe de um programa de visitas guiadas, adaptadas a diferentes segmentos de público jovem, e promove actividades lúdico-didácticas ao longo de todo o ano. As actividades pedagógicas são concebidas e orientadas com base nos conteúdos programáticos e adaptadas aos diferentes níveis de ensino, de que é exemplo o Projecto de Educação Especial *Aprendendo no Mosteiro*. O principal objectivo deste serviço é a sensibilização para a arte nas suas

⁵⁶ Na minha primeira reunião, em Outubro de 2015, com a responsável pelo Serviço Educativo da altura, a Doutora Lígia Negrão, esta disse-me não entender ser a responsável pelo Serviço Educativo, e que esse tinha sido um título que lhe tinha sido atribuído. Nesse momento, explicou-me, também que as actividades que antigamente se produziam não tinham uma lógica conceptual, eram feitas de uma forma em que “qualquer coisa justificava uma actividade”. Ainda assim, pude apurar que essas actividades tinham sempre muito sucesso, algumas delas exigindo uma segunda edição ou mais, e as oficinas programadas para 2015 tinham muitas delas acabado por não se concretizar por falta de inscrições. A Doutora Lígia mencionou, ainda, a dificuldade que constituía a programação de actividades, pois muitas delas não eram aprovadas pela Direcção Regional.

diferentes manifestações, para o património cultural e para a sua conservação aliados ao enriquecimento pessoal de todos os que constituem o nosso público.”

Apenas um mês depois do começo do estágio, a Direcção Regional de Cultura do Centro sentiu a necessidade de reactivar e reestruturar o Serviço Educativo no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, encarregando técnicos superiores que lhe estavam afectos a desenvolver propostas para essa reactivação⁵⁷.

Neste momento, vigora um Serviço Educativo no MSCV assente nestes moldes:

“No quadro das atribuições da Direcção Regional de Cultura do Centro (DRCC)/Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (MSCV), o Serviço Educativo (S.E.) tem como missão a promoção de aprendizagens contínuas que permitam a fruição inclusiva da Arte e do Património. A valência dos Serviços Educativos é portanto valorizada e entendida como parte integrante da missão, visão e valores do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, logo, uma aposta de carácter permanente. Ambiciona incrementar novas dinâmicas (nos públicos, na oferta cultural já disponibilizada e nas próprias equipas) e obter maior retorno dos investimentos produzidos (por exemplo, através da fidelização de públicos vs. obtenção de novos públicos e produtos).

O projeto do S.E. visa a criação de contextos criativos, contribuir para a formação do sentido crítico, partilhar e consolidar saberes, criar e fidelizar públicos, recorrendo a estratégias de mediação cultural assentes na inovação e experimentação e baseadas em valores de partilha, tolerância e solidariedade.

A programação de educação patrimonial que apresenta abrange todo o público, crianças, jovens, famílias e adultos, que visitem o mosteiro em contexto individual ou em grupos organizados, escolares, culturais, seniores, acessibilidades ou outros.

Pretende criar hábitos culturais que podem ser uma saborosa mais-valia, conseguida através do Património que é de todos e como tal deve ser respeitado, vivenciado e aprendido.

⁵⁷ Em Novembro de 2015, surgiu a necessidade de fazer uma reunião centrada no Serviço Educativo, quando a Sra. Directora Regional chamou a atenção para a falta de actividades no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Essa reunião envolveu a Doutora Lígia Sara Negrão, a Doutora Júlia Oliveira, a Doutora Ângela Alves, a minha colega Marta Lourenço e eu.

Depois de um longo debate, a Doutora Lígia e a Doutora Ângela elaboraram propostas de missão e definição do Serviço Educativo diferentes, numa reunião com a Sra. Directora, reunião essa em que as estagiárias não estiveram presentes, mas fomos informadas de que a proposta da Doutora Ângela tinha sido escolhida pela Sra. Directora como a mais adequada. Ficou, assim, a Doutora Ângela nomeada responsável pelo Serviço Educativo.

Materializa-se em visitas orientadas, que podem ser temáticas, visitas-oficina, visitas-jogo e teatro, que versam a história do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, as exposições permanente e temporária, e o acervo em reserva.”⁵⁸

Quando se procedeu a esta reestruturação, o meu propósito inicial, o de tentar definir uma missão de Serviço Educativo e de trabalhar em função desse conceito, criando algumas iniciativas que se pudessem ali inserir, perdeu alguma força. Questionei-me se faria sentido apresentar uma proposta de Serviço Educativo, até porque não tinha estado presente na reunião em que se tomou a decisão de adoptar um novo Serviço Educativo para o Mosteiro. Acabo por expor essa reflexão apenas no meu relatório, e de acreditar que a iniciativa *Mosteirando por um Dia* cabe nessa reflexão.

Em função desta reestruturação, a pedido da Doutora Ângela Alves, eu e a outra estagiária fizemos um levantamento das actividades programadas e realizadas pelo Serviço Educativo, anteriormente, para se analisar quais seriam passíveis de adoptar e adaptar. Também foi feito um estudo de públicos, que consistiu na recolha de contactos electrónicos de entidades que achássemos relevantes para a *mailing list*. Neste sentido, foram recolhidos os contactos relativos a algumas instituições de ensino de Coimbra e arredores (Instituto Politécnico de Coimbra, Universidade de Coimbra, escolas de ensino artístico, jardins de infância de Coimbra e arredores, bem como escolas primárias, básicas e secundárias); associações e entidades culturais; órgãos de comunicação social (jornais e rádios); Câmaras Municipais; Centros de Dia; e Paróquias.

Fizemos, ainda, uma inventariação dos materiais existentes para usufruto do Serviço Educativo, presentes na Casa do Paço e no Arquivo.

Actividades desenvolvidas e sua produção

Aprendendo no Mosteiro foi uma actividade que a Doutora Lígia Saro Negrão já desenvolvia em 2014/2015, em virtude de um protocolo existente com a Escola Dr.^a Maria Alice Gouveia. Nesse sentido, como iria trabalhar no âmbito do Serviço Educativo, a Doutora Lígia Negrão sugeriu-me que colaborasse nesta iniciativa, juntamente com a Marta Lourenço que a Doutora Lígia já estava a

⁵⁸ Consultado em: Serviço Educativo, proposta de programação permanente, Janeiro 2016.

acompanhar. Tivemos uma reunião com a Professora que acompanhava este grupo de seis alunos, com o objectivo de os conhecermos um pouco melhor. Nessa reunião a Professora apresentou-nos aquelas que eram as competências que se pretendia que os alunos adquirissem. Entre estas constam a capacidade de adaptação a novos ambientes e referências, estabelecer relações positivas com os outros, cumprir as normas existentes, analisar bens e produtos culturais tendo em conta a sua dimensão histórica, conhecer e contribuir para a defesa do património colectivo, a preservação, consumo e criação de bens e produtos culturais, desenvolver a capacidade de observação e sentido crítico, desenvolver o gosto pela descoberta, desenvolver a comunicação oral e escrita, desenvolver a criatividade e expressividade.

Trabalhámos com um grupo de seis rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, com CEI. Um deles sofre de Trissomia 21, e quase não se expressa.

Neste projecto ajudei a desenvolver diversas actividades. É de salientar que estas actividades eram programadas previamente pela Doutora Lígia e pela Professora dos alunos em questão, pelo que geralmente a Doutora Lígia nos informava de véspera quais as iniciativas que iriam levar a cabo na sessão seguinte.

A primeira actividade foi a do visionamento do filme *The Kid* (1921) de Charlie Chaplin, onde se pretendia que os alunos desenvolvessem as suas competências cognitivas e formalizassem um comentário acerca dos aspectos mais relevantes do filme, estimulando simultaneamente as suas capacidades comunicativas. Posteriormente, porque achámos que seria benéfico que as crianças criassem uma maior ligação com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, na medida em que teriam um “amigo” para visitar e estimar no Mosteiro, sugerimos-lhes que fizessem um espantalho, e, se gostassem da ideia, poderiam fazer um espantalho baseado na figura de The Tramp. Esta construção durou 3 sessões.

Noutra sessão, com recortes de cartolinas, foram, também, elaborados postais de Natal, que os alunos poderiam oferecer a familiares ou amigos.

Aprendendo no Mosteiro teve de ser interrompida entre 14 de Janeiro e 11 de Fevereiro, devido ao encerramento do Mosteiro ao público. Aquando da sua retoma, foi visualizado um trecho

do filme *Nuovo Cinema Paradiso* (1988)⁵⁹, sendo depois levada a cabo uma reflexão sobre o simbolismo do filme e os seus valores.

O encontro com os alunos da Escola Dr.^a Maria Alice Gouveia foi novamente interrompido quando no dia 16 de Fevereiro houve uma nova inundação no Mosteiro. A sua retoma foi no dia 25 de Fevereiro, com a leitura, análise e ilustração de poemas. Esta actividade teve a duração de três sessões, culminando com a avaliação dos alunos a nível de comportamento e de rendimento, e foi-lhes solicitado que respondessem à seguinte questão: “O que são para ti as palavras?”. Com os contributos dados pelos alunos, foram produzidos textos para avaliação dos mesmos na escola.

Esta foi uma experiência que considero extremamente gratificante e enriquecedora, pois permitiu-me contactar pela primeira vez com crianças com necessidades educativas especiais. Quando a Doutora Lígia Negrão nos disse que um deles tinha espectro de autismo, e outro tinha Trissomia 21, fiquei bastante intimidada. Estas especificidades destes alunos tornaram-se num grande desafio para mim e foram mais um factor de motivação para que o trabalho a desenvolver tivesse sucesso. Deste modo, o facto de quer a Faculdade quer a escola não me terem preparado para desenvolver este tipo de trabalho, não foi impeditivo de o realizar com o máximo empenho e satisfação.

A Doutora Lígia Negrão alertou-nos para o facto de que, por vezes, havia alguns conflitos dentro do grupo, mas que de modo geral, eram jovens sossegados. De facto, o seu comportamento não era problemático, apesar de ter acontecido um ou outro episódio menos feliz. Há que ter em conta que estavam a atravessar a típica fase da adolescência, o que por vezes poderia justificar certas atitudes.

O mais surpreendente foi apercebermo-nos que, dos seis rapazes, apenas três conseguiam ler sem grandes dificuldades, e um deles não sabia, de todo, ler. Tratava-se de um menino de etnia cigana, o mais novo dos seis. Nos tempos que correm, é inconcebível que uma criança com 11 anos não saiba ler, e é difícil ficar indiferente a esse facto. Mas mais surreal, ainda, é o facto de cada um destes jovens ter uma professora de Português que os acompanha em particular, levando-me a questionar se as modalidades de apoio aplicadas a estas crianças estariam a ser as mais adequadas. Também me fez questionar porque razão a sua alfabetização não era uma prioridade, não só na

⁵⁹ A primeira parte foi visualizada pelos alunos na escola.

escola, como em casa. Foram feitos pedidos por parte do Mosteiro para que na escola fosse colmatada esta lacuna na formação dessas crianças, mas até ao meu último dia de estágio, nada tinha mudado. Espero, com sinceridade, que esta situação se reverta com a maior brevidade possível, de modo a que estes jovens não fiquem sujeitos à exclusão social.

Desejo que, apesar das suas dificuldades, este encontro no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha tenha proporcionado bons momentos, e que este protocolo se mantenha, permitindo que outras crianças possam usufruir de diferentes oportunidades de aprendizagem, e de contacto com o património. Entendo que é uma mais-valia para os alunos e para a própria instituição, pois não precisarão estes jovens de trabalhar em prol de uma educação não formal, também? Não deverão usufruir de uma experiência que seja além de pedagógica, sensorial? Não precisarão de compreender que o património faz parte da sua cultura e que deverão contribuir para a sua preservação? Que o deverão estimar e sentir prazer quando estão em contacto com o mesmo? E não será enriquecedor para a própria instituição contactar com estes meninos? Mostrar que um museu pode ser um local agradável, inclusivo, aberto a todos, que está preparado para os receber e que quer ensiná-los, qualquer que seja o seu patamar?

Julgo ter sido a vontade de aprender e, também, de correr pela relva que vi nos olhares daqueles jovens que produziram um espantinho para o Mosteiro, que decoraram cartões de Natal para oferecer, e que tentaram memorizar e recitar poemas, apesar das suas dificuldades. Creio que as competências que a escola pretendia que alcançassem foram também adquiridas, na medida em que estes jovens desenvolveram relações interpessoais positivas, empenharam-se em realizar as tarefas apresentadas a cada semana, respeitando as normas das mesmas, desenvolveram as suas capacidades cognitivas relativamente à sua capacidade de observação e sentido crítico, e frequentemente foram incitados a explorar a sua criatividade e expressividade. O que persistiu uma batalha foi o desenvolver da sua comunicação oral e escrita, devido às suas dificuldades. Quanto à contribuição para a defesa do património colectivo e a preservação, consumo e criação de bens e produtos culturais, creio que o terão feito ao longo das visitas ao Mosteiro.

Penso que esta é uma iniciativa que constitui um factor de desenvolvimento para as crianças, para a escola e para o museu, e que deveria ser alargada a outras escolas, e quiçá, até a outras

instituições ou grupos. Uma actividade deste âmbito pode ser adaptada a diferentes públicos, o que constituirá sempre uma mais-valia para quem pretender visitar o museu e para quem recebe os seus visitantes.

No início de Novembro começámos a programar as Oficinas de Natal 2015, também sob a orientação da Doutora Lígia, que já tinha definido que seriam direccionadas para a leitura de histórias. Estavam marcadas para dois dias, 18 e 19 de Dezembro, e tinham o título *Vamos Contar uma História?* Havia uma taxa de inscrição⁶⁰ e no dia 18 o seu público-alvo era compreendido entre os 6 e os 9 anos; no dia 19 o seu público-alvo era compreendido entre os 10 e os 12 anos. O mínimo de participantes era 5, e o máximo era 12.

O objectivo era através da leitura de duas histórias (*Uma história que pode ser de Natal – Uma história com pessoas, com lugares e até com um quintal* no dia 18; e *Nada, a menina que veio de Damasco* no dia 19, ambas da autoria da Doutora Lígia) sensibilizar as crianças para os valores contidos na celebração do Natal, e no caso da segunda história, sensibilizar as crianças para os refugiados recém-chegados a Portugal. Depois da leitura das histórias, estavam previstas actividades relacionadas com as histórias, como a construção de postais de Natal e de uma árvore de Natal.

Estas oficinas acabaram por não se realizar, devido à falta de inscrições.

No fim de Novembro eu e a Marta Lourenço fomos encarregadas de ser as guias numa visita guiada a um grupo de alunos da Escola Primária do Serrado (Figueira da Foz), com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. Dividimos o grupo ao meio e cada uma de nós iniciou a visita guiada com o seu grupo, em pontos opostos (Centro Interpretativo e igreja), para que as crianças não dispersassem a sua atenção, dado que este era um grupo considerado grande para fazer uma visita guiada, e dada a faixa etária.

Eram cerca de 40 crianças, com quatro educadoras, pelo que cada uma das estagiárias ficou de fazer a visita a cerca de 22 pessoas.

⁶⁰ De 8€ por participante.

Esta foi a primeira vez que realizei uma visita-guiada, pelo que tivemos de fazer várias visitas ao Mosteiro e estudar a sua história para estarmos aptas a fazer de guias para estas crianças. O objectivo era transmitir-lhes o essencial, tentando não os sobrecarregar com demasiada informação, dado que uma visita completa ao Mosteiro tem a duração aproximada de 1h30.

Penso que o objectivo foi cumprido na medida em que julgo termos sido capazes de transmitir a informação essencial acerca do Mosteiro a este grupo da Escola Primária do Serrado, que apesar das idades, se mostrou extremamente interessado na visita-guiada, expondo algumas questões ao longo da visita. O seu entusiasmo foi, também, visível no término da visita, quando todos acorreram à loja para a compra de algumas lembranças.

Isto São Coisas de Fantoques! foi a actividade mais morosa que desenvolvemos no estágio. Esta actividade, que a Doutora Ângela nos pediu que desenvolvêssemos, começou a ser trabalhada logo no início de Janeiro. Consistiu em fazer um teatro de fantoches, com base em lendas e mitos de Coimbra, e com o objectivo de “estimular valores sociais, linguísticos e literários. Contribuir para o desenvolvimento na criança da imaginação criadora, do pensamento crítico, da linguagem em todos os seus aspetos, do enriquecimento de experiências e do senso de responsabilidade. (...) O cruzamento de saberes e de linguagens, a interdisciplinaridade, são um eixo precioso que se consegue com a criação teatral”⁶¹.

Outra vertente da actividade (que não foi levada a cabo) era a de *Isto São Coisas de Fantoques!* ganhar um carácter de oficina pedagógica, na medida em que, depois da representação de uma das peças, os participantes poderiam construir e manusear fantoches, fazer exercícios de dicção, articulação e interpretar uma das peças à escolha.

Foi-nos solicitado que pesquisássemos lendas e mitos de Coimbra para os adaptarmos para peças de teatro de fantoches. Iniciámos a pesquisa tendo recolhido as seguintes lendas e mitos: *Lenda do Milagre das Rosas*, *Lenda das Chaves do Castelo de Coimbra*, *Lenda de Leandro e Elena*, *Lenda do Pajem*, *Lenda do Brasão da Cidade de Coimbra*, *Lenda de Coimbra* e *Lenda de Pedro e Inês*. Dessas lendas foram escolhidas para posterior adaptação para peças de teatro a *Lenda do*

⁶¹ Consultado em: Serviço Educativo, proposta de programação permanente, Janeiro 2016.

Milagre das Rosas, a Lenda do Brasão da Cidade de Coimbra, a Lenda de Coimbra e a Lenda de Pedro e Inês.

Depois da criação das peças de teatro⁶², procedemos à preparação dos figurinos dos fantoches, que, como já referi anteriormente, foi uma tarefa árdua⁶³. Recuperámos a estrutura do fantocheiro, pintando-a e decorando-a o melhor possível, dada a falta de verbas.

Inicialmente, estava prevista a realização da actividade *Isto São Coisas de Fantoches!* com a peça baseada na Lenda do Brasão da Cidade de Coimbra, no dia 29 de Janeiro, dado que já tínhamos uma marcação de uma escola para este dia, mas a mesma não se realizou por razões que me são alheias. Foi, então, marcada pela Doutora Ângela a actividade para o dia 7 de Fevereiro, no período do Carnaval. As personagens foram distribuídas pela Doutora Ângela (Ataces), pela Maria Helena Santos (Hermenerico), Marta Lourenço (Honório e Cindazunda) e eu (Narrador), e a Doutora Júlia ficou responsável pela sonoplastia, com as músicas escolhidas para inclusão na peça.

A peça exigia marcação prévia e foi exibida em duas sessões, no Memorial à Água, uma às 15h30, que contou com 30 pessoas, e a outra às 16h30, com um público de 41 pessoas. Cada sessão tinha a duração de 30 minutos, e a entrada era gratuita.

A parte da divulgação ficou a cargo da Doutora Ângela Alves, e é de salientar que a rádio TSF deu muita projecção a esta actividade, pedindo à responsável pelo Serviço Educativo que gravasse um excerto da peça para ser rodado em forma de spot nesta estação.

A actividade acabou por correr como previsto, mas sem dúvida que teríamos produzido uma peça mais bonita e mais trabalhada se tivéssemos verbas para tal. Penso, também, que houve algumas dificuldades ao nível de ensaios, mas, ainda assim, *Isto São Coisas de Fantoches!*, acabou por correr de forma positiva. Tanto os pais como as crianças pareceram ter ficado satisfeitos com a peça, tendo-a elogiado muito no final.

Da minha perspectiva, esta é uma actividade interessante e apelativa para o público-alvo em questão, e que penso ser capaz de potenciar o desenvolvimento da imaginação e criatividade, um

⁶² Disponíveis em anexo.

⁶³ Os fantoches já faziam parte dos materiais do Serviço Educativo do Mosteiro, pelo que apenas fizemos algumas adaptações ao nível dos figurinos.

dos objectivos que foi apresentado pela programadora. No entanto, os restantes objectivos parecem ficar desgarrados da actividade como foi levada a cabo, pois perdem o sentido.

Se fosse a programadora, escolheria focar-me, por exemplo, nas lendas do Milagre das Rosas e de Pedro e Inês, que são as lendas com as quais se pode estabelecer maior ligação com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, na medida em que a Rainha Santa Isabel, D. Pedro e D. Inês viveram parte da sua vida no Paço Real, junto ao Mosteiro de Santa Clara. Mas também optaria, a título exemplificativo, por criar uma peça relacionada com as inundações na época em que as Clarissas habitaram o Mosteiro.

É de ressaltar que esta foi a primeira actividade inserida no novo conceito de Serviço Educativo, a cargo da Doutora Ângela. Serviu um pouco como uma “avaliação” para a DRCC compreender se este seria o caminho a seguir e se seria esta a reestruturação necessária, pelo menos, numa primeira instância.

Em Março, nos dias 29, 30 e 31⁶⁴, realizou-se a Oficina de Páscoa *Julião Feito à Mão*. Esta oficina contou com a colaboração do escultor António Azenha, e tinha como público-alvo crianças entre os 7 e os 12 anos. Esta oficina realizou-se nestes três dias durante a parte da manhã (10h00 – 12h30) e a parte da tarde (14h00 – 16h30). Da parte da manhã, era explicado aos participantes o processo construtivo da obra, e da parte da tarde, era iniciada a execução da escultura. Os participantes não tinham a obrigatoriedade de estar inscritos nos três dias, e poderiam participar apenas em meio dia (manhã ou tarde)⁶⁵. Os objectivos desta oficina eram os de sensibilizar os participantes para a arte escultórica, o processo criativo e o meio ambiente na vertente da reciclagem, pois a estrutura previamente construída seria preenchida com brinquedos e materiais usados/estragados dos participantes. Com estes brinquedos será possível dar uma nova vida aos mesmos, tal como será possível criar uma nova “vida”, a do Julião, criando um novo significado.

António Azenha, escultor, pintor e performer, levou para o Mosteiro o conceito da reciclagem de brinquedos, para a construção de um coelho da Páscoa com brinquedos usados e/ou estragados.

⁶⁴ Inicialmente, estava previsto que o Julião Feito à Mão se realizasse nos dias 22, 23 e 24 de Março, mas devido à falta de inscrições, a oficina foi adiada.

⁶⁵ O custo desta actividade era de 5€ para meio dia, 8€ para um dia, e 20€ para os três dias.

Resultou um coelho gigante coberto de brinquedos que os participantes trouxeram ao longo destes três dias.

Esta oficina contou com a participação de 26 crianças⁶⁶, que se mostraram muito entusiasmadas com o projecto, o qual ficou exposto na entrada do Centro Interpretativo do Mosteiro. Não obstante o agrado de muitos, notou-se alguma saturação no terceiro dia da oficina, em que algumas crianças começaram a ficar muito inquietas, e já não se mostraram tão empenhadas na criação escultórica, algo compreensível, dadas as suas idades.

Penso que foi cumprido o objectivo desta oficina, que era o de, primeiramente, dar algumas noções, mesmo que muito básicas, do que é uma criação escultórica, e o seu processo criativo, bem como o de transmitir às crianças a possibilidade/necessidade da reutilização de objectos, neste caso, de brinquedos. Com a reutilização de objectos, podemos criar outros, e neste caso, uma escultura, que representará, sempre, uma memória da nossa infância, algo que não teríamos se nos desfizéssemos dos brinquedos usados para esta construção.

Terá ficado acordada, entre a responsável do Serviço Educativo e o escultor António Azenha, a realização posterior (em data a definir) de uma exposição temporária com trabalhos do autor, que depois daria o mote para outras actividades pedagógicas, workshops, oficinas e performances. Penso que não houve uma programação destas iniciativas, pelo que não tenho conhecimento se as mesmas se irão realizar.

Mosteirando por um Dia foi uma proposta apresentada pelas estagiárias do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Beatriz Barroca e Marta Lourenço.

Esta atividade tinha como objetivo dar a conhecer ao público escolar (de faixa etária entre os 7 e os 12 anos) os Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova, que muitos desconhecem, e desconhecem, sobretudo a ligação existente entre os dois mosteiros.

A actividade materializa-se numa visita-guiada paga⁶⁷ aos dois locais. Convidámos actores para colaborarem connosco, pois pretendíamos fazer uma visita teatralizada, simultaneamente lúdica e pedagógica para os participantes. Uma actriz (Daniela Proença), vestida de freira, de nome Hilária,

⁶⁶ 8 no dia 29, 9 no dia 30 e 9 no dia 31.

⁶⁷ O preço era de 5,00€, dividindo-se esse valor pela metade, ou seja, 2,50€ para cada uma das instituições.

conduz a visita guiada ao longo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, explicando como era a vida das clarissas. A meio da visita surgem D. Pedro (David Valente) e D. Inês (Beatriz Melo), dado que a sua bela e trágica história de amor foi vivenciada no Paço Real. Na visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, a freira Hilária conduz uma pequena parte da visita, surgindo, depois, a Rainha Santa Isabel (Beatriz Melo), que conduz a maior parte da mesma, dada a importância da Rainha neste local. Na parte final, surge D. Dinis (Marcelo Leitão), para uma recriação da Lenda do Milagre das Rosas.

No final de cada visita, as crianças elaboraram dois quizzes, cada um referente a um Mosteiro, para uma “avaliação de conhecimentos”, que depois os participantes levaram consigo. Esses quizzes foram corrigidos oralmente para que os participantes pudessem compreender se tinham, de facto, assimilado a informação que constou das visitas guiadas, o que também serviu à organização como instrumento de avaliação da actividade.

Pretendíamos, com esta iniciativa, dinamizar ambos os espaços, criando um vínculo entre os dois do qual nem sempre se tem consciência, sendo isso essencial, não só pela história que os junta, mas também pelo facto de o Serviço Educativo de ambas as entidades poder interligar-se, evoluindo para algo profícuo para as duas instituições e para a população em geral. Também entendemos ser importante dar a conhecer parte do passado da cidade de Coimbra, na medida em que estes são dois locais de um enorme culto religioso e de adoração à Rainha Santa Isabel, tal como retratam as vivências da ordem religiosa das clarissas, que consideramos um legado histórico que não se deve perder.

Os pais ou cuidadores poderão deixar os seus filhos num ambiente de brincadeira, em segurança, que potencia a sociabilização entre crianças e a aprendizagem e consolidação de conhecimentos. Se for seu desejo, os progenitores ou acompanhantes dos participantes poderão acompanhar, também, a visita.

Inicialmente tínhamos programado esta actividade tendo em vista uma visita-guiada que fosse feita num dia: de manhã (das 11h00 às 12h30) ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e à tarde (das 14h00 às 15h30), ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. Também pretendíamos criar uma parceria com a Quinta das Lágrimas, dado que essa entidade explora a cafetaria do MSCV. Nesse sentido, foi

contactada uma funcionária da cafetaria, para que fosse negociado um menu de almoço com um valor simbólico, com o propósito de que as crianças que quisessem aí pudessem almoçar.

Quanto à data da realização de *Mosteirando por um Dia*, pensámos, desde o início, em realizar esta actividade no mês de Maio, devido ao facto de as condições climáticas serem mais favoráveis para uma iniciativa deste género, que envolveria andar ao ar-livre em algumas partes das visitas.

Só em Fevereiro, e a partir daí, nos foi possível trabalhar com afinco em *Mosteirando por um Dia*. Já tínhamos discutido algumas ideias, mas só passámos para a elaboração da proposta e os seus preparativos a partir desse momento.

A fase final de programação da actividade foi extremamente tensa e cansativa, com algumas alterações que fugiram do controlo da organização⁶⁸. Todo este processo atrasou a divulgação, que tínhamos calendarizado para começar a 15 de Abril, e só se iniciou a 20 de Abril.

Os dias que se seguiram à marcação definitiva da data foram bastante exaustivos, com a necessidade de tratar dos figurinos, dos adereços e de fazer a divulgação. Relativamente à divulgação, imprimimos 60 cartazes e 110 flyers, que tentámos afixar nas escolas primárias e básicas da cidade de Coimbra, bem como em alguns pontos estratégicos, o que se verificou ser muito difícil, pois nenhuma de nós tinha viatura própria, e algumas escolas não permitiram a afixação dos materiais. Assim, como já referi, afixámos cartazes e flyers em grande parte das escolas primárias e básicas, em algumas escolas secundárias e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Quanto a pontos estratégicos, optámos por colocar cartazes em locais que achámos serem “familiares” e/ou onde pudesse haver uma maior afluência do público escolar. Neste sentido, dirigimo-nos a cafés situados perto de escolas e junto aos Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova, e pedimos autorização para serem colocados cartazes em espaços como a ACM (Associação Cristã da Mocidade), o Centro Norton de Matos, o Clube de Ténis de Coimbra, Conservatório de Música de Coimbra, o Exploratório Centro Ciência Viva de Coimbra, e em igrejas (solicitando que a divulgação fosse feita na catequese).

⁶⁸ Falo das mesmas em anexo (anexos IV, V, VI e VII).

Ao nível da divulgação online, contactámos as escolas primárias, básicas e secundárias do distrito de Coimbra, a Direcção Regional de Educação do Centro, o Conservatório de Música de Coimbra, Jornais de Coimbra (Diário de Coimbra, Diário as Beiras, A Cabra) e arredores, bem como alguns jornais e revistas nacionais⁶⁹. Contactámos por e-mail, também, diversas entidades⁷⁰.

Em termos de custos, esta actividade teve o valor de cerca de 50€, tendo sido, toda ela, custeada pela organização, e não revertendo nenhum lucro para a mesma. Este valor cobriu o preço das impressões de cartazes e flyers, bem como o da compra de alguns adereços⁷¹. Os figurinos da freira, de D. Inês e da Rainha Santa Isabel foram cedidos a título gracioso pelo Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e o figurino de D. Pedro e de D. Dinis foi alugado ao Teatrão. Também tivemos custos com os almoços dos actores, pois decidimos desde o início que a organização lhes iria oferecer uma refeição, dado que não lhes poderia retribuir o serviço monetariamente.

Inicialmente, tínhamos pensado esta iniciativa única e exclusivamente para crianças entre os 7 e os 12 anos, mas no acto da inscrição, foram muitos os pais que manifestaram interesse em participar com os seus filhos, pelo que acordámos com os Mosteiros que os acompanhantes iriam pagar a mesma taxa que os participantes. Neste sentido, até à véspera de *Mosteirando por um Dia* tínhamos 14 inscritos para o dia 30 de Abril e 13 inscritos para o dia 1 de Maio. No dia 30 foram contabilizadas 21 presenças, e no dia 1 foram contabilizadas 14 presenças.

A actividade teve a duração prevista na visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, mas no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova demorou consideravelmente menos, não só porque o espaço é mais pequeno, mas também pelo grupo ser menor.

Resumidamente, penso que esta foi uma actividade extremamente enriquecedora. Com *Mosteirando por um Dia* pude compreender como duas instituições de natureza diferente (uma

⁶⁹ Correio da Manhã, Jornal de Notícias, Jornal Público, Jornal Expresso, Semanário Sol, Revista Visão, Revista Sábado, Diário de Notícias, Jornal I, Jornal de Letras, Sapo, Revista Canela & Hortelã, Cidades Online, Cultrede, Curly Mess, Diário Digital, Excelência Portugal, Gazeta dos Artistas, Notícias de Coimbra, Glass Journal, O Sexo e a Cidade, Só Divulga, Vortex Magazine, VouSair.com, Revista PORT.COM. Ainda nos meios de comunicação social, enviámos e-mails para as rádios locais e nacionais, como a Média Capital Rádios, TSF e RUC.

⁷⁰ Foram enviados e-mails para alguns dos departamentos das Faculdades da Universidade de Coimbra, bem como alguns docentes, e contactámos, também, algumas instituições e associações como o Justiça e Paz, Living Place Animação Turística, Centro Social de São João, A Cores — Associação de Apoio a Crianças e Jovens em Risco, Misericórdia de Coimbra, Turismo de Coimbra e Turismo do Centro, A Previdência Portuguesa, Centro Hípico de Coimbra, Cidadãos por Coimbra, Coro Sinfónico Inês de Castro, TEDxCoimbra, Olimpo — Associação Recreativa e Teatral dos Jovens Amigos de Constantina, Escoliadas — Associação Recreativa e Cultural, Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra, Pequenas Vozes de Febres Associação de Defesa e Apoio da Vida, APBC — Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra, Lugar Comum, MÁFIA — Federação Cultural de Coimbra, Loucomotiva — Grupo de Teatro de Taveiro. Por fim, contactámos algumas Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia desta zona.

⁷¹ Um par de collants, uma coroa, um ramo de rosas artificiais e duas penas.

pública, e a outra, privada) funcionam, tendo permitido a minha adaptação a esse diferente funcionamento. Acredito, ainda, que apesar dessas diferenças pudemos concretizar uma parceria entre estas duas entidades, que tanto têm em comum. Considero que esta foi uma iniciativa que me permitiu ganhar mais experiência a nível prático, na medida em que encetei contactos para a concretização de parcerias, o que me permitiu desenvolver as minhas capacidades comunicativas e de “exposição de um produto”, neste caso a actividade *Mosteirando por um Dia*. Creio, ainda, que os objectivos da actividade foram cumpridos face aos participantes, na medida em que esta cumpriu o seu propósito a partir do momento em que os participantes se mostraram interessados e motivados ao acompanhar a(s) visita(s) guiada(s), o que se reflectiu na taxa de respostas certas dos quizzes.

Foi também importante realizar uma actividade que tivesse sido programada por mim, num estágio que se marcou mais pela animação. Estando eu a frequentar o Mestrado em Política Cultural Autárquica, senti que era essencial programar uma iniciativa, quer esta se realizasse ou não. Foi com grande alegria que vi ser possível concretizar *Mosteirando por um Dia*, apesar de todas as dificuldades, e foi imensamente gratificante receber elogios no fim da mesma.

A experiência de organizar uma visita guiada desta natureza verificou-se muito interessante. Permitiu-me, no caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, consolidar os meus conhecimentos, e no caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, aprender sobre este edifício, que até então, me era desconhecido. Assim, verificou-se que conseguimos transmitir estes conhecimentos acerca destes dois Mosteiros aos actores que colaboraram connosco, pois também eles, não conheciam aprofundadamente esta parte do património de Coimbra. Neste sentido, creio que os participantes, crianças ou pais, tenham levado para casa o mesmo sentimento, aquele em que valeu a pena ir a *Mosteirando por um Dia*, porque aprenderam algo com a(s) visita(s), daí o propósito de ser elaborado um quizz para que os mais novos pudessem preencher no final das visitas.

Tal como disse anteriormente, desde o início que um dos meus objectivos para este estágio seria o de programar actividades para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Um programador nunca trabalha isoladamente, e também pude adquirir essa experiência trabalhando com a minha colega Marta Lourenço, que teve um papel fundamental para a concretização desta iniciativa.

Outro aspecto que pude interiorizar com esta experiência foi o de, mais uma vez, existir a necessidade do cumprimento de prazos e a sua importância, e de como é relevante fazer uma divulgação planeada e atempadamente. Ao nível dos custos, ganhei maior consciência das dificuldades de programar uma actividade sem qualquer financiamento prévio ou patrocínio, o que exigiu uma ainda maior dedicação da nossa parte.

Por fim, julgo que esta terá sido uma boa iniciativa, não só ao nível do Serviço Educativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, como para a cidade de Coimbra e o seu património cultural. Espero ter conseguido transmitir a quem frequentou estas visitas uma maior consciência do nosso património. Apesar de ter sido apenas a dois dos Mosteiros de Coimbra e do país, julgo ter sido uma mais-valia para esta consciencialização, mesmo que com uma dimensão relativamente pequena.

Capítulo IV

Conclusão

Iniciei o meu percurso académico no Ensino Superior na Licenciatura em Estudos Artísticos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Neste curso tomei contacto com a pluridisciplinaridade das artes e formei o espírito crítico que faz parte da cultura e também da arte. A programação e a gestão de projectos foi uma das áreas exploradas na licenciatura, vertente essa que me fascinou e me fez procurar uma continuidade num segundo ciclo de estudos, neste caso o Mestrado em Política Cultural Autárquica, também na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Depois da formação teórica obtida na Licenciatura e no Mestrado, pretendi desde o início, complementar a mesma com uma vertente prática. Nesse sentido, preferi a opção do Estágio e Relatório, e penso que terá sido a melhor escolha para poder ter uma perspectiva teórico-prática do meu futuro profissional.

Esta experiência no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha foi extremamente valiosa, pois assim pude vivenciar muitas outras, e adquirir inúmeras competências e conhecimentos, crendo que fiquei mais perto da experiência profissional e do mercado de trabalho.

Neste período, pude explorar uma vertente com a qual ainda não tinha tido contacto, a da educação e do Serviço Educativo, que se mostrou desde o início, um grande desafio. Foi extremamente gratificante estudar esta temática e poder trabalhar, na prática, este conceito. O Serviço Educativo é de facto algo essencial num museu ou instituição cultural, porque faz parte da sua identidade, e deve ser intrínseco à missão e aos valores que esse espaço pretende transmitir aos seus visitantes, já para não falar de que tem um peso determinante na fidelização e criação de novos públicos, algo de extrema importância.

Julgo ter sido possível articular os conhecimentos teóricos obtidos na Licenciatura e no Mestrado com os conhecimentos práticos obtidos neste estágio, pois a minha formação académica forneceu-me a preparação necessária para o poder concretizar. Também neste aspecto o estágio veio

enriquecer a formação dos dois ciclos de estudos, a partir do momento em que o Serviço Educativo se situa no cruzamento das duas formações.

Este foi um percurso académico compensador, não só do ponto de vista profissional, como do ponto de vista pessoal (não esquecendo que este é essencial para a construção de um bom profissional). O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, que se revelou o meu destino quando tinha pensado realizar o estágio na Direcção Regional de Cultura do Centro, foi um local extraordinariamente acolhedor e belo. Esta instituição, com a sua forte carga histórica, patrimonial e cultural, tão relevante para a história da cidade de Coimbra, marcando o início do meu percurso profissional significou uma enorme honra, enquanto mestranda.

Tenho, também, a agradecer a confiança que me foi depositada por parte da equipa do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha para ajudar a concretizar as actividades em que participei, bem como a que programei, *Mosteirando por um Dia*.

Creio que, como já tive oportunidade de referir, anteriormente, pude melhorar as minhas competências comunicativas, já que tive ocasião de contactar com o público inúmeras vezes, e as minhas competências organizacionais, com a experiência de trabalhar em equipa, não só na actividade que programei, mas sempre ao longo de todo o período de estágio, nas várias iniciativas em que colaborei. Posso dizer que vi o modo de funcionamento de um museu, aprendi a lidar com os diferentes públicos, mas mais especificamente com o público infantil, dadas as actividades em que colaborei, e também com o público com necessidades educativas especiais, no caso de *Aprendendo no Mosteiro*, ganhei alguma formação ao nível das visitas guiadas, por ter sido guia numa delas e por ter dado formação a outras pessoas no caso de *Mosteirando por um Dia*, ganhei experiência a encetar parcerias e contactos com diferentes entidades. Também me apercebi de situações que considero extremamente importantes: quando se faz programação, por vezes há elementos exteriores que podem condicionar um evento e o programador nem sempre tem controlo sobre eles. Nesse sentido, o programador tem de estar preparado para saber lidar com esses elementos e aproveitá-los a seu favor, tendo de trabalhar sob pressão e tendo de se adaptar a essa mudança, algo que por vezes parece perturbar o processo. A divulgação é, também, um factor extremamente importante,

pois é ela que poderá ditar o sucesso ou o fracasso de uma actividade, mesmo que esta esteja magnificamente programada.

Este trabalho ao longo de 6 meses também me permitiu compreender, que tal como no Serviço Educativo, a nossa aprendizagem é constante, e sei que ainda há um longo caminho a percorrer. Ainda assim, quero acreditar que estou no bom caminho para me tornar uma futura profissional no âmbito da Política e Programação Culturais.

Quanto ao Serviço Educativo no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, como já disse quando iniciei o estágio, em Outubro de 2015, foi com grande pesar que me deparei com uma instituição tão rica sem um Serviço Educativo, e como se não bastasse, sem haver um planeamento da programação para 2015/2016. A única coisa de que tinha conhecimento era que anteriormente o Mosteiro fervilhava de actividades para crianças (pelo que pude apurar, o Serviço Educativo só tinha iniciativas para esta faixa-etária, o que considero uma forte lacuna), mas a responsável pelo departamento já não estava no Mosteiro, pelo que se atribuía a inexistência de programação a esse facto. Também me foi dito que a programação de actividades era uma tarefa difícil porque estas eram frequentemente rejeitadas. Foi chocante ver este cenário num local com tanta história, especialmente para a cidade de Coimbra, um local que lutou durante anos contra a força das águas do rio Mondego e lhes resistiu, um espaço classificado como Monumento Nacional, e que foi alvo de uma intervenção para a sua recuperação e preservação, pois considerou-se que o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha merecia ser visitado e o seu espaço ser usufruído, para que as gerações actuais e vindouras pudessem beneficiar deste lugar repleto de história e cultura. Num local como o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, com tantas potencialidades, parecia inacreditável não haver um Serviço Educativo, e parecia não existir uma razão para tal, apesar do factor habitual da falta de financiamento, que acaba por ser, na maioria das vezes, a única justificação dada.

Foi com uma lufada de esperança que vi um esforço para a reestruturação do Serviço Educativo, e uma tentativa de criar novas oficinas e actividades, bem como a recuperação de outras. As expectativas face a esta recuperação eram bastante elevadas, e tive essa noção quando me incumbiram e à Marta de colaborar na programação que estava a ser planeada.

Analisando as actividades que enquadraram o Serviço Educativo, apercebemo-nos de que algumas delas estão consideravelmente desfasadas deste departamento e do próprio Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pois acabam por não ter uma relação genuína com o próprio local. No caso de actividades como *Isto São Coisas de Fantoques!*, como já tive oportunidade de referir anteriormente, penso que esta iniciativa é extremamente apelativa para o público-alvo, o que facilita a questão da fidelização de públicos e a criação de novos. No entanto, na minha opinião, seria mais profícuo centrar esta actividade em contos/peças que se aproximassem mais do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, da vida das Clarissas e/ou da vida da Rainha Santa Isabel⁷².

No caso da oficina *Julião Feito à Mão*, o conceito é deveras relevante para a realidade que vivemos neste momento, a do desperdício ao invés da reutilização, e consequentemente, o prejuízo que representa para o meio ambiente. Assim, considero que neste aspecto, *Julião Feito à Mão* é uma iniciativa importante no que toca aos valores que o Serviço Educativo e a instituição devem transmitir ao seu público. Por outro lado, a construção de um coelho no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, no âmbito da celebração da Páscoa acaba por não ser uma actividade que se relacione com a instituição, o que nos faz questionar o sentido desta oficina.

Relativamente à escolha destas (ou de outras) actividades que foram programadas na fase de reestruturação do Serviço Educativo, pode-se dizer que terão ficado aquém do que seria esperado numa reforma deste sector, na medida em que se conclui que estas actividades não se distinguem por serem intrínsecas ao Serviço Educativo no Mosteiro, ficando antes a sensação de que poderiam ser feitas em qualquer outro local. Também considero que no que respeita aos públicos, o espectro deveria ter sido alargado para além do público infantil, e terem sido criadas actividades, por exemplo, para o público sénior, que na maioria das vezes é a faixa etária que mais tem curiosidade e mais tempo tem para em conhecer o património local e/ou nacional.

Ainda assim, tendo trabalhado de perto com esta realidade, sei que se esta programação não foi mais bem planeada e trabalhada foi devido à falta de tempo da responsável pelo Serviço Educativo, e não à falta de empenho, motivação e dedicação. Esta mesma pessoa não pôde dedicar-se a esta função por inteiro, pois tinha de dividir-se, também, pelos assuntos da Secretaria,

⁷² Neste caso, já existe uma peça que produzi em conjunto com a Marta, baseada na Lenda do Milagre das Rosas, que pode ser lida em anexo.

juntamente com outra técnica que colaborava no departamento. Se assim não fosse, certamente as actividades seriam mais bem enquadradas no Serviço Educativo e na missão e mensagem que o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha pretende levar ao público. O responsável pelo Serviço Educativo de uma instituição tem de estar totalmente disponível para tal, para que a programação possa ser dinâmica e capaz de cumprir o seu propósito, que é o de alimentar o público com cultura, e com conhecimento, e ser capaz de responder às suas necessidades.

Bibliografia

- A escola vai ao museu. (1987). Em *actas do colóquio APOM 87 / Associação Portuguesa de Museologia*. Lisboa.
- Aguileta, I. L. (2000). *Cultura e Ciudad – Manual de Política Cultural Municipal*. Ediciones Trea.
- Audrerie, D. (1997). *La notion et la protection du patrimoine*. Paris.
- Barriga, S. (2007). Plano de Acção Educativa: alguns contributos para a sua elaboração. Em *Colecção Públicos – Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés.
- Camacho, C. F. (2007). Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspectivas. Em *Colecção Públicos – Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés.
- Costa, M. M. G. F. C. da. (1996). *Museus e educação – Contributo para a história e para a reflexão sobre a função educativa dos museus em Portugal*. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Couto, J. (1954, Janeiro). O Museu Nacional de Arte Antiga, seu alargamento e acção cultural. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*.
- Davies, S. (1996). *Producing a Forward Plan: MGC Guidelines for Good Practice*. Londres.
- Direcção Regional de Cultura do Centro. (2008). *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra Do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*.
- Educação. (2008, 2013). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.
- Escola. (2008, 2013). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.
- Faria, M. L. de. (2004). Museus e Educação. Tempo suspenso/tempo acelerado. Apresentado na Actas do Encontro Ver-Rever Museu Educação.
- Faure, E., & Outros. (1972). *Aprender a ser. La educación del futuro*. Madrid: UNESCO/Alianza.

- Fernández, L. A. (1993). *Museología. Introducción a la teoría y práctica del museo*. Madrid.
- Gonçalves, R. M. (2002). *Primeiro olhar. Programa Integrado de Artes Visuais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Serviço de Educação e Bolsas.
- Homs, I. P. (2002). La Pedagogía Museística ante los retos de una sociedad en cambio. Fundamentos teórico-prácticos.
- Hooper-Greenhill, E. (1998). *Museum and Gallery Education*. Leicester University Press.
- Hudson, K. (1999). Forum La création de services éducatifs dans les musées est elle une erreur? UNESCO.
- Journal for Education in Museums. (1994).
- MacDonald, G. F. (2000). *Digital Visionary: George Mac Donald and the world's first museum of the Internet century*.
- Macedo, F. P. de. (2006). *Santa Clara-a-Velha de Coimbra: singular mosteiro mendicante*. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Macedo, F. P. de. (sem data). Confraria da Rainha Santa Isabel. Obtido de http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=112&Itemid=54
- Mendes, J. A. (2009). *Estudos do Património — Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Miles, R., & Zavala, L. (1994). *Towards the Museum of the Future: new european perspectives*. Londres.
- Moniz, G. C., & Figueira, J. (2009). *Ressurreição Santa Clara-a-Velha*. Coimbra Editora.

- Museu Nacional de Arqueologia. (1897). O Archeólogo Português, *///*, 280.
- Museus + Cultura. (2015, Janeiro 20). Obtido de <http://evemuseografia.com/2015/01/20/10-normas-para-el-trato-a-las-personas-mayores-en-los-museos/>
- Museus, porquê? (1972). *Museu Nacional de Arte Antiga*.
- Pinto, A. M. (2005). *Educação pela arte para uma cultura intercultural* (Dissertação). Universidade Aberta, Porto.
- Read, H. (2007). *Educação pela Arte*. Local: Edições 70.
- Rivière, G. H. (1989). *La Museología. Curso de Museología/Textos y testimonios*. Barcelona.
- Sagués, M. del C. V. (1999). *La difusión cultural en el museo: serviciosdestinados al gran público* (Edições Trea). Gijón.
- Sarl, P. (1998). A Director's view of the future of museum education. *Journal of Education in Museums*.
- Silva, S. G. da. (2007). Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. Em *Colecção Públicos – Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Instituto Piaget.
- Stewart, G. (1981). The One Man Band. *Journal of Education in Museums*.
- Tylor, E. B. (1878). *Researches into the early history of mankind and the development of civilization* (London : John Murray).
- Valente, L. (sem data). MPIAEP – Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte: uma filosofia e uma praxis na investigação, intervenção e formação de professores. Obtido de <http://www.educarte.pt/sobre-educacao-pela-arte/>

Vlachou, M., Faria, M. L. de, & Teixeira, G. (2013). Introdução. Em *Museus e Público Sénior em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian.

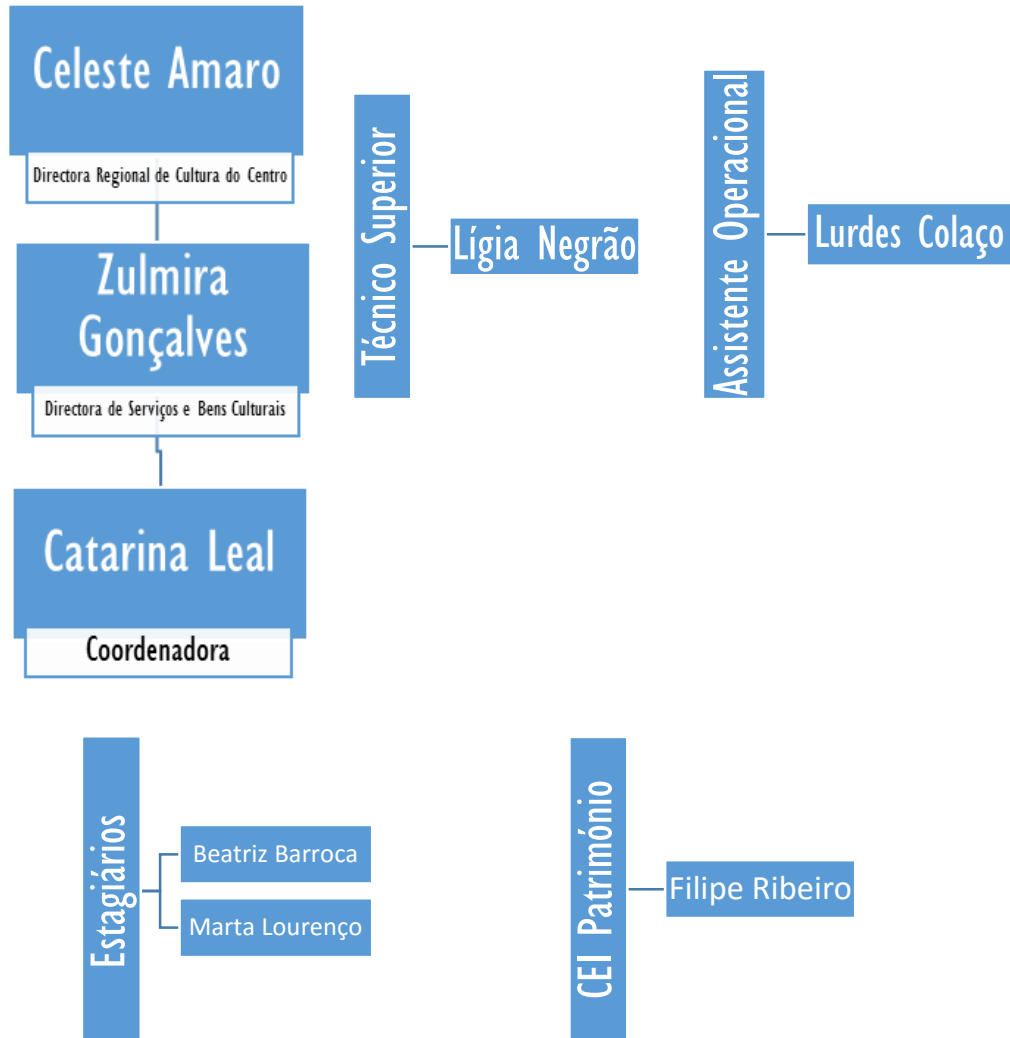
Wright, C. W. (1973). *Provincial Museums and Galleries, Department of Education and Science*.
Londres.

Imagem da capa retirada do site Notícias ao Minuto, disponível em:
<https://www.noticiasao minuto.com/pais/515696/mosteiro-de-santa-clara-a-velha-com-o-maior-numero-de-visitantes-de-sempre>.

Anexos

Anexo I

Organograma de 2016 do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha



Anexo 2

Aprendendo no Mosteiro

Construção de um espantalho



Anexo III
Cartaz Oficinas de Natal

VAMOS FALAR DE NATAL?

GOVERNO DE PORTUGAL
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO CENTRO

Município de SANTA CLARA AVELHA

OFICINAS DE NATAL 18 e 19 DEZ 2015 INSCRIÇÕES ABERTAS

Preço de inscrição - 8€
Horários - 10h às 12h30 | 14h00 às 16h30
Público-alvo - 6 aos 9 anos (18 DEZ)
Público-alvo - 10 aos 12 anos (19 DEZ)
Nº Participantes - min 5 | máx 12 crianças
Inscrições abertas até 14 de dezembro de 2015
almoço não incluído

VAMOS CONTAR UMA HISTÓRIA?

HISTÓRIAS

"Uma história que pode ser de Natal - Uma história com pessoas, com lugares e até com um quintal"
Actividades a partir das histórias

"Nada, a menina que veio de Damasco"
Actividades a partir das histórias

© HUGO BARRETO | DESIGN

Anexo IV

Peças para a actividade *Isto São Coisas de Fantoques!*

Lenda do Brasão de Coimbra — Pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, 2016

Por: Beatriz Barroca e Marta Lourenço

PERSONAGENS:

Narrador

Ataces

Hermenerico

Cindazunda

I ACTO

Cena I

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meus meninos! Hoje vimos falar-vos de uma lenda...a lenda do Brasão da Cidade de Coimbra! Já conhecem o brasão? Ou melhor...sabem o que é um brasão? Hein?!

[mostra o brasão]

Ora aqui está um brasão!! Reparem bem...olhem com atenção!! Já tinham visto algum?

Muito bem, o que acham de começarmos agora a conhecer a lenda de que vos falei? Ainda se lembram do nome? Sim? Qual era?

[aguarda pela resposta do público e interage]

Vamos então falar da nossa lenda! Hum... Aiiiiii! Uiiiiii! Ups! Pois é!

[Ataces fala baixinho: e eu? E eu!]

Tenho de vós apresentar um rei, o rei Ataces! Ataces...! Que nome tão esquisito! Vejam lá, eu a apresentar um rei! Hehe...Ele faz parte desta lenda!

[chama pelo Ataces em voz alta e ele não aparece, pede ajuda ao público]

ATACES

Olá meninos e meninas! Eu sou Ataces, o grande rei dos Alanos! Invadi a Lusitânia (hoje Portugal) e a Península Ibérica (onde hoje está Portugal e Espanha), e destruí Conímbriga! Ufa,

vejam lá a trabalhadeira! Só fiz coisas boas não acham! *[risos]* Bom, mão sou assim tão mauzinho! Fui eu que construí a Cidade de Coimbra e Alenquer! Eu sou o rei valentão, que acham!?

[postura de superioridade]

NARRADOR

Já visitaram as ruínas de Conímbriga? É pertinho de Coimbra!

[pausa para intervenção do público]

NARRADOR

Conímbriga é uma das maiores povoações romanas que podemos visitar, neste momento, em Portugal! Mas voltando à nossa história do Brasão, que é por isso que estamos aqui hoje, agora vou apresentar-vos o HONO..NO..NO..LI! Ai não! HO..NÓ..RIO! Está difícil! Ajudem-me!

[pausa para intervenção do público]

HONÓRIO

[alto]

Olá, meu povo! Meus escravos! Eu sou o Imperador Honório, e no ano de 411, fiz um acordo com o povo Alano! Já estava fartinho da guerra e decidi oferecer-lhes a Lusitânia. Não podia passear! Não podia caçar! Nada! Olhem, era uma seca!

ATACES

Não tinhas outro remédio rei Honório! Nós iríamos ganhar! Foi assim que uns anos mais tarde passamos a viver na Lusitânia, numa cidade chamada Pax Julia! Fazem ideia de onde é? E se eu disser o nome Beja. Já sabem?

[pausa para intervenção do público]

Pois é, no ano de 417, decidi invadir o território do povo Suevo, mas não consegui conquistar tudo o que queria! Eles fizeram batota! Sabiam? Tinham o povo Romano a apoia-los! Ora vejam lá, que espertos que eles eram!

HONÓRIO

Claro que éramos apoiados pelos romanos! Achas que eles queriam apoiar-te a ti?

[risos]

ATACES

Não comeces, Honório! Olha que eu hoje não estou com paciência para ti! Sabes bem quem é o mais forte! Sou eu!

HONÓRIO

Blá, blá, blá...

NARRADOR

Já chega, vá lá! Temos aqui estes meninos e meninas, vocês têm de se portar bem! Já têm idade para isso! Seus reis embirrentos! Não vamos começar outra guerra agora, pois não?! Ai os meninos!

Voltando à história... A verdade verdadinha é que o povo Alanos foi expulso pelo povo Suevo! Então, voltando um bocadinho atrás, quando o rei Ataces destruiu a cidade de Conímbriga, decidiu fundar esta bela cidade onde nos encontramos, a cidade de Coimbra! Mas que bela ideia teve o rei Ataces! lupi!

HERMENERICO

Eu sou Hermenerico, o grande rei dos suevos, e quero vingar-me de todo o mal que o rei Ataces causou!

NARRADOR

O combate foi de tal forma violento que se diz que o rio Mondego ficou vermelho...! O rei Hermenerico fugiu, com o seu exército, mas o rei Ataces perseguiu-o, e o povo suevo teve de render-se.

HERMENERICO

Oh rei Ataces! Já chega de toda esta guerra e destruição! O meu povo precisa de paz. E o teu também. Vamos acabar com isto? O que é que posso dar-te em troca de paz?! Diz! Diz! Estou farto de guerra!

ATACES

Nunca terás paz! Nunca! Nunquinha!

HERMENERICO

Olha, estava a pensar... Estás prometido a alguém? Ou tens alguém prometido a ti? Melhor... Já tens uma princesa para casar??

ATACES

Prometido? Casar!? Achas que eu tenho tempo para isso?! Eu gosto é de destruir povoações! Quero lá saber disso!

HERMENERICO

Pois, é natural... Mesmo que tivesses tempo, com esse feitio deve ser difícil alguém aturar-te uma vida inteira!! Até tenho pena da tua futura esposa! Coitada!

[risos]

ATACES

Já começa...! Outra vez! Já te disse que hoje não estou com paciência...! Vê lá se queres arranjar chatices!!

HERMENERICO

Ui, ui...! Tem lá calma! Não, não quero mais problemas. Para provar isso... Olha, o que é que achas da minha rica filha?

ATACES

Como assim, o que é que eu acho da tua filha? Tu estás bem?

Entra Cindazunda e freira

CINDAZUNDA

Bom dia/tarde. Eu sou Cindazunda, filha do rei Hermenerico. Sou a mais bela das belas! Sou ou não sou bonita, linda, fantástica, perfeita!? Maravilhosa, vistosa, fabulosa! Meninos e meninas, o que é que vocês acham?

[postura vaidosa e pausa para intervenção do público]

NARRADOR

É claro que a princesa Cindazunda era uma jovem belíssimaaaaaaaaaa, e o rei Ataces não resistiu aos seus muitos encantos...

ATACES

Que bela que éééééééééééééééé...!!!! Cinda...da...da...da...zunda...zumba?!!!! Não! Cinda... olha rima com linda!!! Cindazunda!!!! Que bonito nome... o mais belo nome de todos! Quero casar com ela já! Quero casar convosco, bela princesa Cindazunda!

CINDAZUNDA

Rei Ataces... Não é um nome muito bonito...! Mas ele até é jeitosinho! Jeitozito...! Não é? O que é que vocês acham, meninos? Será que serve para mim??

[pausa para intervenção do público]

Acham que eu me devia casar com ele?

[pausa para intervenção do público]

CINDAZUNDA

Bem, se calhar não era má ideia casar-me com ele... Tenho de começar a pensar nos preparativos! O que é que estará mais na moda agora? Peles de que animal? Qual será o estilista-sensação desta estação? Tanta coisa para tratar...! Ufa, ufa, ufa, ufa, já estou cansada e ainda nem comecei! Princesa sofre! O meu cabelo para arranjar...! Ai...e as unhas! Ai!!!!!!!!!!!!!!

Como é que será o banquete? Só javali? Não, também podemos variar e comer avestruz! Já estou com água na boca!

NARRADOR

Numa magnífica cerimónia, o rei Ataces e a princesa Cindazunda casaram, e a paz foi reposta entre os dois povos, Alanos e Suevos por fim tiveram sossego!

E é agora então que vos vou explicar o simbolismo do brasão da cidade de Coimbra!

ATACES

Meu povo, chega de guerra! Chega de conflitos! Encontrei o amor da minha vida, esta bela mulher, Cindaaaaaa...zumba...zunda! Ai!

Para comemorar este casamento, quero dar à cidade de Coimbra este brasão.

[mostra o brasão]

Estão a ver a bela donzela aqui retratada?! É a minha Cinda...zumba...zunda. Cindazunda!!!
Erro sempre! E a taça é o símbolo do meu casamento! Aqui o leão é o meu símbolo...!

HERMENERICO

E o dragão é o meu! Nha nha nha nha nha nha!

NARRADOR

E aqui está, a história do nosso brasão da cidade de Coimbra, que é um dos mais antigos do país!

Gostaram, meninos?? Esperamos que sim! Sabiam que no Mosteiro também podem fazer os vossos próprios brasões?? Sim é verdade! Os vossos brasões! Eu já tenho o meu!

Falem com o Serviço Educativo do Mosteiro! Obrigada! Adeus!

FIM

Anexo V

Lenda de Coimbra — Pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, 2016

Por: Beatriz Barroca e Marta Lourenço

PERSONAGENS

Princesa

Cavaleiro

Pai da Princesa

Mãe da Princesa

Serpente

Pessoa 1

Pessoa 2

ACTO I

Cena I

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meninos e meninas! Vocês são de Coimbra?

[pausa para intervenção do público]

Vou contar-vos a história da origem da cidade de Coimbra. Era uma vez, uma esbelta princesa, que amava um jovem cavaleiro, que também a amava.

Jardim.

PRINCESA

[triste]

Meu cavaleiro... Sofro tanto por não podermos casar...! Amo-vos tanto... Porque não nos deixarão ser felizes?

CAVALEIRO

[triste]

Minha princesa... Desespero... Desespero pelo vosso amor, e desespero pelos vossos pais, que não me deixam aproximar de vós.

PRINCESA

[desanimada]

Tenho pensado numa forma de os convencer, mas as minhas súplicas são em vão. Mantêm-se firmes, e não consentem que me case convosco.

CAVALEIRO

[*desesperado*]

Não sei o que poderei fazer para que eles me achem digno do vosso amor... Mais vale morrer do que não poder ser feliz convosco...

PRINCESA

[*angustiadã*]

Não disse tal coisa! Não podia viver num mundo em que vós não existísseis. Agora tenho de ir, pois já é tarde, e em breve perguntarão por mim.

Cena II

Castelo. Estão os pais da princesa em cena.

PAI DA PRINCESA

[*indignado*]

Não irei permitir que aquele rapaz case com a minha filha! Com certeza haverá outros cavaleiros mais nobres e mais corajosos, dignos da mão do nosso tesouro!

MÃE DA PRINCESA

[*indignada*]

Pois claro que não!

Cena III

Quarto da princesa. A Princesa reza, ajoelhada.

PRINCESA

Meu Deus, vós que estais no Céu, sabeis como amo aquele nobre cavaleiro... Sabeis como ele me ama... Sabeis que a única coisa que nos impede de sermos felizes é a autorização dos meus

pais para que possamos casar... Por favor, imploro-vos, fazei com que os meus pais dêem o seu aval! Por favor!

ACTO II

Cena I

Exterior. Ouve-se vento e trovoadas. Prenúncio de uma tempestade.

PESSOA I

[olhando para o céu]

Meu Deus...! Está a pôr-se um tempo terrível!

PESSOA 2

[olhando para o céu]

Não te parece que está alguma coisa a voar?

PESSOA I

[céptica]

A voar?? Como assim, a voar?

SERPENTE

[numa voz maquiavélica e assustadora]

Vim para destruir esta cidade! Preparai-vos para a destruição, pois nada nem ninguém me poderá deter! Quem ousar fazer-me frente poderá saborear o doce sabor da morte!

PESSOA I

Meu Deus, uma serpente! Irá destruir tudo e todos à sua passagem! Amaldiçoada, amaldiçoada Coluber!

Ouvem-se gritos desesperados e amedrontados da população.

Cena II

Castelo. Quarto da princesa. Os pais da princesa entram de rompante no quarto onde a filha está ainda ajoelhada a rezar em murmúrios.

MÃE DA PRINCESA

[abraça-se à princesa]

Estás segura, minha filha, minha adorada filha!

PRINCESA

[surpreendida]

Porque não haveria de estar segura? O que é que aconteceu? O que é que se passa?

PAI DA PRINCESA

[afrito]

Não sabemos bem. Grita-se pela cidade que uma serpente invadiu os céus e está escondida algures na nossa cidade. Fala-se que estará numa gruta! Ficámos preocupados!

PRINCESA

[determinada]

Meu pai, minha mãe, irei casar-me com o cavaleiro que derrotar a serpente!

PAI DA PRINCESA

Realmente, sem dúvida que quem for capaz de tal feito merece a mão da minha filha. Irei mandar o arauto anunciar tal decisão.

Cena III

Exterior.

ARAUTO

Ouçam, ouçam todos! A princesa irá casar-se com o cavaleiro que for capaz de derrotar a serpente que invadiu a nossa cidade.

CAVALEIRO

É esta a minha oportunidade!

ACTO III

Cena I

Vê-se a gruta onde a serpente estará escondida.

CAVALEIRO

Vou fazer uma fogueira e fazer o fumo entrar para a serpente sair da toca!

Vê-se a fogueira. Serpente entra.

SERPENTE

[tossindo]

Quem ousa acordar-me do meu sono de beleza? Quem ousa perturbar-me desta maneira?

CAVALEIRO

[destemido e brandindo a espada]

Eu! Sou o cavaleiro que te irá cortar a cabeça!

Começam a lutar. Parece que a serpente irá vencer o combate.

SERPENTE

[rindo à gargalhada]

Pensaste que poderias vencer-me!? Tolo!

CAVALEIRO

Tenho de conseguir, a minha vida depende disso!

O cavaleiro consegue finalmente cortar a cabeça à serpente.

CAVALEIRO

[felicíssimo]

Consegui! CONSEGUI! Vou poder casar-me com a minha amada!

Exausto, cai por terra.

ACTO IV

Castelo. Vê-se a princesa com um véu de casamento e o cavaleiro.

NARRADOR

E assim, a princesa e o cavaleiro puderam finalmente casar, graças à sua valentia e perseverança.

Acrescenta a lenda que, no local onde a serpente foi morta, foi fundada uma povoação a que deram o nome de Columbr Briga, que significa “Batalha da Cobra”, e que terá dado origem ao nome “Coimbra”.

FIM

Anexo VI

O Milagre das Rosas - Pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

2016

Por: Beatriz Barroca e Marta Lourenço

PERSONAGENS:

Narrador (freira)

Rainha Santa Isabel

Rei D. Dinis

Pajem

Conselheiro do Rei

Aia

Povo

ÉPOCA: Indeterminada; LOCAL: Coimbra

I ACTO

[Sala. Está o Rei D. Dinis a planear a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, falando com um dos seus conselheiros.]

CENA I

(Narrador, Conselheiro e D. Dinis)

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meninos e meninas! Eu sou a freira Hilária, e vim à minha antiga casa para vos contar uma história, sobre uma pessoa que foi muito importante para o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, que é onde nós estamos, sabiam?

[Pausa]

Há muito, muito, muito tempo atrás, a Rainha D. Isabel de Aragão mandou construir, aqui, duas belas casas, uma para si, e a outra para as freiras clarissas. Entretanto, D. Dinis, I de Portugal, que era o sexto rei na lista de Reis de Portugal, casou com Isabel de Aragão, que mais tarde ficou conhecida como Rainha Santa Isabel. Meus meninos, e minhas meninas, já irão perceber porquê.

[Conselheiro e Rei falam sussurrando]

D. DINIS

[muito sério]

Meu caro conselheiro, nós devemos transferir a Universidade para Coimbra. Tomai as providências necessárias para que tal aconteça. Agora deixai-me, que me apetece escrever uma cantiga.

CONSELHEIRO

[retirando-se]

Com certeza, sua majestade.

CENA II

(D. Dinis e Pajem)

PAJEM

[entra em cena]

Vossa majestade, dá licença?

D. DINIS

[bufando, impaciente]

Que quereis? Preciso de sossego para me poder inspirar!

PAJEM

[atrapalhado, gaguejando]

Mil desculpas, vossa alteza, mil perdões! Mas...é importante.

D. DINIS

[condescendente e resignado]

Dizei, então...

PAJEM

[a medo, mais baixo]

Diz respeito à nossa rainha... À Rainha D. Isabel...

D. DINIS

[enfurecido, muito alto]

Como ousais falar da minha rainha?!

PAJEM

[muito a medo]

Mil perdões, vossa majestade, mas precisais de saber!

D. DINIS

[desconfiado]

Dizei!

PAJEM

[a medo]

A Rainha... A Rainha tem ajudado os mais pobres... Fala-se pela corte, meu rei... Fala-se do dinheiro que a Rainha tem retirado do tesouro real.

D. DINIS

[ainda mais enfurecido, gritando]

Como ousam falar da minha Rainha nas minhas costas?! Dizei já o nome de quem fala da minha Rainha nas minhas costas, ou mandarei cortar-vos a cabeça! Dizei já!

[Pausa]

E que anda ela a fazer nas minhas costas?? Que anda ela a gastar, sem o meu consentimento??

[Pausa]

PAJEM

Mas...meu senhor... Eu... Uh...

D. DINIS

Deixai-me sozinho! E não quero ser incomodado por ninguém!

[Pajem sai]

II ACTO

[Exterior, ouve-se vento. Ouvem-se passos.]

Cena I

(Narrador, Rainha D. Isabel e aia)

NARRADOR

Irei agora apresentar-vos a minha Rainha D. Isabel e a sua aia. Como já perceberam, esta Rainha gostava muito de ajudar os mais necessitados. Como a Rainha tinha muito dinheiro, ela gostava de quando podia dar uma moedinha ou um pãozinho a outras pessoas que não tinham tanto dinheiro como ela.

Vamos agora ver a Rainha, que vai na companhia da sua aia fazer uma das suas caminhadas habituais para distribuir estes pequenos presentes pelo povo.

É claro que tem de levar o pão e as esmolas escondidas no regaço para ninguém descobrir, especialmente o Rei...

[Narrador é interrompido por D. Isabel]

D. ISABEL

[preocupada]

Que frio, meu Deus... Este mês de Janeiro é tão frio... Não tendes frio, aia? Como não poderíeis ter? E como poderá sobreviver o pobre povo? Como poderão passar com este frio e com fome? Não posso deixar de cumprir com estes actos de caridade... Deus nunca mo perdoaria!

AIA

Pois é, minha senhora... Ninguém pode suportar este frio terrível... Como iria sobreviver o povo sem a vossa bondade? Sem as vossas esmolas e a vossa comida?

D. ISABEL

Não faço mais do que Deus espera de mim. Devemos ajudar quem está à nossa volta, necessitados ou não. E nestas condições, os mais pobres precisam ainda mais de nós. Podíamos ser eu e tu nessa situação, e também gostaríamos que nos estendessem a mão.

AIA

Tendes razão, senhora. Tendes razão.

CENA II

(Narrador, D. Dinis, Rainha D. Isabel e aia)

NARRADOR

Oh! Aproxima-se D. Dinis! E agora?! Quem poderá avisar a Rainha? Vocês podem avisar a Rainha? Acham que ela vos consegue ouvir? Experimentem lá!

[Pausa para o público intervir]

Oh não!! Ela não vos consegue ouvir! O Rei aproxima-se cada vez mais! E agora? Bem, acho que vou fugir daqui para fora, antes que o Rei, maldisposto, se zangue comigo...!

[D. Dinis entra]

D. DINIS

Senhora, onde ides com este frio? Sozinha, apenas com a vossa aia? Devíeis estar recolhida no castelo.

D. ISABEL

[apanhada desprevenida]

Meu senhor!? Não sabia que também tínheis vindo caminhar. Vou ao Mosteiro, enfeitar os altares. Estão muito despidos.

NARRADOR

[feliz]

Olhem, a Rainha vai enfeitar a minha casa! É ao pé da igreja, onde eu e as minhas irmãs passamos os nossos dias. Quando a água voltar ao rio, gostava de vos poder mostrar a minha casa, para verem como ela é bonita, mesmo sem a decoração da Rainha.

D. DINIS

[desconfiado]

E que levais no regaço?

D. ISABEL

[nervosa]

Nada, meu senhor, nada que vos deva preocupar. Tendes tanto em que pensar, agora que estais a tratar da transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra... Não vos preocupeis comigo, meu Rei.

D. DINIS

[firme]

Dizei-me o que levais no regaço!

D. ISABEL

[angustiada]

São rosas, meu senhor!

D. DINIS

[enraivecido]

Estais a mentir! Estais a mentir ao vosso rei, e vosso esposo! Abri o manto **IMEDIATAMENTE**, e mostrai o que aí tendes escondido!

NARRADOR

[surpreendido]

Então, mas... Porque é que vocês acham que a Rainha está a mentir ao Rei? O que é que ela poderá levar no regaço? Vamos ver...

[D. Isabel abre o manto e revela o que traz escondido no regaço: rosas. Caem rosas.]

D. DINIS

[estupefacto]

Como é possível...?! Rosas em Janeiro...?!

[Pausa]

Perdoai-me, senhora. Perdoai este pobre Rei que não acreditou em vós.

POVO

[gritando e aplaudindo]

A Rainha é Santa! A Rainha D. Isabel é santa! Viva a Rainha Santa Isabel! Viva! Longa vida à Rainha Santa Isabel!

D. ISABEL

[calmamente]

Meu senhor, não vos preocupeis mais com este assunto... Não quereis agora acompanhar-me até ao Mosteiro, para juntos enfeitarmos os altares da mais bela igreja desta cidade?

D. DINIS

[benevolente]

Obrigada pelo convite, minha senhora, mas penso que nunca o farei tão bem como vós. Irei antes fazer uma caçada com os meus reais companheiros, para vos providenciar um belo banquete, digno de uma Rainha como vós.

Cena III

(D. Dinis, Rainha D. Isabel , aia e povo)

POVO

[gritando e aplaudindo]

A Rainha é Santa! A Rainha D. Isabel é santa! Viva a Rainha Santa Isabel! Viva! Longa vida à Rainha Santa Isabel!

FIM

Anexo VII

A Lenda de Pedro e Inês — pequena peça para fantoches

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

2016

Por: Beatriz Barroca e Marta Lourenço

PERSONAGENS:

Narrador

D. Pedro

Inês

D. Constança

D. Afonso IV

Cortesão

Carrascos: Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco

ÉPOCA: Indeterminada; LOCAL: Coimbra

I ACTO

Cena I

[No jardim]

NARRADOR

Bom dia/Boa tarde, meninos e meninas! Vocês são de Coimbra?

[Pausa para intervenção do público]

Já ouviram falar da belíssima história de amor entre Pedro e Inês?

[Pausa para intervenção do público]

Então, eu hoje vou contar-vos esta história, a bonita história de amor entre D. Pedro e D. Inês. Este casal viveu parte da sua vida em Coimbra, e sabem onde? Aqui, onde nós estamos. Viveram no Paço de Santa Clara, mandados construir pela Rainha Santa Isabel, avó de D. Pedro. Mas nem tudo era fácil, e já vão perceber porquê...

D. Constança era a esposa de D. Pedro, mas D. Pedro apaixonou-se perdidamente por Inês, que era a aia de D. Constança.

D. PEDRO

Inês, sei que é errado, sei que não devo amar-vos como vos amo... Sei que sou casado, sei que deveria amar a minha esposa, mas é a vós que amo... É a vós, bela Inês, que amo profundamente. É convosco que quero viver e casar.

INÊS

Oh! D. Pedro! Eu amo-vos, também, vós sabeis... Mas também sabeis que não podemos, não devemos...! Fala-se na corte... D. Constança, a minha rainha, desconfia...

[*D. Constança entra, e Inês sai apressadamente*]

D. CONSTANÇA

Meu rei, meu marido, estive a pensar na madrinha para o nosso filho.

D. PEDRO

Já escolhesteis?

D. CONSTANÇA

Sim, acho que a pessoa mais indicada será Inês, a minha aia. Inês de Castro. Que achais disso?

D. PEDRO

[*nervoso*]

Minha Rainha, cabe a vós escolher... Se achais que Inês é a melhor pessoa para ser a madrinha do nosso filho, Luís...

D. CONSTANÇA

[*dissimulada*]

Claro que sim, não duvido que será a pessoa adequada para olhar pelo nosso filho.

D. PEDRO

[*resignado*]

Se é o que achais... Agora deixai-me ir, os meus companheiros aguardam-me para uma caçada.

Cena II

[*Mais tarde*]

NARRADOR

Quando D. Pedro regressa da sua caçada, recebe a triste notícia de que a sua esposa, D. Constança, morreu.

D. PEDRO

Meu Deus... Será justo sentir-me feliz pela morte da minha mulher? A verdade é que, agora poderei, finalmente, casar com a minha querida Inês... Fazer dela a minha esposa, viver feliz com ela, para sempre...

[*Inês entra*]

Meu rei, meu Pedro... Sinto-me infeliz pela morte da minha Rainha, D. Constança... Mas... Não vos zangueis comigo... Estou também feliz. Finalmente poderei amar-vos sem medo. Sentis o mesmo que eu?

D. PEDRO

Minha Inês, precisais de me perguntar isso? Precisais de me perguntar se sinto o mesmo que vós, quando sabeis que não amei mais ninguém senão vós, bela Inês? Precisaréi de dizer que me quero casar convosco?

INÊS

Desculpai-me, senhor. Sabeis, também que quero muito casar convosco.

[*D. Pedro e Inês saem*]

II ACTO

[Junto ao castelo]

NARRADOR

E a partir desse momento, D. Pedro e Inês puderam viver o seu amor sem mais medos, nem preocupações. Pouco tempo depois, casaram, tiveram três filhos e tudo parecia correr às mil maravilhas, mas, o nosso casal tinha a sua felicidade ameaçada.

CORTESÃO

Mas que vergonha...! D. Pedro e a aia, casados! Que vergonha...! Eu tenho de alertar o rei, eu tenho de alertar D. Afonso!

[D. Afonso entra]

CORTESÃO

Vossa alteza, peço-lhe mil perdões por ocupar o vosso precioso tempo, mas preciso de falar convosco.

D. AFONSO

Não é o momento mais apropriado, mas dizei.

CORTESÃO

[receoso]

Minha majestade, mil perdões. É sobre o vosso filho, e... Inês.

D. AFONSO

Se vindes falar mal do casamento, não vale a pena. O meu filho não ouve ninguém. E escolheu aquela mulher para casar. Constança já morreu, nada posso fazer para o impedir.

CORTESÃO

Meu rei, vós sois poderoso, podeis fazer o que quiserdes. Basta quererdes. Perdoai a minha indiscrição, mas apenas me preocupo com o bem do reino, e no bem do rei. Inês é uma vergonha para este reino, é uma vergonha para a família real. Se me permitis a opinião, para mim, e toda a Corte pensa o mesmo, a melhor e única forma de afastar Inês do vosso caminho é matando-a.

D. AFONSO

Agradeço-vos a vossa opinião, mas terei de pensar no que me dizeis. Deixai-me.

CORTESÃO

Com certeza, vossa alteza.

[Cortesão sai.]

D. AFONSO

Não há dúvida que a melhor forma de afastar Inês deste reino será matá-la. Também não a quero por perto, a Corte fala, e sabe Deus o que dirão noutros reinos.

[D. Afonso sai]

III ACTO

Cena I

D. AFONSO

É hoje. Tem de ser hoje. Pedro estará fora, tem de ser hoje.

PÊRO COELHO, ÁLVARO GONÇALVES, DIOGO LOPES PACHECO

Meu rei, mandastes chamar-nos?

D. AFONSO

Mandej, sim senhor. Ides acompanhar-me numa missão. Com a vossa ajuda, irei salvar este reino da desgraça em que o meu filho Pedro nos fez cair.

[*Saem.*]

Cena II

[*Jardim. Vê-se Inês ao longe.*]

D. AFONSO

Vede, ali está Inês. Fazei como combinado, e o combinado é matá-la. Fazei o que vos mando, tendo em mente que isto é para o bem do reino.

[D. Afonso e os carrascos aproximam-se de Inês.]

INÊS

[*chorando*]

Pressenti a vossa chegada. Sonhei com ela, esta noite. Sei ao que vindes. Mas meu rei, peço-vos, imploro-vos, por favor, não fazei aquilo que viestes fazer. Por favor. Os meus filhos, também são filhos de Pedro, são netos do rei, são seus netos... Por favor. Ainda são crianças, precisam da mãe. Por favor, imploro-vos piedade. Pedro nunca vos irá perdoar, se cometerdes tamanha crueldade.

D. AFONSO

[*ignorando Inês e dirigindo-se aos carrascos*]

Fazei o que vos mandei.

[*D. Afonso sai.*]

INÊS

[*chorando*]

Por favor, peço-vos, peço-vos, não me matai. Por favor, os meus filhos, Pedro... Por favor, não me matai.

[*Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco apunhalam Inês sem piedade*]

IV ACTO

Cena I

NARRADOR

Podem imaginar como terá ficado Pedro quando descobriu que a sua adorada Inês tinha morrido, porque D. Afonso, o seu pai, a tinha mandado matar. Pedro ficou muito zangado.

PEDRO

[*louco de raiva*]

Como pudestes fazer-me isto?! COMO?! Eu amava Inês, amava aquela mulher com todas as minhas forças! Como pudestes arruinar assim a minha vida? Como, meu pai? Como pudestes fazer isto ao teu próprio filho?

[*chorando*]

Eu amava-a... Eu amava-a...

[*enraivecido*]

Mas eu vou vingar-me! Eu hei-de vingar-me de vós, meu pai, de vós e daqueles três vermes que chamastes para matar uma mulher inocente...! Se soubésseis o que era amar e ser amado, não teríeis sido capaz de uma atrocidade destas...!

NARRADOR

D. Pedro, revoltado com o que lhe aconteceu, e especialmente com o seu pai, destruiu castelos e povoações, não vendo o mal que estava a fazer. Só mais tarde acabou por fazer as pazes com o seu pai, mas nunca foi capaz de acalmar a sede de vingança que tinha dentro de si relativamente aos carrascos de Inês, Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco.

Quando subiu ao trono, e se tornou rei, mandou capturar os três homens, e condenou-os à morte, ordenando que o coração lhes fosse arrancado. Depois disto, diz a lenda que mandou retirar Inês do túmulo e sentou-a a seu lado, no trono, ordenando à Corte que lhe beijasse a mão.

Apesar da morte precoce de Inês, o que é certo é que este amor foi eterno, e D. Pedro assim o quis, quando mandou construir dois magníficos túmulos e colocá-los no Mosteiro de Alcobaça. Os dois túmulos estão um em frente ao outro, para que quando os seus corpos ressuscitassem, os dois se reencontrassem.

FIM

Anexo VIII

Cartaz *Isto São Coisas de Fantoques!*

CARNAVAL 2016

Isto são coisas de
Fantoques!!

7 FEVEREIRO 2016 | 15h30 E 16h30
*ENTRADA LIVRE



m.ª de s.ª
SANTA CECÍLIA
A VELHA

“Lenda do Brasão
da Cidade de Coimbra”
duração 30min/sessão

***INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 5 FEVEREIRO**

destinado a famílias e crianças dos 6 aos 10 anos

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
MUNICÍPIO MUNICIPAL DE COIMBRA DE COIMBRA

m.ª de s.ª
SANTA CECÍLIA
A VELHA

Serviço Educativo
REGIÃO DE COIMBRA

© HUGO BARRETO | DESIGN

Anexo IX

Cartazes e fotografias *Julião Feito à Mão*

Páscoa no Mosteiro
22 - 23 - 24 MARÇO 2016

INSCREVE-TE JÁ
Preço especial 20€ os três dias
MEDIANTE INSCRIÇÃO PRÉVIA

Visita Jogo 22 MARÇO

- À Descoberta de Coimbra das 10h00 às 12h30
- Pé ante Pé no Convento das 14h00 às 16h30

Informações:
Taxa de Participação: meio dia 5€ / um dia 8€
Público Alvo: Crianças dos 7 aos 12 anos
Participantes: 12 min. e 20 máx.

Julião feito à mão 23 e 24 MARÇO

TRAZ UM BRINQUEDO PARA RECICLAR

- PÚBLICO - ALVO: Crianças dos 7 aos 12 anos
- PARTICIPANTES: 10 min. e 12 máx.
- DURAÇÃO: 10h00 - 12h30 / 14h00 - 16h30
- PARTE I: Explicação do processo construtivo da escultura
- PARTE II: Execução da escultura
- Taxa de Participação: meio dia 5€ / um dia 8€


Serviço Educativo
REPUBLICA PORTUGUESA
MUSEUM CASTALGARA AVELHA
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
Rua das Palmeiras - 3040-266 Coimbra
T. (351) 239 801 160
mosteiro.sacvelha@ccpt.pt

Orientador:
António Azenha
Escultor



JULIÃO FEITO À MÃO

29
30
31
MARCO 2016



**INSCREVE-TE JÁ
E TRAZ BRINQUEDOS
PARA RECICLAR**
PREÇO ESPECIAL 2016 - TRÊS DIAS

PÚBLICO - ALVO
Crianças dos 7 aos 12 anos

PARTICIPANTES
10 mín. e 12 máx.

DURAÇÃO
10h00 - 12h30
14h00 - 16h30

PARTE I
Explicação do processo construtivo da escultura

PARTE II
Execução da escultura

Taxa de Participação
meio dia 5€
um dia 8€

Orientador
António Azenha
Escultor

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha
Rua das Parreiras - 3040-266 Coimbra
T. (351) 239 801 160
mosteiro.scvelha@drcc.pt

REPUBLICA PORTUGUESA
mosteiro SANTA CLARA A-VELHA
Serviço Educativo
MUSEU DE SANTA CLARA-A-VELHA

© HUGO BARRETO | DESIGN



Anexo X

Proposta *Mosteirando por um Dia*

Mosteirando por um dia

Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara

- Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa

Descrição da atividade: Esta atividade tem como objetivo dar a conhecer ao público escolar os Mosteiros de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova, numa visita-guiada aos dois locais. Uma atriz (Daniela Proença) estará vestida de freira no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, acompanhando os visitantes pelo local, e dando-lhes a conhecer a vida e o dia-a-dia das clarissas.

No dia seguinte, a freira Hilária irá receber os participantes na entrada do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, acompanhando outra atriz (Beatriz Melo), que estará vestida de Rainha Santa, e que irá guiar a visita de modo a dar a conhecer aos participantes a vida e relíquias da rainha, bem como o seu túmulo.

No final das visitas serão distribuídos quizzes para os participantes com o propósito de uma “avaliação de conhecimentos” (um quizz será realizado após a visita no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e outro será realizado após a visita no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova).

Os encarregados de educação interessados em participar na atividade deverão proceder à inscrição das crianças para o e-mail mosteirandoporumdia@gmail.com com os seguintes dados: nome do(a) participante e contacto do seu responsável.

Local de realização: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Santa Clara-a-Nova

Data e hora: 30 de Abril de 2016 e 1 de Maio de 2016, das 14h00 às 15h30

Duração da atividade: Cerca de 1h30 em cada dia

Destinatários: Público escolar (entre os 8 e 12 anos)

Objetivos:

Qualitativos: Dinamizar ambos os espaços do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Mosteiro de Santa Clara-a-Nova e criar um vínculo entre as duas instituições, que acreditamos ainda não existir, e consideramos essencial. Estes dois locais estão profundamente ligados a nível histórico e cremos que os Serviços Educativos de ambas as entidades que podem interligar-se, evoluindo para algo profícuo para as duas instituições. Também é importante dar a conhecer parte do passado da cidade de Coimbra, na medida em que estes são dois locais de um enorme culto religioso e de adoração à Rainha Santa Isabel, tal como retratam as vivências da ordem religiosa das clarissas, um legado histórico que não se deve perder.

Pretende-se, então, que as crianças possam desfrutar de uma atividade simultaneamente lúdica e pedagógica. Os encarregados de educação poderão deixar as crianças num ambiente de brincadeira, em segurança, que potencia a sociabilização entre crianças e consolidação de conhecimentos. Se for do seu interesse, também os encarregados de educação poderão acompanhar a visita.

Quantitativos: Público alvo: 20 crianças

Recursos humanos: 2 pessoas responsáveis pela atividade, 3 actores, 4 pessoas das instituições (2 de cada no respetivo local).

Recursos financeiros: Os recursos financeiros ficarão a cargo das organizadoras.

Marketing: Divulgação geral da atividade, flyers, publicações nas páginas do facebook e site das entidades (caso as entidades o autorizem).

Modo de avaliação: O sucesso desta atividade está dependente do número de inscrições, bem como da divulgação da mesma. Outro aspeto essencial para que a iniciativa seja bem-sucedida é o desejo de ambas as entidades para que se torne uma atividade permanente.

Anexo XI

Guião *Mosteirando por um Dia*

Mosteirando por um dia

Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara

- Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa

Local: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (VISITA I)

A actriz Daniela Proença estará na entrada do Centro Interpretativo do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha para receber o público. Estará vestida de freira, com o figurino que a entidade detém.

FREIRA

Bom dia, meninos e meninas! Como é que estão? Estão bem-dispostos? Sabem o que é que vêm visitar, hoje? Sim, é o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha! Já conhecem o Mosteiro? Hoje vamos fazer uma visita guiada pelo Centro Interpretativo e pelo Mosteiro, para ficarem a conhecer este local que tem tanta história, em Coimbra.

A actriz segue em direcção à exposição permanente, parando antes para mostrar ao público a gravura exposta no corredor: obra de Pier Maria Baldi, pintor que acompanhou Cosme de Medici a Espanha e Portugal. Pede ao público que diga o que acha estar representado nessa gravura.

Apresenta, depois a exposição: Freiras e Donas de Santa Clara, Arqueologia da Clausura, e dá início à visita pela exposição.

TEMA I – FUNDAÇÃO

D. Mor Dias era uma dama nobre, que decidiu recolher-se num convento. Mais tarde, decide fundar um mosteiro, em 1286, dedicado a Jesus Cristo, à Virgem, a Santa Isabel da Hungria e a Santa Clara.

FREIRA

Sabem que Mosteiro é esse? Sabem de que Mosteiro estou a falar? É o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, este que vocês vieram visitar hoje!

D. Mor Dias morre, geram-se alguns conflitos e o Mosteiro fica “ao abandono”, tendo a Rainha D. Isabel refundado o Mosteiro, em 1314. A Rainha compra alguma área de terreno junto ao Mosteiro para aí construir outro edifício. A Rainha era profundamente crente e religiosa, e tinha muita estima pelo Mosteiro, querendo que o mesmo tivesse as melhores condições possíveis.

FREIRA

E vocês sabem quem é que vivia neste Mosteiro? Eu vivi, há muitos, muitos anos atrás. Conseguem adivinhar? As freiras clarissas!

Quando D. Dinis morre, D. Isabel muda-se para o Mosteiro, mais especificamente, para o paço real e manda construir um hospital. Um dos seus desejos é ser sepultada no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

FREIRA

Relativamente às minhas amigas clarissas, já vos contaram como é que nós vivíamos? Em clausura, como diz o título da exposição. O que é “em clausura”? Estávamos fechadas, e quase não podíamos contactar com o exterior. Além disso, tínhamos um livro que nos dizia como é que podíamos viver, o que é que podíamos e não podíamos fazer. Esse livro chamava-se A Regra.

A freira deambula pela exposição falando um pouco dos objectos que vão surgindo, seguindo as temáticas: TEMA 2 – DEVOÇÃO, TEMA 3 – COMUNIDADE, TEMA 4 – AFAZERES E OCUPAÇÕES, TEMA 5 – ADMINISTRAÇÃO, TEMA 6 – ALIMENTAÇÃO, TEMA 7 – DO CORPO, TEMA 8 – DA MORTE.

FREIRA

Agora que já visitámos a exposição, e que ficaram a conhecer um bocadinho mais sobre a minha vida e a das minhas irmãs clarissas, vamos ver o que ficou do Paço da Rainha Santa Isabel. O que resta como vestígio do Paço da Rainha é esta janela.

Vêem-se duas pessoas trajadas com vestes reais. Trata-se de D. Pedro e D. Inês.

FREIRA

Oh! Olhem! É D. Pedro e D. Inês! Vamos aproximar-nos e ouvir o que eles têm para nos contar!

Aproxima-se da zona da Casa do Paço.

D. PEDRO

Oh minha bela Inês! Depois de tudo o que já passámos, finalmente poderemos viver o nosso amor em paz!

D. INÊS

Sim, finalmente, meu amado! Tudo o que mais desejo é ser feliz ao vosso lado e dos nossos queridos filhos!

D. PEDRO

Oh! Inês, estamos a ser observados! Reparai! Quem ousa interromper este precioso momento!? Respondei imediatamente!

FREIRA

Desculpai, meu senhor, esta intromissão... Estes meninos querem conhecer o nosso belo Mosteiro, e quando vos vi, achei que vós seríeis as pessoas mais indicadas para contar a vossa linda história de amor.

D. INÊS

Não vos preocupeis, doce clarissa. É com todo o gosto que contaremos um pouco da nossa história a estes jovens súbditos.

D. PEDRO

Bom, como sabeis, este local foi mandado construir pela minha querida avó, a Rainha Santa Isabel. Foi aqui que eu e esta bela senhora, que se encontra a meu lado, vivemos este amor proibido.

D. INÊS

Infelizmente, já não é possível verem o Paço Real. O que resta como vestígio é esta janela.

D. Inês aponta para a janela.

Mas como podem imaginar era um edifício imponente, e foi neste sítio que o meu sogro D. Afonso IV mandou os carrascos assassinares-me.

D. PEDRO

Nunca perdoarei o meu pai por tal acto! Mas enfim, sei que vós ainda tendes muito para visitar, por isso vamos deixar que a freira vos leve, pois queremos recordar os bons momentos que aqui passámos.

FREIRA

Freira faz vénia aos reis e incita as crianças a fazerem o mesmo.

Só vos temos a agradecer por nos contarem a vossa belíssima história, vossas altezas. Não perturbemos, então, este maravilhoso casal real.

Vamos agora conhecer a Horta Monástica, que no meu tempo não se encontrava aqui. Recordam-se de quando vos mostrei a maquete? Lembram-se onde ficava a horta? Delimitava o espaço muralhado do Mosteiro. O que vamos ver agora é apenas uma réplica da nossa horta. Lá plantávamos alguns alimentos para comermos. Éramos muito saudáveis, nós! Queríamos estar saudáveis, por isso comíamos muitos legumes... Às vezes também éramos gulosas, e fazíamos uns docinhos, os chamados doces conventuais.

A freira dirige-se com o público até ao miradouro, onde poderão observar a igreja, que irão visitar posteriormente. Depois, caminham em direcção à igreja, pela entrada da direita. Antes de entrarem, a freira detém-se para explicar aquela entrada.

FREIRA

Antes de entrarmos, vou explicar-vos que aqui era onde se enterravam as pessoas, era o adro (cemitério). E esta é a porta de acesso ao público, a chamada Porta dos Fiéis. Eu não posso entrar por aqui, só vocês, mas não contem a ninguém, está bem? Posso contar convosco para guardarem segredo? Obrigada!

Começa, então, a última parte da visita: a Igreja. À esquerda a freira aponta para o altar, zona onde se realizavam as missas, dá ênfase à questão da grade, que separava os fiéis das clarissas, mostrando a zona do coro alto.

FREIRA

Recordam-se de eu vos ter falado da Rainha querer ser sepultada no Mosteiro? Ora, ainda este ano [2016] as águas do rio Mondego invadiram o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, por causa das cheias. Vocês acham que isso também acontecia quando eu morei aqui com as outras clarissas? Sim, aconteceu, muitas vezes! Por isso, a Rainha D. Isabel mandou construir outro piso, o piso superior que vamos visitar agora, e era lá que estava o túmulo da Rainha.

A freira começa a encaminhar o público para o piso superior. Aí, chama a atenção para o local onde estaria o túmulo da Rainha, enunciando o escultor do mesmo: Mestre Pêro. Depois, explica que devido às cheias sucessivas, as clarissas tiveram de “mudar de casa”, passando a viver no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova (sublinhando que será o local a visitar depois do almoço), e tendo sido o túmulo da Rainha transportado para lá, onde ainda hoje se encontra.

A freira conduz o público de volta, para explicar brevemente as ruínas (claustro): do lado direito era o dormitório, do lado esquerdo o refeitório, em frente era a sala do capítulo (onde se faziam as reuniões e tomadas de decisão). Chama, ainda, a atenção para o claustro que ainda está por descobrir/escavar, mais à frente.

Termina, assim, a visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, dando-se início à realização do quizz e a sua correcção, na Igreja do Mosteiro.

A actriz Daniela Proença dirigir-se-á até à entrada do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova para encaminhar o público. Estará vestida de freira, encarnando a figura de uma clarissa, de nome Hilária.

FREIRA

Boa tarde, meninos e meninas! Como é que estão? Estão bem-dispostos? Eu sou a freira Hilária e estou aqui hoje para vos falar um bocadinho da minha história. Sabem o que é que vêm visitar, hoje? Sim, é o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova! Já conhecem o Mosteiro? Hoje vamos fazer uma visita guiada pelo Mosteiro, para ficarem a conhecer este local que tem tanta história, em Coimbra. Preparados?

Pausa para intervenção do público

FREIRA

Ainda antes de começar a visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, vou falar-vos um pouco do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o local que eu abandonei, tendo-me mudado para aqui.

D. Mor Dias era uma dama nobre, que decidiu recolher-se num convento. Mais tarde, decide fundar um mosteiro, em 1286, dedicado a Jesus Cristo, à Virgem, a Santa Isabel da Hungria e a Santa Clara, que é o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Conseguem vê-lo, lá embaixo?

Aquela foi a minha primeira casa há muitos, muitos anos atrás, é verdade, meninos e meninas.

Quando D. Mor Dias morre, geram-se alguns conflitos e o Mosteiro fica “ao abandono”, tendo a Rainha D. Isabel refundado o Mosteiro, em 1314. D. Isabel compra alguma área de terreno junto ao Mosteiro, para aí construir outro edifício. E como era profundamente crente e religiosa, e tinha muita estima pelo Mosteiro, queria que o mesmo tivesse as melhores condições possíveis. A Rainha Santa Isabel mandou construir aquele antigo edifício para eu e as minhas irmãs termos um bonito sítio para viver. Mas infelizmente não vivemos lá muito tempo. No ano de 1677, o Rio Mondego inundou o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, obrigando a minha comunidade a abandonar o local.

O Rei D. João IV, sabendo das más condições em vivíamos, encarregou-se de patrocinar a construção deste novo Mosteiro no Monte de Nossa Senhora da Esperança, que é onde nos encontramos.

Vamos, então, iniciar a nossa visita!

A freira encaminha o público para a entrada do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

FREIRA

Meninos, vou agora fazer-vos um pedido, vão ter de falar muito baixinho...! Está bem? Estamos combinados?

Pausa para intervenção do público

FREIRA

Oh! Olhem! É a Rainha Santa Isabel! Nossa Majestade deu-nos o privilégio da sua presença!

Observa-se ao longe, na igreja, a actriz Beatriz Melo, vestida de rainha, encarnando a Rainha Santa Isabel

RAINHA

Boa tarde, meus jovens súbditos...! Sabem quem eu sou? Eu sou a Rainha Isabel de Aragão, vim do Reino de Aragão, e nasci em 1270. Vim para Portugal para casar com o rei D. Dinis.

Já ouviram falar deste grande Rei? D. Dinis meu esposo, ficou conhecido pelo cognome de “O Lavrador”, por ter sido um dos grandes impulsionadores da agricultura em Portugal. Algum de vocês já visitou o Pinhal de Leiria? Foi o meu querido esposo que o mandou ampliar. Para além de tudo isto, ele era também um belíssimo poeta e trovador, sendo considerado um dos mais cultos reis que Portugal viria a ter. Já visitaram a Universidade? Foi ele o responsável pela sua transferência para a nossa bela cidade de Coimbra. No final da visita a querida irmã Hilária já vos irá mostrar onde fica a Universidade.

Mas chega de falar do meu querido esposo, eu estou aqui para vos falar deste belíssimo espaço onde nos encontramos.

Como sabem, eu fui Rainha de Portugal. Fui casada durante 44 anos. Ainda se lembram do nome do meu amado Rei? Depois do meu querido esposo falecer, no ano de 1325, decidi fazer uma viagem de peregrinação a Santiago de Compostela, onde me despojei dos meus bens de Rainha. De volta a Coimbra, passei a vestir o hábito de Santa Clara, como sinal de tristeza e humildade, e a viver no Paço Real de Santa Clara-a-Velha. Foi nesse local que permaneci até ao ano de 1336. Durante uma viagem a Estremoz, fiquei muito doente e acabei por falecer, e o meu corpo foi trazido até Coimbra, e depositado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, mas devido às constantes cheias, as minhas queridas clarissas trouxeram-me para aqui.

Agora que já sabem um bocadinho da história da minha vida, o que acham de eu e a nossa querida irmã Hilária vos mostrarmos a belíssima igreja do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova?

FREIRA

Obrigada minha Rainha, muito obrigada por me deixardes acompanhar a visita destes meninos com vossa alteza.

De seguida a rainha e a freira Hilária encaminham o público para a Igreja, onde chamam a atenção para o facto de se encontrarem num local de culto religioso onde devem permanecer em silêncio, até que se justifique o contrário. Depois de todos estarem na Igreja, a Freira deverá pedir que se sentem de forma ordeira nos primeiros bancos, de modo a conseguirem observar o túmulo de prata.

RAINHA

Encontramo-nos agora na Igreja do Mosteiro, já cá tinham estado? É muito bonita, não é?

Eu mandei construir um belíssimo túmulo de pedra para mim, que se encontrava no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, e encomendei-o a Mestre Pêro. Quando as clarissas se mudaram para o este novo edifício, também as minhas relíquias e túmulo foram trazidos.

Se olharem para o altar *(aponta para o Altar)* vão ver um túmulo de prata e cristal, construído a mando do Bispo D. Afonso de Castelo Branco, para receber os meus restos mortais.

Os artistas deste belo objecto que se encontraria pronto no ano de 1614, foram os ourives de Lisboa, Domingos Vieira e Miguel Vieira.

Podem ainda ver o magnífico retábulo-mor em talha dourada, feito por Domingos Lopes, e Manuel Moreira. O retábulo é aquela estrutura que recebe o meu túmulo, onde vemos os caixotões dourados, atrás da estrutura de cristal.

A rainha mostra onde se encontram os caixotões e o túmulo de Cristal podendo ir falando à medida que se desloca das diversas formas e estilo construtivo em que se enquadram.

(é uma obra que se insere no classicismo do século XVII, decorada com múltiplos ornamentos de gosto maneirista, em que se salientam os grotescos, entrelaçados em liso sobre fundo pontilhado a punção, e as máscaras, vasos de flores e meninos, mais claramente flamengos, que se distribuem pela tampa, sendo merecedores de especial atenção os capitéis, de folhinhas de acanto finamente cinzeladas e repuxadas...)

Pede para que o público observe a igreja atentamente, dando destaque aos diferentes retábulos e pinturas, destacando o conjunto da capela-mor atribuído a Vincenzo Bacherelli, onde se podem observar alguns episódios da vida da Rainha Santa. De seguida, a Freira Hilária pede que a sigam até a zona onde se encontra a grade.

FREIRA

Reparem bem meninos, esta é a grade de ferro que servia para separar as irmãs clarissas do resto da população que vinha assistir à missa. A grade que aqui vemos é o simbolo de clausura que encontramos em todos os mosteiros femininos. Depois de ingressar para um mosteiro feminino, eu e as minhas irmãs não podíamos contactar com o exterior. Levávamos uma vida dedicada à oração e tínhamos um livro que nos dizia como é que podíamos viver, o que é que podíamos e não podíamos fazer. Esse livro chamava-se *A Regra*.

A Rainha pede para a seguirem até ao coro baixo, onde pede ao público para se colocar em frente ao túmulo.

RAINHA

Meus súbditos... encontramos-nos agora no chamado coro baixo, local que era reservado apenas à comunidade enclausurada, e onde se encontra o meu primitivo túmulo de pedra.

FREIRA

Era neste espaço que eu e a minhas irmãs assistíamos à missa

A Rainha pede que se aproximem e observem o túmulo.

RAINHA

Reparem com atenção! Ainda se lembram do nome do escultor que fez esta obra? Sim? Então qual era o nome desse Senhor?

Exactamente, Mestre Pêro.

Aqui neste bloco de calcário podem observar uma estátua jacente. Sabem quem é a pessoa representada aqui? Sou eu, a vossa Rainha Isabel, vestida com o hábito de religiosa. O hábito de clarissa com o qual me fiz aqui representar, comecei a usar depois da morte do meu amado D. Dinis. Podemos também observar uma bolsa de moedas decorada com uma vieira e com a cruz, que representam as viagens que fiz a Santiago de Compostela, assim como o bordão que seguro com o braço direito.

A Rainha explica vagamente o significado de peregrinação e da sua viagem a Santiago de Compostela.

RAINHA

Para além de uma vida de pobreza e humildade que vivenciei nos últimos anos de vida, não podia deixar de representar neste belo túmulo o meu poder enquanto vossa Rainha. Assim,

conseguem ver que estou a usar a minha coroa, e nas laterais vêem representados os escudos régios de Portugal e de Aragão.

Estas pequenas figuras aqui presentes, são Jesus, ao centro, e os doze apóstolos.

A atriz encaminha agora os alunos até à sala de exposição, onde podem observar as diferentes relíquias da Rainha.

FREIRA

Aqui podem observar algumas peças do tesouro real da Rainha. São muito bonitas, não são?

RAINHA

Eu era uma Rainha com muito dinheiro, e sempre gostei de ajudar o meu povo. Durante o meu reinado, tentei ajudar o maior número de pessoas que consegui, praticando a esmola, fazendo oferendas, prestando cuidados, curas e até milagres.

FREIRA

Conhecem algum milagre que a Rainha tenha feito?

Pausa para intervenção do público

FREIRA

Então venham comigo para a Nossa Bela Rainha vos contar um dos seus milagres.

Deslocam-se depois até aos claustros, onde as crianças devem andar livremente pelo espaço. A Rainha pede para que se juntem para contar a Lenda do Milagre das Rosas.

FREIRA

Como vocês já sabem, a nossa Rainha era muito boazinha, e gostava muito de ajudar as pessoas mais pobres e doentes.

RAINHA

É verdade meninos, eu ajudava sempre as pessoas mais necessitadas. Sempre que esteja ao vosso alcance devem ajudar o próximo.

Certo dia, decidi sair do meu belo castelo para dar uma caminhada e distribuir pães e esmolas pelos mais necessitados.

Mas dizia-se pelo reino que eu andava a gastar demasiado dinheiro do tesouro real, vejam lá os invejosos que eles eram. Então, eu tinha de levar estes presentinhos muito bem escondidos no meu regaço, para ninguém ver. *(mostra um pãozinho)*

O meu amado D. Dinis, desconfiado do que eu andava a fazer, veio ter comigo e perguntou-me onde ia eu numa manhã tão fria de Inverno, e o que levava no regaço.

Entra D. Dinis, interpretado por Marcelo Leitão. A Freira desloca-se para trás do público.

D. ISABEL

Oh não! Aproxima-se D. Dinis! E agora o que poderei fazer!??

D. DINIS

Senhora, onde ides com este frio sozinha? Devíeis estar recolhida no castelo.

D. ISABEL

[apanhada desprevenida]

Meu senhor!? Não sabia que também tínheis vindo caminhar. Vou ao Mosteiro, enfeitar os altares. Estão muito despidos.

D. DINIS

[desconfiado]

E que levais no regaço?

D. ISABEL

[nervosa]

Nada, meu senhor, nada que vos deva preocupar. Tendes tanto em que pensar, agora que estais a tratar da transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra... Não vos preocupeis comigo, meu Rei.

D. DINIS

[firme]

Dizei-me o que levais no regaço!

D. ISABEL

[angustiadã]

São rosas, meu senhor!

D. DINIS

[enraivecido]

Estais a mentir! Estais a mentir ao vosso rei, e vosso esposo! Abri o manto **IMEDIATAMENTE**, e mostrai o que aí tendes escondido!

[D. Isabel abre o manto e revela o que traz escondido no regaço: rosas. Caem rosas.]

D. DINIS

[estupefacto]

Como é possível...?! Rosas em Janeiro...?!

[*Pausa*]

Perdoai-me, senhora. Perdoai este pobre Rei que não acreditou em vós.

D. ISABEL

[*calmamente*]

Meu senhor, não vos preocupeis mais com este assunto... Sentai-vos comigo e vinde conhecer estes simpáticos meninos que vieram conhecer os Mosteiros.

D. DINIS

Com certeza, senhora. É um prazer conhecer-vos (*dirigindo-se às crianças*).

D. ISABEL

O pão e esmolas que trazia no regaço transformaram-se em verdadeiras rosas. É mesmo verdade, meninos. Querem ver? (*mostra e distribui as rosas*)

D. DINIS

Foi por este e mais alguns milagres, por sempre ter praticado o bem e ajudado os desfavorecidos, que o meu povo passou a considerar a minha amada rainha, Santa.

D. ISABEL

Mais tarde, o rei D. Manuel, no ano de 1556, pediu a minha beatificação ao Papa Leão X, e no ano de 1625, o Papa Urbano VIII canonizou-me, passando a ser chamada desde então, de Rainha Santa Isabel, Padroeira de Portugal.

D. DINIS

Gostaram, meninos e meninas?

D. ISABEL

Agora que já conhecem a história deste belo edifício e do meu milagre o que acham, então, de responderem a umas perguntinhas? Vamos ver qual de vós é que ficou a saber mais!


Acabada a visita a Santa Clara-a-Nova, a Rainha, D. Dinis e a freira distribuem o quizz pelos alunos que se encontram no claustro da mesma. Depois de preenchidos e corrigidos, os alunos poderão levar consigo os quizz como lembrança deste dia. A Rainha e D. Dinis despedem-se no claustro enquanto a Freira acompanha o público até à saída, onde mostra a Universidade e se despede e agradece a presença de todos.

O Rei e a Rainha juntam-se, um pouco mais tarde ao grupo, para também eles se despedirem e agradecerem a presença de todos.

FIM

Anexo XII

Quizzes



Quizz

Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

Mosteirando por um dia

1) Quem foi a primeira fundadora do Mosteiro?

D. Mor Dias D. Isabel

2) Como se chamava a Ordem Religiosa que habitou até ao século XVII no Mosteiro?

Ordem de Santa Clara Ordem dos Crúzios

3) Qual o nome do livro que ditava o dia-a-dia das clarissas?

A Ordem A Regra

4) Onde é que as clarissas plantavam as ervas que eram usadas para tratarem doenças?

No Paço da Rainha Na Horta Monástica

5) Devido a que factor tiveram de sair de Santa Clara-a-Velha as clarissas?

Cheias Calor

Resultados:
0 – 1 respostas certas: Não estiveste atento(a) à visita! Para a próxima queremos que acertes todas as respostas!
2 – 3 respostas certas: Estás quase lá! Pode-se dizer que já sabes algumas coisinhas sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha!
4 – 5 respostas certas: Parabéns, acertaste todas as respostas! Pode-se dizer que és um ás no que toca aos conhecimentos sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha!



Quizz

Mosteiro de Santa Clara-a-Nova

1) Qual o nome do Rei que mandou construir um novo Mosteiro para a Ordem Religiosa de Santa Clara?

D. João IV

D. João V

2) De quem é o túmulo-relicário que se pode visitar no Mosteiro?

D. Isabel

Inês de Castro

3) Quem esculpiu o túmulo da Rainha Santa Isabel?

Mestre Miguel

Mestre Pêro

4) Isabel de Aragão além de rainha, também era peregrina. Qual foi o local de peregrinação mais importante a que se deslocou?

Lisboa

Santiago de Compostela

5) Qual o milagre associado à Rainha Santa Isabel?

Rosas

Tulipas

Resultados:

0 – 1 respostas certas: Não estiveste atento(a) à visita! Para a próxima queremos que acertes todas as respostas!

2 – 3 respostas certas: Estás quase lá! Pode-se dizer que já sabes algumas coisinhas sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova!

4 – 5 respostas certas: Parabéns, acertaste todas as respostas! Pode-se dizer que és um ás no que toca aos conhecimentos sobre o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova!

Anexo XIII

Planeamento da actividade *Mosteirando por um Dia*

No dia 12 de Fevereiro apresentámos a proposta à Doutora Catarina Leal e à Doutora Ângela Alves. Com um parecer positivo da parte das duas responsáveis, foi enviada a proposta ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova no dia 18 de Fevereiro e apresentada, pessoalmente, no âmbito de uma reunião, ao Senhor Presidente da Confraria da Rainha Santa Isabel, no dia 9 de Março.

A Doutora Ângela Alves sugeriu, de imediato, que incluíssemos a actividade no evento *Coimbra a Brincar*⁷³, levado a cabo pela Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra (APCC), nos dias 27 e 28 de Maio, proposta essa que apresentámos ao MSCN. Nessa reunião, não recebendo uma resposta definitiva, apercebemo-nos de que o Sr. Presidente estava algo reticente à participação do MSCN, dado que, por ser uma instituição privada, esta subsiste, apenas, das receitas provenientes das visitas, e o *Coimbra a Brincar* é um evento obrigatoriamente gratuito. Ficámos a aguardar uma resposta por parte do MSCN, pois o Sr. Presidente pretendia reunir com os restantes mesários.

No dia 16 de Março foi necessário enviar a programação para a APCC, e como não tínhamos obtido mais nenhuma resposta por parte do MSCN, pressupusemos que não estariam interessados e que teríamos de agendar outro dia para a actividade, pelo que decidimos adoptar o *Mosteirando por um Dia* apenas no MSCV.

No dia 31 de Março, fomos novamente contactados pelo MSCN, que manifestou o seu interesse em que a actividade fosse integrada no *Coimbra a Brincar*, não sendo já possível a participação neste evento. Nesse dia, definimos, então, a data de realização para a actividade (1 de Maio), tendo em consideração a disponibilidade de ambas as entidades. De seguida, redigimos uma Informação de

⁷³ Inicialmente, planeei falar da iniciativa *Mosteirando por um Dia* integrada no *Coimbra a Brincar* mais adiante, bem como do evento em si, mas o mesmo não se verificou ser possível devido à falta de tempo para a sua integração no relatório. Ainda assim, é de referir que a actividade fez parte da programação do evento, com a sua realização nos dias 27 e 28 de Maio, da parte da manhã (11h00 – 12h30) e da parte da tarde (15h00 – 16h30), apenas no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Das 10h00 às 10h30 realizou-se uma nova edição de *Isto São Coisas de Fantoches!* com a Lenda do Brasão da Cidade de Coimbra.

O *Coimbra a Brincar* é um evento realizado pela APCC, com diversas actividades para diferentes públicos-alvo, todas elas gratuitas, e que vai “pôr Coimbra a (re)descobrir o prazer do brincar (...) Do programa fazem parte jogos tradicionais gigantes, experiências científicas, demonstrações caninas, peças de teatro, atuações musicais, desafios lúdicos, visitas pedagógicas e muito mais.” (Disponível em: <http://www.apc-coimbra.org.pt/?p=4719>). A APCC e os seus parceiros irão, assim, celebrar o Dia Internacional do Brincar (28 de Maio).

Serviço para posterior entrega à Sra. Directora Regional, no dia 1 de Abril, tendo em vista a aprovação da actividade.

Foi feito o recrutamento dos actores para participação na iniciativa, tendo terminado esse processo no dia 8 de Abril, dia em que também contactámos com uma designer gráfica para a elaboração do cartaz da actividade. No dia 11 de Abril reunimos com os actores escolhidos, os papéis foram distribuídos pelos mesmos, e calendarizaram-se ensaios e provas de figurino.

No dia 12 de Abril fomos contactadas por uma das funcionárias da cafetaria do MSCV, que nos comunicou de que a Coordenadora a informara de que existia a possibilidade de o Mosteiro estar encerrado no dia 1 de Maio, bem como do facto de que a actividade ainda não tinha sido aprovada pela Sra. Directora Regional.

No dia 15 de Abril recebemos a confirmação de que o Mosteiro estaria encerrado. Assumimos, então, que a única possibilidade seria a de fazer a actividade no dia 1 de Maio apenas no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. Sugerimos, ainda assim, a alteração da data para o dia 30 de Abril, mas não tendo obtido resposta até ao dia 18, reagendámos os ensaios apenas para o MSCN, e pedimos a alteração do cartaz.

No dia 19 de Abril fomos contactadas pelo MSCV que manifestou o maior interesse em que a actividade se concretizasse, mas apenas no dia 30.

Diligenciámos, para que a data pudesse ser alterada, mas um dos nossos actores revelou que não estaria disponível nesse dia. Comunicámos essa informação à Doutora Ângela, que conseguiu encontrar um actor substituto, e voltámos a tentar contactar o MSCN para nos dar uma resposta acerca desta data. O MSCN informou-nos de que não haveria nenhum inconveniente em fazer a actividade no dia 30, mas que só poderia ser da parte da manhã. Entendemos, como organizadoras, que essa não seria a melhor opção, a partir do momento em que se pretendia fazer uma viagem temporal, uma visita ao passado, e dado que o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova só foi construído depois do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, devido às cheias, não fazia muito sentido inverter a ordem da visita a estes monumentos, pois poderia tornar-se prejudicial e confuso para o nosso público-alvo.

Devido às dificuldades e às vicissitudes enfrentadas para agendar o evento na data que tínhamos previsto, surgiu-nos, então, a ideia de concretizar a actividade em dois dias separados: no dia 30 no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pelas 14h30, com o custo de 2,50€, e no dia 1 de Maio no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, à mesma hora e com o mesmo preço. Tivemos de reagendar, novamente, os ensaios, agora com um novo elemento que iria colaborar no dia 30, e tivemos de pedir, mais uma vez, a alteração dos cartazes.

Anexo XIV

Cartaz *Mosteirando por um Dia*



Mosteirando por um dia

Um dia pelos Mosteiros de Santa Clara
Vem conhecer as casas das clarissas e da Rainha Santa

Visita teatralizada

Local	Atores
Mosteiro de Santa Clara-a-Velha	Beatriz Melo
30 de abril das 14h00 às 15h30	Daniela Proença
Mosteiro de Santa Clara-a-Nova	Marcelo Leitão
1 de maio das 14h00 às 15h30	
	Taxa de participação
	5€
	30 abril 2,50€
	1 maio 2,50€
	Público-alvo dos 7 aos 12 anos

design: carla melo
www.bonnieregistrada.com

Marcação Beatriz Barroca
(+351) 926 094 031
Marta Lourenço
(+351) 925 876 678

mosteirandoporumdia
@gmail.com
Limite de participantes
12 min / 20 máx



Anexo XV

Fotografias *Mosteirando por um Dia*

